LUMEN FLUENS
ESTUDOS COMPARADOS

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E O ESTOICISMO: ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado II

GOIÂNIA

2026

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E O ESTOICISMO:
ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado II

Estudo Comparado II da série “Onde nos tocamos, onde nos separamos”, do Lumen Fluens, sobre o Cânon v1.2, refeito no formato completo da série em novembro de 2026. Versão 1.1, com as decisões do fundador de 3 de novembro de 2026. Preparado com assistência de inteligência artificial (Claude, Anthropic) sob direção e revisão do autor.

GOIÂNIA
2026

A luz não se acende — ela se revela.

Cânon Lumen Fluens, v1.2, Os Quatro Pilares, I

RESUMO

Este estudo compara a filosofia de vida Lumen Fluens, em seu Cânon v1.2, com o estoicismo, seguindo o princípio da série de Estudos Comparados: apresentar a doutrina visitada em sua melhor forma e só depois marcar as fronteiras. É a refação, no formato completo da série, da Ficha que servia de Estudo II desde outubro de 2026. A Stoa é exposta por Sêneca, no latim — as Cartas a Lucílio, Sobre a ira, Da clemência, Sobre a providência —, por Epicteto e Marco Aurélio, no grego — o Encheirídion, as Diatribes, as Meditações —, pela Stoa antiga de Diógenes Laércio, Cícero e Cleantes, e pela tradição que a lê, de Agostinho a Hadot, Foucault e Arendt. Encontra dez pontos de contato (o rio de Heráclito e o Flumen; o exame noturno e o Examinar; Sócrates como modelo; o que depende de nós e o Portar; a cidade comum e as Águas Comuns; o retiro em si e a margem; a alegria do figo maduro e a celebração; amar os que erram e a luz devida ao outro; os exercícios e a Regra de Vida; a centelha e a luz que se revela) e nove fronteiras (a centelha nomeada e a Lux sem nome; a providência e a Vigília; a misericordia, a clementia e a Regra da Misericórdia; a alegria severa e a dança; o sábio que não precisa e o Abrigo que deve; a razão como dono da cidade e o rio de ninguém; o erro por ignorância e o lobo; o progresso e a revelação; a porta aberta e a Vigília que fica). Mede a Ficha de outubro frase a frase, corrige nove afirmações sem letra e propõe uma Ficha reescrita. Propõe a fórmula “o Lumen Fluens aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento”, e entrega ao fundador dez questões novas, decididas em 3 de novembro de 2026 com a fórmula e a Ficha. Toda citação traz localização e marcador de verificação; nenhuma edição brasileira ou portuguesa foi aberta por inteiro.

Palavras-chave: estoicismo; Lumen Fluens; exame; consentimento; providência; misericórdia; filosofia comparada.

ABSTRACT

This study compares the philosophy of life Lumen Fluens, in its Canon v1.2, with Stoicism, following the principle of the Comparative Studies series: to present the visited doctrine in its best form and only then to draw the borders. It remakes, in the full format of the series, the sheet that had served as Study II since October 2026. The Stoa is expounded from Seneca, in Latin — the Letters to Lucilius, On Anger, On Clemency, On Providence —, from Epictetus and Marcus Aurelius, in Greek — the Encheiridion, the Discourses, the Meditations —, from the early Stoa of Diogenes Laertius, Cicero and Cleanthes, and from the tradition that reads it, from Augustine to Hadot, Foucault and Arendt. It finds ten points of contact (the river of Heraclitus and the Flumen; the evening examination and the Examining; Socrates as model; what depends on us and bearing; the common city and the Common Waters; the retreat into oneself and the bank; the joy of the ripe fig and celebration; loving those who err and the light owed to the other; the exercises and the Rule of Life; the spark and the light that reveals itself) and nine borders (the named spark and the unnamed Lux; providence and the Vigil; misericordia, clementia and the Rule of Mercy; stern joy and the dance; the sage who needs no one and the Shelter that owes; reason as master of the city and the river that is no one’s; error by ignorance and the wolf; progress and revelation; the open door and the Vigil that stays). It measures the October sheet sentence by sentence, corrects nine claims without textual basis and proposes a rewritten sheet. It proposes the formula “Lumen Fluens accepts from the Stoa the examination and refuses consent”, and hands the founder ten new questions, decided on 3 November 2026 together with the formula and the sheet. Every quotation carries a location and a verification marker; no Brazilian or Portuguese edition was opened in full.

Keywords: Stoicism; Lumen Fluens; examination; consent; providence; mercy; comparative philosophy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[V-pt: tradutor] / [V-en: tradutor] / [V-es]	citação conferida em edição portuguesa, inglesa ou espanhola nomeada
[V-la] / [V-gr]	citação conferida no latim (The Latin Library) ou no grego (Perseus) do original
[V via secundária: autor]	citação lida por intermédio de outro autor, nomeado no Apêndice A
[tradução do estudo]	tradução de trabalho feita pelo estudo, com o original nas Fontes
[paráfrase]	sentido fiel ao texto; palavras do estudo
[tese a confirmar] / [localização a confirmar] / [página a confirmar]	o que ainda falta conferir
[leitura do estudo] / [inferência do estudo] / [hipótese do estudo]	marcas de autoria do estudo, distintas das três vozes
[Ficha, não cânon]	frase da Ficha de outubro de 2026, apontamento do fundador que o estudo mede e que a Ficha reescrita substitui
decisão n.º 1–7	decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII
decisão n.º 1–12 (19/10)	decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII
decisão n.º 1–13 (23/10, Estudo IX) / 1–10 (23/10, Estudo X)	decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre os Estudos IX e X
decisão n.º 1–11 (31/10, Estudo XI) / 1–11 (31/10, Estudo XII) / 1–12 (31/10, Estudo XIII)	decisões do fundador de 31 de outubro de 2026 sobre os Estudos XI, XII e XIII
decisão n.º 1–12 (3/11, Estudo II)	decisões do fundador de 3 de novembro de 2026 sobre este estudo, numeradas na seção 1.2
decisão n.º 1–12 (3/11, Estudo I)	decisões do fundador de 3 de novembro de 2026 sobre o Estudo I, escrito em paralelo
Cânon v1.2	Cânon do Lumen Fluens, versão 1.2 (agosto de 2026), texto publicado
ta eph' hēmin	o que depende de nós, em Epicteto; ao lado do Portar
***misericordia* / *clementia* / Regra da Misericórdia / graça**	quatro coisas que a palavra “misericórdia” nomeia, nenhuma a outra
apatheia* / *eupatheiai	a ausência de paixão e os afetos bons do sábio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO 10
1.1 Como ler este estudo 12
1.2 Decisões do fundador (versão 1.1, 3 de novembro de 2026) 16
1.3 O que a Ficha dizia e o que a série já disse 18
2 O ESTOICISMO EM SUA MELHOR FORMA 19
2.1 A Stoa em quinze linhas 19
2.2 O que depende de nós 19
2.3 As paixões e as *eupatheiai* 20
2.4 A virtude como único bem 21
2.5 A natureza, o destino e o consentimento 22
2.6 O deus imanente, o *logos*, a centelha e o *daimon* 23
2.7 A *oikeiōsis* e a cidade comum 24
2.8 Os exercícios e o cuidado de si 25
2.9 O exame noturno e Sócrates como modelo 26
2.10 A *clementia* e a *misericordia* 27
2.11 A morte e o que a Stoa deixa em aberto 28
2.12 O que um leitor do Lumen Fluens deve levar daqui 29
3 ONDE NOS TOCAMOS 30
3.1 O rio de Heráclito e o Flumen 30
3.2 O exame noturno e o Examinar 30
3.3 Sócrates como modelo 31
3.4 O que depende de nós e o Portar 32
3.5 A cidade comum e as Águas Comuns 32
3.6 O retiro em si e a margem 33
3.7 A alegria do figo maduro e a celebração 34
3.8 “Amar até os que erram” e “há uma luz devida ao outro” 34
3.9 Os exercícios e a Regra de Vida 35
3.10 A centelha e “a luz não se acende — ela se revela” 36
4 ONDE NOS SEPARAMOS 38
4.1 A centelha nomeada e a Lux sem nome 38
4.2 A providência e a Vigília que não promete vitória 39
4.3 A *misericordia* recusada, a *clementia* e a Regra da Misericórdia 41
4.4 A alegria severa e a dança 42
4.5 O sábio que não precisa e o Abrigo que deve 43
4.6 A razão como dono da cidade e o rio *nullius* 44
4.7 O erro por ignorância e o lobo que deve justiça 45

4.8 O progresso e a revelação 46
4.9 A Vigília que fica 47
4.10 A Ficha corrigida 47

5 O ESTOICISMO DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE 49
5.1 Hegel 49
5.2 Levinas e Ricoeur 50
5.3 Platão e Sócrates 51
5.4 Aristóteles 51
5.5 Agostinho 52
5.6 Arendt 53
5.7 O cristianismo além de Agostinho, o existencialismo e Nietzsche 54
5.8 O budismo, o Vedanta, o taoismo e o estoicismo moderno 55
5.9 O padrão 56

6 A FICHA E AS PRÉVIAS: O QUE A SÉRIE JÁ DISSE DO ESTOICISMO 57
6.1 A Ficha do Estudo II, toque a toque e fronteira a fronteira 57
6.2 As três decisões que já mandaram matéria à Ficha 60
6.3 As sete seções dos Estudos VII a XIII sobre a Stoa 60
6.4 A Ficha reescrita: proposta ao fundador 61

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS 63
7.1 O que o estudo encontrou 63
7.2 A fórmula 64
7.3 Questões abertas 65
7.4 O que a Stoa oferece 68
7.5 A lamparina 69

REFERÊNCIAS 71

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO 88

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES 114

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO 118

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial o Examinar (o exame noturno de Sêneca; Sócrates como modelo de Sêneca e de Epicteto), o Portar e a Mutatio (os encargos nossos; o consentimento ao destino), a Regra da Misericórdia (a *clementia* e a *misericordia* recusada), o Corpus e a celebração (a *apatheia* e os afetos bons), o Abrigo e as Águas Comuns (a *oikeiōsis*, a cidade comum), a margem (o retiro em si), a Lux (a centelha da Stoa e a luz sem nome), a Vigília e o lobo (a providência; o erro por ignorância), a Regra de Vida (os exercícios)
Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.
Versão 1.1, 3 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 3 de novembro de 2026.

O estoicismo é a segunda casa da série e a que mais se parece com o cânon na oficina. A Ficha de outubro dava ao Examinar um ancestral no exame noturno que Sêneca aprendeu de Sêxtio (*Sobre a ira*, III, 36; ver 2.9), ao Portar um parente no que são "encargos nossos" em Epicteto (*Encheirídion*, 1, 1; ver 2.2), e ao Flumen o mesmo Heráclito de Marco Aurélio, para quem o *aiōn* é "uma corrente violenta" (*Meditações*, IV, 43; ver 2.5). A letra do cânon não diz nada disso, e este estudo trata as três pontes como oficina comum, não como genealogia [inferência do estudo]. Nenhuma outra casa tem tantas ferramentas de oficina que se pareçam com as do cânon, e nenhuma é tão fácil de confundir com ele. Por isso a fronteira pede mais fineza do que a Ficha de outubro lhe deu, e por isso este estudo existe.

Este é um estudo refeito. O Estudo II existia desde outubro de 2026 como Ficha na Biblioteca do site: quatro toques (o rio como herança comum; o *logos* como "participação num princípio que nos excede"; o exame noturno, "tribunal lá, misericórdia aqui"; portar o involuntário) e três fronteiras (*apatheia* × celebração, "desconfiamos de uma sabedoria que não dança"; *amor fati* × mensagem; autossuficiência × Abrigo, "cidadela interior, não; casa de portas abertas").

Em 3 de novembro de 2026 o fundador decidiu refazer os Estudos I a VI no formato completo da série — integral, resumo trilíngue, fórmula e decisões —, dois por vez, na ordem da numeração, antes do Estudo XIV; o Estudo I, sobre o budismo, foi escrito em paralelo a este. A numeração é a da série, mas a escrita vem depois do Estudo XIII: este estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 31 de outubro de 2026, e a letra dos Estudos VII a XIII, e trata a Ficha de outubro como ponto de partida a testar, não como autoridade. O que a conferência das fontes confirmou, confirma-se com a letra; o que corrigiu, corrige-se e registra-se (4.10 e 6.1), e a Ficha vale até o fundador dizer outra coisa.

Três decisões já tinham mandado matéria para esta Ficha, e entram aqui como material decidido, não como pergunta: Sócrates “como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar” (decisão n.º 8 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X; ver 3.3); a Ficha “recebe a recusa agostiniana da *apatheia*, como recebeu Sócrates” (decisão n.º 10 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII; ver 4.4 e 5.5); Catão e Epicteto, ao lado de Sócrates (decisão n.º 11 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XIII), com o material que Arendt neles lê (ver 3.6 e 5.6).

A tese de partida, que o estudo testou: a Stoa e o cânon têm a mesma oficina — o exame, o portar, o rio, a cidade comum, os exercícios — e dois modos de tratar o que há em cada um. O estoico o nomeia: as almas são “partes e pedaços” de deus e cada uma tem o seu *daimon* (Epicteto, *Diatribes*, I, 14, 6 e 12–14; ver 2.6) [V-gr; tradução do estudo]; “um espírito sagrado habita dentro de nós” (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 41, 2; ver 2.6) [V-la; tradução do estudo]; o *daimon* que Zeus deu a cada um é “fragmento de si mesmo” (Marco Aurélio, *Meditações*, V, 27; ver 2.6) [V-gr; tradução do estudo].

O cânon não o nomeia: a filosofia “não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver 4.1). A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um — razão, *logos*, deus, centelha, *daimon*, *spiritus* —, e o cânon deixa a Lux sem nome. O estudo não faz do *logos*, da centelha, do *daimon* nem da providência um nome da Luz, como a série não fez do sol, do intelecto agente, da luz imutável nem da pluralidade; registra a estrutura comum — o que se tem é dado, não fabricado, e está em cada um — e marca a fronteira (3.10, 4.1) [leitura do estudo].

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: a Stoa entra no Lumen Fluens pela oficina e encontra três fronteiras, a do nome, a da providência e a da mão. Entra pela oficina, porque o exame de Sêxtio, “Que mal teu curaste hoje?” (Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 1; ver 2.9) [V-la; tradução do estudo], e as duas perguntas do Examinar, “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), são a mesma prática ao fim do dia (3.2, 4.8); porque os “encargos nossos” e o Portar separam do mesmo modo o que vem do que se faz com o que vem (3.4).

Entra também porque o retiro de Marco Aurélio tem volta marcada e o retiro do cânon “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; 3.6); porque a cidade comum e as Águas Comuns dizem, as duas, que ninguém é só seu (3.5), e porque Marco Aurélio vê beleza no pão rachado e no figo maduro, e o cânon celebra com o corpo (3.7).

Encontra a fronteira do nome, porque a centelha é parte de um todo que a nomeia e a governa, e a Lux é de alguém (4.1). Encontra a fronteira da providência, porque Sêneca lê o mal por dentro de uma ordem do todo e a Vigília “promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”; ver 4.2). E encontra a fronteira da mão, porque o exame de Sêneca termina em “por agora te perdoo” (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 2.9) [V-la; V-pt via

secundária: Lohner, por Franco 2022; grafia a conferir], e quem perdoa é o próprio exame, enquanto na Regra da Misericórdia “a mão que retoma […] é o rio” (decisão n.º 4 de 17 de outubro de 2026; 4.3) [leitura do estudo].

Quatro correções à Ficha de outubro saem dessa resposta, e o estudo as diz como correção, sem ironia (4.10, 6.1). O exame de Sêneca não é tribunal: perdoa; e o Examinar “não é o exame de um juiz severo” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”) — “tribunal lá, misericórdia aqui” não se sustenta de nenhum dos dois lados. “*Amor fati*” é fórmula de Nietzsche, não da Stoa, que diz seguir e consentir ao destino: “o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência” (*Cartas a Lucílio*, 107, 11; ver 2.5) [V-la; V-pt: Dinucci]. “Cidadela interior, não” é meia-verdade: “cidadela” é a *akropolis* de *Meditações*, VIII, 48, e título de Hadot, mas o sábio “deseja ter amigo e vizinho e companheiro, ainda que baste a si mesmo” (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 2.7) [V-la; V-pt: Dinucci], e o cânon tem o retiro, com duas marcas, não a sua recusa.

E “a luz como participação num princípio que nos excede” não é letra do cânon: a Ficha juntou um parágrafo do Tratado da Luz Interior, dito em voz de Heráclito, a uma frase do Catecismo, e deixou cair a frase que os limita — a origem da luz é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; 4.1).

A quinta correção é de letra, não de tese: “desconfiamos de uma sabedoria que não dança” ignora os afetos bons do sábio, a alegria que Sêneca quer que “nasça em casa” e chama “coisa séria” (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4; ver 4.4) [V-la; tradução do estudo]; a fronteira existe, e é outra (4.4). São quatro correções de fundo, cinco com a de letra; o capítulo 4 as conta como nove afirmações sem letra (4.10), e o capítulo 6, frase a frase.

O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la, uma fórmula: **o Lumen Fluens aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento** (7.2). Aceita o exame como prática, com Sócrates por modelo de Sêneca e de Epicteto (decisão n.º 8 de 23 de outubro de 2026 sobre o Estudo X): a revista do dia ao fim do dia, com perguntas, antes do sono. Recusa o consentimento como atitude diante do que vem — não a serenidade nem a alegria do estoico, que ficam com ele como material, mas o assentir ao destino como ordem a que se diz sim —, porque a letra do cânon tem outro verbo, o Portar (Catecismo, 14; ver 3.4).

O estudo pesou “recusa a providência” e a deixou de lado, porque a decisão n.º 7 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII fixa que o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua, e pesou “recusa a centelha nomeada” e a deixou de lado, porque nomearia a Luz por contraste. A escolha entre as três letras é a pergunta (bo) de 7.3 [leitura do estudo].

1.1 Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. A Stoa diz o que está nas obras, citado e localizado por autor, obra, livro e seção, com a edição e a página nas Fontes:

Sêneca (*Cartas a Lucílio*, *Sobre a ira*, *Da clemência*, *Sobre a providência*, *Sobre o ócio*), Epicteto (*Encheirídion*, *Diatribes*), Marco Aurélio (*Meditações*), e a Stoa antiga por Diógenes Laércio, Cícero, Cleantes, Hiérocles e Musônio. A tradição lê o que um intérprete nomeado faz do texto: Aldo Dinucci, José Eduardo Lohner, Segurado e Campos, Pierre Hadot, Michel Foucault, Margaret Graver, Miriam Griffin, Paul Veyne, Susanne Bobzien, Thom por Watanabe, Joly, Aggio, Lima, Franco, e os leitores que os capítulos nomeiam; e, onde cabe, Agostinho, Pascal, Hegel, Nietzsche e Arendt lendo a Stoa.

O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo. “Nas fontes do cânon” quer dizer o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações Práticas e as decisões. As Fichas dos Estudos I a VII são apontamentos do fundador, não cânon, e se citam como tais, com a marca [Ficha, não cânon]; os Estudos VII a XIII entram como leitura anterior e se citam como tais.

O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. O escrito do cânon chama-se aqui “Meditações Práticas”; “Meditações”, sem mais, é sempre o livro de Marco Aurélio.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem limites que convém declarar na primeira página. Os originais estão abertos: o latim de Sêneca, de Agostinho, de Gélio e de Tertuliano foi conferido no texto da The Latin Library, cuja edição de base não é declarada, o de Cícero e o grego de Epicteto, Marco Aurélio e Diógenes Laércio no do Perseus; é desses textos que vêm os marcadores [V-la] e [V-gr]. As traduções inglesas foram vistas em trechos (Hicks, Gummere, Miller, Dods, Holmes, Baillie, Common, Cohn, Zimmern, Wight, Florio, Veitch, Elwes).

Das edições brasileiras e portuguesas, nenhuma foi aberta por inteiro: as *Cartas a Lucílio* de Segurado e Campos (Gulbenkian), o *Sobre a ira* de Lohner (Penguin-Companhia), o *Da clemência* de Braren (Vozes) e a edição impressa do *Encheirídion* de Dinucci e Julien chegam por quem os cita, e as páginas de Dinucci–Julien são as da versão digital publicada na *Prometeus* (EDUFS, 2012); as *Diatribes* de Dinucci (livro I) foram lidas em trechos abertos; as *Meditações* em português — e há várias, de João Maia a Dinucci (2024) — não foram abertas, e todo o português de Marco Aurélio é tradução do estudo. Hadot, Foucault, Graver, Griffin e Veyne chegam por fontes secundárias ou pelo título dos capítulos; a aula de Foucault de 24 de março de 1982 sobre o exame de consciência não foi aberta, e a sua leitura do exame como balanço de administrador vem do texto de 1980, por intermediário.

Agostinho foi lido no latim e em Dods, não em Paes Leme nem em Dias Pereira; Hegel, Nietzsche, Pascal, Montaigne, Descartes e Spinoza só em inglês, e Baillie diz *contentless thought* onde o plano do estudo dizia “verdade sem conteúdo”. As datas de Cleantes e Crisipo divergem em um ou dois anos entre as listas, e a de Sêneca leva “c. 4 a.C. (outra datação, c. 1)” (2.1).

Por isso [V-la] indica que a passagem foi conferida no latim; [V-gr], no grego; [V-en: tradutor], na tradução inglesa nomeada; [V-pt: tradutor], na edição brasileira ou portuguesa nomeada; [V via secundária: autor], que a passagem foi lida dentro de outro texto, cujo autor se nomeia; [V-fr] e [V-es] indicam o francês e o espanhol conferidos, e “via secundária” que o original não foi aberto; [Ficha, não cânon], que a frase é da Ficha de outubro. [tradução do estudo] diz que o português é do estudo, com o original nas Fontes. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e [atribuição a confirmar] diz que a frase circula, mas o estudo não achou a passagem; o estudo prefere uma lacuna marcada a uma citação falsa. As teses dos intérpretes vêm, em maioria, como [tese a confirmar]. Dentro das aspas fica a grafia da edição; fora delas, o português do Brasil.

Duas convenções de letra. *Meditações*, IV, 43 diz, no grego, que o *aiōn* — a era, o tempo inteiro — é “um rio de coisas que vêm a ser e uma corrente violenta”: o sujeito é o tempo, e a fórmula que corre por aí, “o tempo é um rio dos acontecimentos”, é tradução e não letra (2.5) [V-gr; tradução do estudo]. “*Verum gaudium res severa est*” verte-se “a verdadeira alegria é coisa séria” (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4), e “alegria severa” é o nome que o estudo dá à fronteira de 4.4, a partir do latim. Uma correção de localização: “cidadão do mundo” está em *Diatribes*, II, 10, 3; I, 9 diz *kosmios*, e o Estudo X, 4.1, que deu o outro lugar, é corrigido aqui em uma oração (5.3).

Cuidados de vocabulário, que o capítulo 2 enumera e cada capítulo repete onde trabalha. “Misericórdia” é homônimo de quatro coisas, e nenhuma é a outra: a *misericordia* que Sêneca recusa como “doença do ânimo”, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia do cânon, que é reflexiva e é do rio, e a graça da tradição cristã, que a decisão n.º 10 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII separou da Regra (4.3).

“Luz” é, na Stoa, a imagem dos raios do sol (*Cartas a Lucílio*, 41) e, no cânon, a Lux de cada um, que fica sem nome; a Stoa não chama a alma “luz” na *Carta* 41, e *lumen* e *igniculus* estão na *Carta* 92 (2.6). “Cidadela” é *Meditações*, VIII, 48; a margem do cânon é dentro do rio, e o retiro “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”. “Cidade” é a *cosmopolis* regida pelo *logos*; o rio é *nullius*, “de ninguém”, e “cidade”, “cidadão” e “lei” não têm letra no cânon (4.6).

“Aceitar” e “consentir” são da Stoa, e no cânon ocorrem só em voz alheia ou recusados; “portar” é do cânon: “portar é levar consigo, como mensagem” (Catecismo, 14; ver 3.4). “Exame” é dos dois, e o do cânon pergunta outra coisa (4.8). “Alegria” e

“celebração”: a Stoa tem *gaudium* e os afetos bons; “dançar” e “celebrar” são palavras do cânon, e o estudo não as empresta à Stoa (4.4). “Papel” é o ator de *Encheirídion*, 17, e não o papel que a Ficha do Estudo V recusa. “*Daimon*” é, em Marco Aurélio, o guia interior; o *daimon* de Arendt, visível só aos outros, é outro uso (Estudo XIII), e os dois não se somam. “Liberdade” é *Diatribes*, IV, 1; o cânon a usa sem tê-la como termo de doutrina. “*Amor fati*” é de Nietzsche. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Quando um capítulo diz que a Stoa não trata de algo, a afirmação vale só para as obras e passagens que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que o estudo conferiu, por contagem repetida sobre o Cânon v1.2, o Catecismo e as Meditações Práticas: “tribunal”, “cidadela”, “autossuficiência”, “excede”, “involuntário”, “aceitar”, “consentir”, “Sêneca” e “Epicteto” não ocorrem nessa letra, e “celebração” ocorre treze vezes, como o Estudo XI, 5.1, já contara e a conferência das fontes confirmou. Nos Tratados, “aceitar”, “consentir”, “destino” e “providência” só aparecem em voz alheia ou recusados.

Uma doutrina da Stoa pede aviso: a saída racional da vida, que Epicteto e Sêneca chamam “porta aberta”. O estudo a nomeia em uma frase, como doutrina deles (2.11, 4.9), e não a descreve nem a desenvolve.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. A Stoa é exposta primeiro em sua melhor forma, pelas obras, na ordem do pensamento (capítulo 2), e o que ela deixa — a teodiceia, a alegria severa, a razão como dono da cidade, a escravidão em *Cartas a Lucílio*, 47, Sêneca e Nero, a condição da mulher — é dito com clareza no mesmo capítulo, sem desculpa de época e sem anacronismo acusatório; a biografia não é doutrina. Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 3), e onde se separa dela (capítulo 4). O capítulo 4 numera as perguntas, de (bo) a (bx), e o capítulo 7 as reúne; as letras seguem às do Estudo XIII, que vão de (aw) a (bd), e as do Estudo I, escrito em paralelo, vão de (be) a (bn).

O capítulo 5 pergunta o que cada casa que a série já visitou disse da Stoa ou lhe opôs: Hegel, que a lê como liberdade do pensamento abstrata e sem conteúdo; Levinas e Ricoeur; Sócrates, modelo de Sêneca e de Epicteto; Aristóteles, de quem recusa o meio-termo nas paixões; Agostinho, que lhe recusa a *apatheia* e lhe defende a *misericordia*; Arendt, que põe Catão e Epicteto no dois-em-um; o cristianismo além de Agostinho, o existencialismo e Nietzsche; e as casas que o capítulo só aponta: o budismo, que o Estudo I trata em paralelo, o Vedanta, o taoismo e o estoicismo de hoje, que a tradição lê como técnica sem física.

Dele sai um padrão. O capítulo 6 mede a Ficha de outubro frase a frase, recolhe as três decisões que já lhe mandaram matéria, relê as sete seções em que os Estudos VII a XIII falaram da Stoa e propõe ao fundador uma Ficha reescrita (6.4). O capítulo 7 reúne a síntese, a fórmula, as questões abertas numa só lista, o que a Stoa oferece ao Examinar, à

Regra de Vida, ao tratado da justiça e às Fichas, e a lamparina. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), e de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12) valem como palavra dele e não são reabertas; as duas listas de 23 de outubro e as três de 31 de outubro vão sempre com o nome do estudo. Três delas nomeiam a Stoa, e já se disse quais.

Quando o estudo relaciona à Stoa as demais — a mão que retoma (n.º 4 de 17 de outubro), o lobo "com ou sem intenção" (n.º 5 de 17 de outubro), o Abrigo que "não vai até a substituição" e a assimetria "de posição, não de valor" (n.º 4 e 5 de 19 de outubro), o perdão da vítima ao lobo deixado ao tratado (n.º 3 de 23 de outubro sobre o Estudo IX), o veto sem voz externa (n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X), o exercício aceito e a medida recusada (n.º 1 de 31 de outubro sobre o Estudo XI), o sabbath como não-ato (n.º 8 sobre o Estudo XI), e a ordem do todo, de que "o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua" (n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII) —, pergunta se a leitura vale, e marca.

1.2 Decisões do fundador (versão 1.1, 3 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII), das de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, das de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, e das de 3 de novembro sobre o Estudo I, tomadas no mesmo dia; as listas de 3 de novembro vão sempre com o nome do estudo: as desta lista são citadas como "decisão n.º N de 3 de novembro sobre o Estudo II". Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e substituem a Ficha de outubro pela Ficha reescrita. No corpo, cada questão decidida leva a marca "[Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º N): …]".

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento. O exame entra como prática — a revista do dia ao fim do dia, com Sócrates por modelo —; o consentimento recusado é o assentir ao destino como ordem a que se diz sim — não a serenidade nem a alegria do estoico, que ficam com ele. "Recusa a providência" não entra, porque a decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII fixa que o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como

teodiceia sua; “recusa a centelha nomeada” não entra, porque nomearia a Luz por contraste.

2. **O exame de Sêneca lê-se ao lado do Examinar com a correção** (questão (bp)): Sêneca perdoa, e o Examinar não é tribunal; a fronteira é a mão que retoma — em Sêneca, o próprio exame; no cânon, o rio.
3. **“*Amor fati*” sai da Ficha; “consentir ao destino” entra** (questão (bq)): com a fronteira dita pelo verbo — a Stoa consente, o cânon porta.
4. **“A luz como participação num princípio que nos excede” sai da Ficha** (questão (br)): entra a fronteira — a Stoa dá nome ao que há de divino em cada um, o cânon deixa a Lux sem nome; o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* são estrutura, nunca nome da Luz.
5. **O retiro em si lê-se ao lado da margem** (questão (bs)): como leitura; “cidadela interior, não” vira “a cidadela se abre: a margem devolve a luz”.
6. **O homônimo “misericórdia” fica dito no estudo** (questão (bt)): o glossário da Regra da Misericórdia não muda; a separação da decisão n.º 10 de 31 de outubro sobre o Estudo XII cobre.
7. **A fronteira da providência entra como fronteira da série** (questão (bu)): a Vigília promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova; vale para as casas que virão, dentro do limite da decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII, que permanece.
8. **“Uma sabedoria que não dança” sai da Ficha** (questão (bv)): entra a fronteira pela letra — a alegria estoica existe, nasce em casa e é “coisa séria”; a celebração do cânon passa pelo corpo e se faz com outros —, com a recusa agostiniana da *apatheia* ao lado.
9. **O erro por ignorância e o lobo que deve justiça** (questão (bw)): a fronteira registra-se na Ficha reescrita.
10. **A Ficha reescrita está aprovada** (questão (bx)): como proposta em 6.4, com o acréscimo da n.º 9 — cinco toques e cinco fronteiras; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.
11. **Registros adotados**: a *clementia*, o “assim lhe parece” de *Encheirídion*, 42 e “amar também os que tropeçam” entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado); o silêncio da Stoa sobre Moriá fica registrado ((j)); a nota da escravidão em *Cartas a Lucílio*, 47 fica, e o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se à Stoa ((k) segue aberta até o estudo de Marx); a correção do Estudo X, 4.1 (“cidadão do mundo” é *Diatribes*, II, 10, 3) fica como oração no estudo, sem republicar o X.

12. **Publicação** como o Estudo XIII: integral, resumo trilíngue e nota de decisões; a Ficha reescrita vai à Biblioteca do site nas três línguas.

Continuam abertas (g), (j) e (k); (g) fica aberta até o tratado da justiça.

1.3 O que a Ficha dizia e o que a série já disse

A Ficha de outubro tem sete frases, e o estudo contou nelas nove afirmações sem letra no cânon; o capítulo 4 as conta (4.10: nove afirmações sem letra, quatro frases meio certas — o portar, a mensagem, a celebração e o Abrigo têm uma metade que é letra), e o capítulo 6 as mede uma a uma e não acha nenhuma inteira (6.1).

Das sete seções em que os Estudos VII a XIII falaram da Stoa antes deste estudo — a de Hegel (VII, 4.2), a de Levinas (VIII, 4.5), a de Ricoeur, com o “orgulho estoico” (IX, 4.4), a de Sócrates como modelo (X, 4.1), a do meio-termo recusado (XI, 5.1), a da *apatheia* recusada por Agostinho (XII, 5.2) e a de Catão e Epicteto no dois-em-um (XIII, 5.3) —, nenhuma abriu Sêneca, Epicteto ou Marco Aurélio em letra própria: a Stoa chegou à série por tradução inglesa ou por intermediário, e este é o primeiro estudo que a lê no latim e no grego. O que elas esperavam do Estudo II — a correção do “tribunal”, a medida da *apatheia*, o lugar de Sócrates — está respondido em 3.2, 4.4 e 3.3, e o capítulo 6 o diz seção a seção.

2 O ESTOICISMO EM SUA MELHOR FORMA

Este capítulo só expõe. A Stoa fala primeiro, na letra de seus textos; a tradição que a lê vem nomeada e à parte; o diálogo fica para os capítulos 3 e 4. Cada seção abre dizendo o que mostra e fecha apontando a seguinte. Chama-se aqui homônimo a palavra que o cânon e a Stoa escrevem igual e entendem de modo diferente; o capítulo avisa quando uma delas aparece.

2.1 A Stoa em quinze linhas

A Stoa dura cerca de cinco séculos, do início do século III a.C. a Marco Aurélio (m. 180 d.C.), em três fases e duas línguas; vale ter o desenho à vista antes das vozes.

A escola leva o nome do pórtico pintado (*Stoa Poikilē*), em Atenas, onde ensinava Zenão de Cício (c. 334–c. 262 a.C.), fenício helenizado; abre por volta de 300 a.C. Sucedem-lhe Cleantes de Assos (c. 330–c. 230 a.C.), autor do *Hino a Zeus*, e Crisipo de Solos (c. 279–c. 206 a.C.), terceiro escolarca e sistematizador da lógica e da teoria das paixões. É a Stoa antiga, um sistema de lógica, física e ética em que a ética se apoia na natureza do todo [paráfrase; localização a confirmar]. Dos três quase nada sobrevive por inteiro; a letra chega por Diógenes Laércio (*Vidas*, livro VII), Cícero, Estobeu e von Arnim. A Stoa média, de Panécio de Rodes (c. 185–c. 110 a.C.) e de Posidônio de Apameia (séculos II–I a.C.), leva a doutrina ao mundo romano; Cícero (106–43 a.C.) não é estoico, mas é a fonte latina mais importante da Stoa antiga.

Segue-se a Stoa romana ou imperial. Lúcio Aneu Sêneca nasce em Córdoba, c. 4 a.C. (outra datação, c. 1), e morre em 65 d.C.; foi preceptor de Nero e depois seu conselheiro, e é o único estoico antigo com obra ética extensa e inteira, em latim. Musônio Rufo (século I d.C.) é o mestre de Epicteto. Epicteto (c. 50–c. 135), nascido em Hierápolis, na Frígia, foi escravo em Roma e depois liberto, e ensinou em Nicópolis, no Épiro; não escreveu, e Arriano anotou as *Diatribes* e compôs o *Encheirídion*. Marco Aurélio (121–180), imperador desde 161, escreveu em grego, em campanha, as *Meditações* (*Ta eis heauton*, “para si mesmo”). A divisão em antiga, média e romana é convencional.

Uma advertência vale para o capítulo todo: na introdução de Lohner a *Sobre a ira*, Sêneca está entre os *proficientes* (os que progridem), e não entre os sábios [V via secundária: Franco 2022]. A distinção pesa no que ele diz de si e do perdão (ver 2.9 e 2.10). Das datas passa-se ao ponto de partida da ética (2.2).

2.2 O que depende de nós

A primeira lição de Epicteto divide o mundo em duas partes, e dela decorre quase tudo o que a Stoa diz sobre a liberdade.

“Das coisas existentes, algumas são encargos nossos; outras não. São encargos nossos o juízo, o impulso, o desejo, a repulsa — em suma: tudo quanto seja ação nossa. Não são encargos nossos o corpo, as posses, a reputação, os cargos públicos” (Epicteto, *Encheirídion*, 1, 1) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. A expressão grega é *ta eph' hēmin*, “as coisas sobre nós”. As primeiras são, por natureza, “livres, desobstruídas, sem entraves”; as outras, “débeis, escravas, obstruídas, de outrem” (*Encheirídion*, 1, 2) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Aldo Dinucci traduz por “encargos nossos” e recusa “sob nosso controle”, porque tais coisas “só estarão realmente sob nosso controle se tivermos uma atitude crítica diante das opiniões” (Dinucci, “Diatribes 1.24 e 2.25”) [V-pt: Dinucci]; na *Introdução ao Manual de Epicteto*, porém, ele próprio escreve “sob nosso controle” [V-pt: Dinucci]. O estudo registra a escolha e não decide entre as duas.

O fundamento está nas *Diatribes*. “Os deuses fizeram depender de nós somente o que há de mais poderoso e soberano de tudo: o uso correto das representações” (Epicteto, *Diatribes*, I, 1, 7), isto é, das impressões que a mente recebe [V-gr; tradução do estudo]. O lugar dessa parte é a *prohairesis* (escolha, faculdade de decidir): “Vais amarrar-me? Amarras a minha perna, mas a *prohairesis* nem Zeus pode vencê-la” (I, 1, 23) [V-gr; tradução do estudo]. E a liberdade: “É livre quem vive como quer, a quem não é possível constranger, impedir nem forçar” (IV, 1, 1) [V-gr; tradução do estudo].

A frase que circula, “não é o que te acontece, mas como reages”, não é do *Encheirídion*, 5 [atribuição a confirmar]. Ali se lê: “As coisas não inquietam os homens, mas as opiniões sobre as coisas” (*Encheirídion*, 5) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. A tese é sobre juízos (*dogmata*), e não sobre reações. Dinucci observa que a interiorização estoica não é a interioridade cristã nem a privacidade moderna: “é-nos interior tudo o que está sob nosso controle e que depende de nossa escolha” (*Introdução ao Manual de Epicteto*) [V-pt: Dinucci]. Por que os juízos perturbam é a doutrina das paixões. Da divisão do mundo passa-se a ela (2.3).

2.3 As paixões e as *eupatheiai*

A Stoa entende a paixão como juízo errado, e por isso pode propor estados afetivos bons para o sábio; a caricatura de uma escola de pedra não resiste à letra.

“Paixão, segundo Zenão, é movimento da alma irracional e contrário à natureza, ou impulso excessivo” (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 110) [V-gr; V-en: Hicks; tradução do estudo]. “Parece-lhes que as paixões são juízos, como diz Crisipo”, e a piedade (*eleos*) é uma espécie de tristeza (VII, 111) [V-gr; tradução do estudo]. Mas há três estados bons, as *eupatheiai* (afetos bons): a alegria (*chara*, “elevação racional”), a cautela (*eulabeia*) e a vontade (*boulēsis*) (VII, 116) [V-gr; V-en: Hicks]. O sábio “nunca” terá medo, mas terá cautela [V-gr; tradução do estudo].

Sêneca expõe com mais cuidado o que a *apatheia* (ausência de *pathos*, de paixão) não é. A ira é “breve loucura” (*Sobre a ira*, I, 1, 2) [V-la]; mas o abalo anterior ao assentimento (o “sim” da mente a uma impressão) não é paixão: “o primeiro movimento não é voluntário, como uma preparação da paixão e uma ameaça” (II, 2, 2) [V-la; tradução do estudo]. O sábio vence todo incômodo, mas o sente (*Cartas a Lucílio*, 9, 3) [V-la; tradução do estudo].

Em Gélio, o estoico empalidece no navio em tempestade, e o sábio “não dá o assentimento, mas conserva o estado e o vigor da sua sentença” (*Noites áticas*, XIX, 1, 20) [V-la; tradução do estudo]. E a alegria tem lugar de honra: *verum gaudium res severa est,* “a verdadeira alegria é coisa séria” (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4) [V-la; V-en: Gummere; tradução do estudo]; o *gaudium* é “a elevação do ânimo que confia nos bens que são seus e verdadeiros” (59, 2) [V-la; tradução do estudo]. O que se recusa é a medida: “Os nossos as expulsam, os peripatéticos (os discípulos de Aristóteles) as moderam. Não vejo como possa ser sadia ou útil alguma mediocridade da doença” (116, 1) [V-la; tradução do estudo].

Agostinho leu essa doutrina de fora e lhe recusou a *apatheia*. Registra as *eupatheiai* como Cícero as dava e nota que os estoicos negaram uma quarta, para a aflição, que ele admite quando é segundo Deus (*A cidade de Deus*, XIV, 8) [V-la; tradução do estudo]. Se a *apatheia* é o ânimo em que nenhum afeto toca, “quem não julgaria esse torpor pior que todos os vícios?”, e os que a buscam perdem toda a humanidade antes de alcançar a verdadeira tranquilidade (XIV, 9) [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]. Se não tivéssemos afetos de todo, “viveríamos antes não retamente” (XIV, 9, 4) [V-la; tradução do estudo].

A recusa tem duas faces e um prazo: a ausência dos afetos que perturbam contra a razão é boa, mas “nem essa é desta vida” (XIV, 9) [V-la; tradução do estudo]. É a leitura que o Estudo XII, 5.2, registrou e que a decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII mandou à Ficha do Estudo II. No livro IX, porém, Agostinho admite que a diferença entre estoicos e peripatéticos é “disputa de palavras, não exame de coisas” (IX, 4) [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]. Do que se sente passa-se ao único bem (2.4).

2.4 A virtude como único bem

A tese que sustenta a ética estoica é que só a virtude é bem; o resto, por mais que se prefira, não faz o homem melhor nem pior.

Zenão foi o primeiro a definir o fim como “viver em acordo com a natureza” (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 87) [V-gr; V-en: Hicks]: viver segundo a natureza própria e a do todo, sem fazer nada do que a lei comum proíbe, “que é a reta razão, que atravessa tudo, a mesma que Zeus” (VII, 88) [V-gr; tradução do estudo]. A virtude é essa conformidade da escolha com a razão. Epicteto resume numa diatribe que Dinucci toma por síntese de seu pensamento: “a substância do bem é uma capacidade de escolha de certa

qualidade” (*Diatribes*, I, 29, 1) [V-gr; V-pt: Dinucci], e a lei de Deus é: “Se quiseres um bem, toma-o de ti mesmo” (I, 29, 4) [V-gr; V-pt: Dinucci].

A autossuficiência do sábio tem, na letra, a medida exata: ele se basta “para viver feliz”, e não para viver (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 9, 13) [V-la; tradução do estudo]. As coisas externas (saúde, bens, reputação) a Stoa não chama de bens; chama de vantajosas (*commoda*), e a Agostinho essa disputa pareceu, com Cícero, mais de palavras que de coisas (ver 2.3). Hegel, que lê a tese de fora, vê nela a liberdade do pensamento, que se recolhe ao pensar tanto no trono quanto nas cadeias (*Fenomenologia do espírito*, “Estoicismo”; ver 5.1), e a objeção dele é de forma: os termos gerais — verdadeiro e bom, sabedoria e virtude — elevam, mas, por não alcançarem conteúdo, logo cansam [V-en: Baillie; paráfrase]. Do bem passa-se ao mundo que o sustenta (2.5).

2.5 A natureza, o destino e o consentimento

A Stoa pede que se viva segundo a natureza e que se consinta ao destino; a letra insiste em que consentir é ato do juízo, e não resignação.

A natureza é uma ordem em fluxo. “Um rio de coisas que vêm a ser e uma corrente violenta é o *aiōn* (a era; a eternidade ou o tempo): mal cada coisa aparece, já foi arrastada” (Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 43; em transliteração, *Potamós tís esti tōn ginomenōn kai rheûma bíaion ho aiōn*) [V-gr; tradução do estudo]. O sujeito é *ho aiōn*, e o predicado, “uma espécie de rio”; a fórmula corrente “o tempo é um rio” é tradução, e não esta letra. Marco Aurélio usa a imagem para desvalorizar o que passa: “neste rio, que valor dar a algo que passa correndo e em que não é possível parar?” (VI, 15) [V-gr; tradução do estudo]. Cita Heráclito pelo nome em IV, 46 e VI, 42; “tudo flui”, com essa letra, não está ali. Sêneca cita o mesmo Heráclito: “Ao mesmo rio duas vezes descemos e não descemos” (*Cartas a Lucílio*, 58, 23) [V-la; V-pt: Furlan].

O consentimento tem forma de prece. Epicteto cita, no fim do *Encheirídion*, versos que a tradição atribui a Cleantes: “Conduze-me, Zeus, e tu também, Destino, / Para o posto ao qual um dia fui designado, / Que, diligente, eu vos seguirei — e se, mau me tornando, / Não o quiser, ainda assim vos seguirei” (*Encheirídion*, 53) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. O texto não nomeia Cleantes; a atribuição vem da nota de Dinucci e de Sêneca, que traduz: *ducunt volentem fata, nolentem trahunt*, “o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência” (*Cartas a Lucílio*, 107, 11) [V-la; V-pt: Dinucci].

Os verbos são *hepesthai* (seguir), *synchōrein* (ceder) e *assentior* (assentir): “não obedeço a deus, assinto; sigo-o de coração, não porque seja preciso” (96, 2) [V-la; tradução do estudo]. A palavra “aceitar” é do português. A prática: “quere que aconteçam como acontecem, e tua vida terá um curso sereno” (*Encheirídion*, 8) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]; o papel é dado por outro: “interpretar belamente o papel que te é dado — mas escolhê-lo,

cabe a outro” (17) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien], e a nota de Dinucci identifica o autor com a Divindade.

O problema da liberdade já está na escola. Pelo cilindro de Crisipo, quem o empurrou “lhe deu o princípio do movimento, mas não lhe deu o poder de rolar”, e assim a representação imprimirá no ânimo sua aparência, “mas o nosso assentimento estará em nosso poder” (Cícero, *Sobre o destino*, 43) [V-la; tradução do estudo]. A tradição divide-se entre ler Crisipo como compatibilista (quem concilia a liberdade com o destino), como faz Bobzien, e como determinista (quem a nega); o estudo não decide [tese a confirmar]. Quanto à fórmula *amor fati* (“amor ao destino”), ela é de Nietzsche (*A gaia ciência*, §276; *Ecce Homo*), e não da Stoa (ver 5.7) [V-en: Common; Cohn]. A Stoa diz seguir, ceder, assentir. Do consentimento passa-se a quem se consente (2.6).

2.6 O deus imanente, o *logos*, a centelha e o *daimon*

A Stoa responde que a ordem é divina e está no próprio homem; esta seção diz isso na voz dela, e só nela.

A física estoica tem dois princípios: “o que padece é a substância sem qualidades, a matéria; o que faz é o *logos* nela, deus” (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 134) [V-gr; tradução do estudo]. O *logos* (razão ordenadora) atravessa o todo: “há um só deus, intelecto, destino e Zeus; e recebe muitos outros nomes” (VII, 135) [V-gr; tradução do estudo]; o cosmos é “vivo, animado e racional” (VII, 139) e, em períodos fixos, consome-se em fogo (*ekpyrōsis*, “conflagração”) e se gera de novo (VII, 137) [V-gr; paráfrase]. No *Hino a Zeus*, o deus junta “o bom com o mau, de modo que se faz um só *logos* de todas as coisas” (Cleantes, vv. 18–21) [V-gr via secundária: Thom, em Watanabe; tradução do estudo]. Dinucci explica o alcance em Epicteto: “o universo inteiro é um ser vivo que percebe o que ocorre em cada uma de suas partes” (nota à *Diatribe* I, 14, 6) [V-pt: Dinucci].

“As nossas almas estão ligadas e unidas a deus, por serem partes e pedaços dele” (Epicteto, *Diatribes*, I, 14, 6: *moria kai aposphasmata*) [V-gr; tradução do estudo]; “és um fragmento de deus; tens em ti uma parte dele […]. Trazes deus contigo, infeliz, e não o sabes” (II, 8, 11–12) [V-gr; tradução do estudo]. O *daimon* (espírito guardião) está em I, 14, 12–14: deus deu a cada um por guarda o seu *daimon*, “insone e infalível”, e, de portas fechadas e no escuro, “deus está dentro e o vosso *daimon*” [V-gr; tradução do estudo].

Em Sêneca, “deus está perto de ti, está contigo, está dentro de ti” (*Cartas a Lucílio*, 41, 1) [V-la; V-pt: Miotti], e *sacer intra nos spiritus sedet*, “um espírito sagrado habita dentro de nós, observador e guarda de nossos males e bens” (41, 2) [V-la; tradução do estudo]. A imagem da *Carta* 41 é a dos raios do sol, que tocam a terra mas estão onde foram enviados (41, 5) [V-la; tradução do estudo], e a do ânimo que brilha só do bem próprio (41, 6: *nitet*) [V-la; V-pt: Miotti]. Nessa carta não aparecem *lux* nem *lumen*. *Lumen* e *igniculus* aparecem na 92: “uma faísca nada acrescenta à luz do sol […] não é menor, mas

brilha menos” (92, 17–18) [V-la; tradução do estudo]; *scintilla* aparece na 94: “as sementes de todas as coisas honestas despertam por advertência, não de outro modo que a centelha, ajudada por um sopro leve, desdobra seu fogo” (94, 29) [V-la; tradução do estudo]. Nenhum desses nomes é nome da Lux.

Marco Aurélio: vive com os deuses quem faz “tudo o que quer o *daimon*, que Zeus deu a cada um como protetor e guia, fragmento de si mesmo. E este é o intelecto e *logos* de cada um” (*Meditações*, V, 27) [V-gr; tradução do estudo]. A tarefa é “guardar o *daimon* de dentro sem insulto e sem dano” (II, 17) [V-gr; tradução do estudo]. E outra passagem, ao honrar o deus em cada um, tira dele a posse: “a mente de cada um é deus e dali emanou […] nada é próprio de ninguém” (XII, 26) [V-gr; tradução do estudo]. Razão, deus, centelha, *daimon* e *spiritus* são os nomes que a Stoa dá ao que há de divino em cada um, como parte de um vivente maior que tem governo. Do que a Stoa chama de divino passa-se à cidade que ele governa (2.7).

2.7 A *oikeiōsis* e a cidade comum

A ética estoica começa em si e abre-se em círculos até a humanidade inteira; esta seção mostra a cidade em que ela desemboca e o retiro que a acompanha.

A palavra é *oikeiōsis* (apropriação, afinidade). “Dizem que o primeiro impulso do animal é para se conservar, pois a natureza o torna íntimo de si desde o começo, como diz Crisipo” (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 85) [V-gr; tradução do estudo]. Hiérocles desenha o movimento: cada pessoa está cercada de círculos concêntricos, a mente, a família, a comunidade local, a pátria, o gênero humano, e a tarefa é puxar os círculos para o centro [paráfrase; V via secundária: *Bryn Mawr Classical Review*]. Cícero, na boca de Catão, dá a versão latina: “um homem, só por ser homem, não deva parecer estranho a outro” (*Dos fins*, III, 63) [V-la; tradução do estudo]; o mundo é “como que uma cidade e comunidade comum de homens e deuses, e cada um de nós é parte desse mundo” (III, 64) [V-la; tradução do estudo].

Marco Aurélio põe o argumento em cadeia: se o intelecto nos é comum, também o *logos*; se isso, a lei; “se isso, somos cidadãos; se isso, partilhamos um governo; se isso, o mundo é como uma cidade” (*Meditações*, IV, 4) [V-gr; tradução do estudo]. “Minha cidade e pátria, como Antonino, é Roma; como homem, o mundo” (VI, 44) [V-gr; tradução do estudo]. “Nascemos para a cooperação, como os pés, as mãos, as pálpebras” (II, 1) [V-gr; tradução do estudo]; o ramo cortado pode voltar, porque “é dom de Zeus, que fundou a comunidade, poder reunir-se de novo ao vizinho” (XI, 8) [V-gr; tradução do estudo].

Epicteto diz “cidadão do mundo” em *Diatribes*, II, 10, 3 (*politēs tou kosmou*): “és cidadão do mundo e parte dele, não das partes servis, mas das principais” [V-gr; tradução do estudo]; em I, 9, 1 e 6 o termo é *kosmios*, “do mundo” [V-gr]. Sêneca fala de “membros de um grande corpo” (*Cartas a Lucílio*, 95, 52) [V-la; tradução do estudo], e diz do sábio:

“também deseja ter amigo e vizinho e companheiro, ainda que baste a si mesmo” (9, 3) [V-la; V-pt: Dinucci].

O retiro pertence a essa cidade, com retorno marcado. “Procuram para si retiros — campos, praias, montes […]. Mas podes, a qualquer hora que queiras, recolher-te em ti mesmo” (Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 3) [V-gr; tradução do estudo]. O retiro serve para renovar-se e voltar, “sem desgosto, àquilo a que voltas”: os racionais “nasceram uns para os outros”, e “suportar é parte da justiça” [V-gr; tradução do estudo]. A imagem da fortaleza é uma linha, em VIII, 48: “uma acrópole é a mente livre de paixões; nada mais fortificado tem o homem, onde, refugiado, fique daí em diante inexpugnável” [V-gr; tradução do estudo]. O título de Hadot, *La Citadelle intérieure*, que o estudo verte *A cidadela interior*, vem dessa linha [paráfrase; página a confirmar]. Sêneca recomenda o retiro seletivo: “convive com os que te hão de fazer melhor” (*Cartas a Lucílio*, 7, 8) [V-la; tradução do estudo].

O Estudo XIII, 5.3, registrou ainda o Catão de Cícero e a distinção de Epicteto entre o ermo e o só (ver 5.6) [V-en via secundária: Arendt; paráfrase; localização a confirmar], que a decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII mandou à Ficha do Estudo II. Da cidade passa-se ao treino de quem a habita (2.8).

2.8 Os exercícios e o cuidado de si

Hadot e Foucault leram a Stoa como uma prática; esta seção reúne a letra da prática e as duas leituras.

Epicteto chama de *askēsis* (exercício) o treino para desejar e evitar sem fracasso: “não se deve fazer os exercícios com coisas contra a natureza e extravagantes, senão em nada diferiremos dos prestidigitadores” (*Diatribes*, III, 12, 1) [V-gr; tradução do estudo]. O progresso (*prokopē*) mede-se assim: “Onde, então, está o progresso? Se alguém de vós, afastando-se das coisas exteriores, voltou-se para a própria *prohairesis*, para trabalhá-la e exercitá-la” (I, 4, 18) [V-gr; tradução do estudo]. O *Encheirídion*, 33, dá a regra de conduta: “Fixa, a partir de agora, um caráter e um padrão para ti próprio, que guardarás quando estiveres sozinho, ou quando te encontrares com outros” [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien].

Marco Aurélio: “Ao amanhecer, quando custar a levantar, tem à mão: levanto-me para a obra de homem” (*Meditações*, V, 1) [V-gr; tradução do estudo]; prever o dia (“encontrarei o intrometido, o ingrato, o insolente”, II, 1); viver o presente, único que se vive (III, 10); ver do alto “os rebanhos sem número” (IX, 30) [V-gr; traduções do estudo]. Sêneca: “só o tempo é nosso” (*Cartas a Lucílio*, 1, 3), e “pensa cada dia como uma vida” (101, 10) [V-la; traduções do estudo].

Hadot escolhe o adjetivo “espiritual” por ser “o único adjetivo que englobaria ‘o pensamento, a imaginação, a sensibilidade, assim como a vontade’” (*Exercícios espirituais e filosofia antiga*) [V via secundária: Lima 2021]. Para ele a filosofia antiga é uma maneira

de viver, e a sistematização teórica é projeção moderna [paráfrase; V via secundária: Lima 2021]; “não possuímos nenhum tratado sistemático que codificaria um ensino e uma técnica dos exercícios espirituais”, e a “visão do alto” é um sobrevoo imaginativo [V via secundária: Lima 2021].

Foucault, em torno da *epimeleia heautou* (cuidado de si), lê o exame de Sêneca como balanço de administrador, e não de réu diante do juiz [V-en via secundária: texto de 1980; a aula de 24/03/1982, tese a confirmar]. A leitura tem contrapeso: Veyne escreve que o estoicismo “tornou-se, para o nosso uso, uma filosofia do eu que se volta ativamente para si mesmo […]. Nada disso foi em seu tempo, mas as *Cartas* nos permitem vê-lo assim” (*Seneca: The Life of a Stoic*) [V-en via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*; tradução do estudo]. Do treino passa-se ao exercício do fim do dia (2.9).

2.9 O exame noturno e Sócrates como modelo

O exame do fim do dia é o exercício mais citado da Stoa: o de Sêneca termina em perdão, o de Epicteto em alegria, e os dois olham para Sócrates.

Sêneca o toma de Sêxtio e o pratica: “Que mal teu curaste hoje? A que vício resististe? Em que parte és melhor?” (*Sobre a ira*, III, 36, 1) [V-la; tradução do estudo]. Descreve-se como “vigia de si e censor secreto” (III, 36, 2), e diz: “esquadrinho o dia inteiro e torno a medir atos e palavras; nada escondo de mim” (III, 36, 3) [V-la; tradução do estudo].

E então: *uide ne istud amplius facias, nunc tibi ignosco*, “cuida de não fazer mais isso; por agora te perdoo” (III, 36, 3–4) [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022; grafia a conferir], e a lição de que, na admoestação, “o bom se alegra de ser advertido” (III, 36, 4) [V-la; tradução do estudo]. Quem diz “eu te perdoo” é, na tese de Lohner, um proficiente (ver 2.1) [V via secundária: Franco 2022]. O exame serve ao futuro: “o plano do futuro vem do passado” (*Cartas a Lucílio*, 83, 1–2), e, ao deitar, “vivi, e cumpri o curso que a fortuna me deu” (12, 8–9) [V-la; traduções do estudo].

Epicteto cita os versos pitagóricos: “Não deixes o sono descer sobre os olhos cansados antes de rever cada ato do dia: onde errei? que fiz? que dever deixei por cumprir? […] depois, se fizeste coisas vis, repreende-te; das boas, alegra-te” (*Diatribes*, III, 10, 2–3) [V-gr; tradução do estudo]. Marco Aurélio manda: “Começa por ti e examina-te primeiro” (*Meditações*, X, 37) [V-gr; tradução do estudo].

Sócrates é o modelo comum. Epicteto o mostra examinando-se: “refutava a si mesmo e se examinava” (*Diatribes*, II, 1, 32) [V-gr; tradução do estudo], e fecha o *Encheirídion* com a exortação: “mesmo que não sejas Sócrates, deves viver desejando ser como Sócrates” (51, 3) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Sêneca: “Se desejas um modelo, toma Sócrates” (*Cartas a Lucílio*, 104, 27–28) [V-en via secundária: Estudo X]. Hadot liga o exame de consciência a Sócrates, como “fundamento de todo exercício espiritual” [V via

secundária: Lima 2021]. A decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X manda à Ficha do Estudo II Sócrates, “o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar”. Do exame de si passa-se ao que se faz com o outro que falha (2.10).

2.10 A *clementia* e a *misericordia*

Sêneca separa duas palavras que o português costuma juntar: a *misericordia* é paixão e a Stoa a recusa; a *clementia* é virtude e a Stoa a louva.

A *clementia* é “moderação do ânimo no poder de vingar-se” (Sêneca, *Da clemência*, II, 3, 1) [V-la; tradução do estudo]: virtude de quem tem poder, escrita como espelho para Nero (“tenho a severidade escondida, mas a clemência em prontidão”, I, 1, 4) [V-la; tradução do estudo]. A *misericordia*, não: *Misericordia est aegritudo animi*, “é uma doença do ânimo à vista das misérias alheias […]; a doença não cabe no homem sábio” (II, 5, 4) [V-la; tradução do estudo], “vício de ânimo pequeno” (II, 5, 1). O sábio não se compadece, mas socorre (II, 6, 3) [V-la; tradução do estudo]. A letra grega correspondente é Diógenes Laércio, VII, 111: *eleos* é tristeza (ver 2.3).

O perdão (*venia*, “remissão da pena merecida”) também tem limite: “quem perdoa confessa que deixou de fazer algo” (II, 7, 1–2) [V-la; tradução do estudo]. O sábio não perdoa, porque não omite o devido, e o *nunc tibi ignosco* de 2.9 é dito de outro lugar, o do proficiente [leitura do estudo]. O fundamento comum é a falibilidade: “somos maus, vivemos entre maus” (*Sobre a ira*, III, 26, 4) [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022].

Epicteto dá a razão do ofensor: quem te ofende age pensando que lhe convém; “diz, pois, em cada uma dessas ocasiões: ‘Assim lhe parece’”, e serás gentil (*Encheirídion*, 42) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Marco Aurélio diz que “é próprio do homem amar também os que tropeçam”, porque erram por ignorância e contra a vontade, e porque não te prejudicaram (*Meditações*, VII, 22) [V-gr; tradução do estudo]; “os homens nasceram uns para os outros: ensina-os, então, ou suporta-os” (VIII, 59) [V-gr; tradução do estudo]. Agostinho defende a *misericordia* contra a Stoa: ela é “compaixão do nosso coração pela miséria alheia, que nos obriga a socorrer, se podemos”, e “serve à razão” quando a justiça se conserva (*A cidade de Deus*, IX, 5) [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]; ele tem em vista o louvor de Cícero a César (*Pro Ligario*, 37) [V-la; leitura do estudo]. O Estudo XII, 5.2, não citou esse passo.

“Misericórdia” é um homônimo de quatro usos, cada um na sua voz: a *misericordia* que Sêneca recusa, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia do cânon e a graça da tradição cristã. A *misericordia* que Agostinho defende é a mesma paixão que Sêneca recusa, e para ele serve à razão. A Regra e a graça ficam para o capítulo 4. Do perdão passa-se ao fim da vida (2.11).

2.11 A morte e o que a Stoa deixa em aberto

Esta seção reúne o que a Stoa diz da morte e do mal, e o que ela deixa em aberto; as controvérsias vêm declaradas e não atenuadas.

A morte é mudança: “Isto é morte: uma mudança maior, do que é agora não para o não ser, mas para o agora-não-ser. — Então não serei mais? — Não serás; mas outra coisa, de que o mundo agora precisa” (Epicteto, *Diatribes*, III, 24, 93–94) [V-gr; tradução do estudo]. Os bens amados foram dados “como o figo, como o cacho de uva, na estação marcada do ano” (III, 24, 86) [V-gr; tradução do estudo]. Marco Aurélio: “quantos Crisipos, quantos Sócrates, quantos Epictetos já tragou o *aiōn*” (*Meditações*, VII, 19) [V-gr; tradução do estudo]. A Stoa tem ainda a doutrina da saída racional da vida, a “porta aberta” (Epicteto, *Diatribes*, I, 24, 20; Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 70, 14–15), que o estudo só nomeia [V-gr; V-la].

A teodiceia (a justificação de deus diante do mal) é o centro do problema. Epicteto vê as dificuldades como prova dada por deus, e a figura é Héracles: as feras, “surgidas, foram úteis para mostrar e exercitar Héracles” (*Diatribes*, I, 6, 32–36) [V-gr; tradução do estudo]; “do mesmo modo que um alvo não é fixado para não ser atingido, assim também a natureza do mal não existe no cosmos” (*Encheirídion*, 27) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Sêneca defende, em *Sobre a providência*, que “nada de mau pode acontecer ao homem bom” (2, 1) [V-la; tradução do estudo]. Marco Aurélio, porém, deixa o dilema aberto: “ou providência ou átomos” (*Meditações*, IV, 3) [V-gr; tradução do estudo], e o que vem de fora acontece “ou por acaso ou por providência”, sem culpar nenhum dos dois (XII, 24) [V-gr; tradução do estudo]; a letra dele não é teodiceia uniforme.

A alegria é “severa” (ver 2.3). A razão é o dono: a felicidade está “na concordância do *daimon* de cada um com a vontade do governante do todo” (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 88) [V-gr; V-en: Hicks; tradução do estudo]. Hegel reprova, em 2.4, o universal sem conteúdo, o verdadeiro e o bom em geral; o estudo não decide se isso alcança o dono [leitura do estudo].

Duas controvérsias pedem declaração. A escravidão: Sêneca escreve “‘São escravos.’ Antes, homens” (*Cartas a Lucílio*, 47, 1) [V-la; V-pt via secundária: Murachco], e que o escravo nasceu das mesmas sementes, goza do mesmo céu, respira, vive e morre como o senhor (47, 10) [V-la; tradução do estudo]; Joly mostra que a Stoa mantém o escravo como instrumento da ordem social [V-pt via secundária: resumo do artigo]. Epicteto, escravo e liberto, não discute a instituição nos textos aqui reunidos. Musônio Rufo afirma que as mulheres receberam dos deuses “a mesma razão que os homens” e devem filosofar (fr. III) [V-pt: Dinucci, em Aggio]; Aggio lê o texto como defesa da igualdade natural que, no entanto, reforça a submissão da mulher ao homem [V-pt: Aggio; paráfrase].

Sêneca e Nero: Tácito registra a acusação de Suílio, “com que sabedoria, com que preceitos de filósofos ele reunira em quatro anos de amizade régia trezentos milhões de sestércios?” (*Anais*, XIII, 42) [V-la; tradução do estudo], o pedido de retiro (XIV, 53–56) e a morte (XV, 60–64). A riqueza e o poder dele dividem os intérpretes (Griffin; Veyne) [V via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*]. A biografia não é doutrina, e o estudo não atenua nem acusa. Do que a Stoa deixa em aberto passa-se ao que o capítulo deixa ao leitor (2.12).

2.12 O que um leitor do Lumen Fluens deve levar daqui

O que se leva do capítulo é uma imagem exata da Stoa, com as correções que a letra impõe às frases que circulam sobre ela.

A Stoa é uma prática apoiada numa doutrina, e a prática só se entende com a física e a teologia que a sustentam. O que depende de nós é o juízo, a escolha (*prohairesis*). A *apatheia* não é insensibilidade: Sêneca diz que o sábio sente, e a escola tem as *eupatheiai*, entre elas a alegria, que é “coisa séria”. O exame de Sêneca termina em perdão e o de Epicteto, em alegria; Sócrates está por trás dos dois. A *misericordia* é paixão recusada, a *clementia* é virtude louvada, e é preciso saber qual das duas, ou uma terceira, alguém tem em mente.

O rio de Marco Aurélio é o *aiōn* e serve à perda do que passa; consentir ao destino é seguir e assentir, e *amor fati* é de Nietzsche. A cidade comum tem lei e governo, o retiro tem retorno, e “cidadela” é uma linha de Marco Aurélio (VIII, 48) e o título de um livro de Hadot. Razão, *logos*, deus, centelha, *daimon* e *spiritus* são os nomes que a Stoa dá ao que há de divino em cada um; o cânon deixa a Lux sem nome, e o estudo não faz de nenhum deles nome dela.

O que fica em aberto a Stoa deixa em aberto: a teodiceia, a escravidão, as mulheres, Sêneca e Nero, o destino e a liberdade. Afora essa cautela sobre a Lux, nenhuma frase deste capítulo aproxima a Stoa do cânon ou a separa dele. O diálogo vem no capítulo 3, onde ela é posta ao lado do cânon, e no capítulo 4, onde se marcam as fronteiras.

3 ONDE NOS TOCAMOS

Este capítulo reúne os dez lugares em que a Stoa e o cânon trabalham na mesma oficina. Aproxima; quem separa é o capítulo 4. Em cada lugar falam três vozes, nesta ordem: a Stoa diz, a tradição lê, o cânon responde; o que passa disso vem marcado. Onde a Ficha de outubro dizia uma coisa e a letra diz outra, o texto o diz sem ironia: “a Ficha dizia…; a letra diz…”.

3.1 O rio de Heráclito e o Flumen

Os dois falam de um rio, e é aqui que a letra mais pede cuidado.

Marco Aurélio faz do *aiōn* (a era, o tempo) “uma corrente violenta”, uma espécie de rio (*Meditações*, IV, 43; ver 2.5). A Ficha dizia “o tempo é um rio dos acontecimentos” [Ficha, não cânon]; a letra diz que o sujeito é *ho aiōn*, que a fórmula “*ho chronos potamos tōn ginomenōn*” não existe e que “tudo flui” não aparece com essa letra em Marco Aurélio. O rio volta para medir o que passa: “neste rio, que valor dar a algo que passa correndo e em que não é possível parar?” (*Meditações*, VI, 15) [V-gr; tradução do estudo]. Heráclito é nomeado em IV, 46 e VI, 42. Sêneca cita a sentença do rio: “ao mesmo rio duas vezes descemos e não descemos” (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 58, 23) [V-la; V-pt: Furlan].

A letra do cânon é outra. “Cada pessoa carrega uma luz interior atemporal, e vive imersa num rio — o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações” (Cânon v1.2, “Origem”). “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II). E o rio age: “O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma” (Catecismo, 48). Heráclito não está na doutrina; está entre as vozes dos Tratados (Cânon v1.2, Parte III, “A trilha dos escritos”). A letra nunca diz que o Flumen vem dele nem de Marco Aurélio. “Ambos bebemos de Heráclito” é frase da Ficha; o “mesmo avô” é leitura do Estudo VII, 2.2, que a recebeu de Hegel.

A mesma fonte leva a duas direções: em Marco Aurélio o rio mede o que se perde; no cânon, o que se recebe, o que se deixa e o que retoma [hipótese do estudo]. O único aviso de herança que o estudo achou entre as passagens do rio é de IV, 46, onde Marco Aurélio lembra um dito de Heráclito: “não se deve agir como filhos dos pais, isto é, simplesmente como recebemos” [V-gr; tradução do estudo]. Do rio que corre passa-se ao exame que fecha o dia (3.2).

3.2 O exame noturno e o Examinar

Este é o ponto mais citado da Ficha, e o que a letra mais corrige.

Sêneca atribui o hábito a Sêxtio e o termina em perdão: “por agora te perdoo” (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 2.9). Epicteto traz os versos pitagóricos e os termina em

alegria: das ações boas, “alegra-te” (*Diatribes*, III, 10, 2–3; ver 2.9). A tradição lê o exame de Sêneca como balanço de administrador, e não de réu (Foucault, *A hermenêutica do sujeito*, aula de 24/03/1982) [tese a confirmar; texto de 1980, via secundária], e o liga ao exame socrático (Hadot; ver 2.8).

O cânon diz, no Examinar: “Exame diário ao fim do dia, em duas perguntas: onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou? Cinco minutos bastam” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e, para encerrar, “a gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” (Catecismo, 43). A própria letra nega o tribunal: “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”). A Ficha dizia “tribunal lá, misericórdia aqui” [Ficha, não cânon]; a letra diz que Sêneca perdoa, que o Examinar recusa o juiz e que “tribunal” não ocorre no cânon. “Ancestral” também é da Ficha, que dizia “ancestral do nosso Examinar”: Sêneca não está nos escritos, e “ancestrais” é palavra só do Flumen. O que há é uma oficina comum, não uma genealogia [inferência do estudo].

A Regra da Misericórdia liga-se ao Examinar só pelo recomeço: “quem deixou passar o exame de uma noite volta a fazê-lo na seguinte” (Catecismo, 47). A decisão n.º 4 de 17/10/2026 fixa que a mão que retoma, nela, é o rio, e não o Abrigo; o estudo lê que em Sêneca quem diz “te perdoo” é o próprio examinando, que se fala em segunda pessoa [leitura do estudo]. O dois-em-um de Arendt, o diálogo de cada um consigo, cabe na letra do Examinar como leitura, sem receber o nome de pensar (decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bp)) se a Ficha reescrita adota esta correção. Do exame passa-se ao modelo que os dois estoicos tomam (3.3).

3.3 Sócrates como modelo

Este ponto já está decidido: a decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X diz que “Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar”.

Sêneca (*Cartas a Lucílio*, 104, 27–28) e Epicteto (*Diatribes*, II, 1, 32; *Encheirídion*, 51, 3) tomam Sócrates por modelo do exame de si (ver 2.9). O que 2.9 não traz são as últimas linhas do manual, que também são de Sócrates: “Ânito e Meleto podem me matar, mas não podem me causar dano” (Epicteto, *Encheirídion*, 53, 4) [V-pt: Dinucci–Julien]. A tradição lê o mesmo: para Hadot, o exame de consciência socrático é o fundamento de todo exercício espiritual [paráfrase; V via secundária: Lima, 2021].

O cânon fala por silêncio e por decisão. A letra do Examinar não nomeia interlocutor (Estudo X, 2.3), e a decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X faz do veto da Bússola “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” e deixa o sinal de Sócrates “em Platão”. Sócrates entra na Ficha como modelo, não como letra do cânon, e como modelo de

Sêneca e de Epicteto, não como ancestral do Examinar posto no lugar de Sêneca [leitura do estudo]. O Portar é “levar a luz acesa através do fluxo, sem deixar que a correnteza a apague […]” (Meditações Práticas, “O Portar do dia”). Que o Sócrates a quem os acusadores não podem causar dano seja o modelo desse Portar é leitura deste estudo, que a decisão n.º 8 torna possível sem a fixar [leitura do estudo]. De quem exerce o que depende de si passa-se ao que depende de nós (3.4).

3.4 O que depende de nós e o Portar

Uma divisão da vida e um verbo se aproximam.

Epicteto abre o *Encheirídion* com a divisão entre o que é e o que não é “encargo nosso” (*ta eph' hēmin*; ver 2.2): o juízo, o impulso, o desejo e a repulsa de um lado; o corpo, as posses, a reputação e os cargos públicos do outro (*Encheirídion*, 1, 1) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Dinucci recusa “sob nosso controle” e prefere “encargos nossos”; o estudo registra e não decide. A consequência é querer o que acontece: “quere que aconteçam como acontecem” (*Encheirídion*, 8) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien].

O Pilar III diz: “A mudança não é acidente a suportar, mas mensagem a carregar. Quem resiste ao fluxo é arrastado; quem o porta, navega” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III). E o Catecismo distingue por escrito: “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz” (Catecismo, 14). A Ficha dizia “portar o involuntário” [Ficha, não cânon]; a letra diz que “involuntário” não ocorre, e que o mais próximo é “mudança inesperada” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário”) e “uma mudança que você não pediu”, diante da qual se pergunta, “antes de reagir”: “que mensagem carrego através disto?” (Meditações Práticas, “O Portar do dia”). A Mutatio, no feminino (decisão n.º 7 de 17/10/2026), é a mudança como vocação, e se treina pequena “de propósito” (Catecismo, 16).

A forma é comum: nos dois lados a vida se divide entre o que chega e o que se faz com o que chega, e entre as duas partes se põe uma pausa, uma pergunta ou um exame do juízo [inferência do estudo]. Se a mudança é mensagem, e não só ocasião de domar o juízo, é fronteira de direção; os versos que Epicteto cita e que Dinucci e Sêneca dão a Cleantes, e o *amor fati*, que é de Nietzsche e não da Stoa (ver 5.7), pertencem ao capítulo 4. Do indivíduo diante do que chega passa-se à cidade em que ele chega (3.5).

3.5 A cidade comum e as Águas Comuns

Nos dois lados, ninguém é só seu.

Marco Aurélio encadeia o intelecto comum, o *logos*, a lei e a cidade: “o mundo é como uma cidade” (*Meditações*, IV, 4); sua pátria, “como homem, o mundo” (VI, 44); e Epicteto diz “és cidadão do mundo e parte dele” (*Diatribes*, II, 10, 3; ver 2.7). O Estudo X, 4.1, leu “cidadão do mundo” em *Diatribes*, I, 9, 1; a letra ali é *kosmios* (“do mundo,

ordenado”; ver 5.3). Sêneca propõe abraçar em espírito “duas repúblicas” (*Sobre o ócio*, 4, 1) [V-la; localização a confirmar], a grande, dos deuses e dos homens, e a em que se nasce [paráfrase]. A *oikeiōsis* abre os círculos de Hiérocles do eu até o gênero humano (ver 2.7). Em Cícero, que cita Ênio, quem mostra o caminho a quem erra “acende uma luz a partir da própria luz”, sem que a sua brilhe menos (*Dos deveres*, I, 51) [V-la; tradução do estudo].

As Águas Comuns dizem: “Ninguém navega um rio privado. Além do que devo a mim e do que devo a quem chega até mim, devo ao rio o próprio fluxo: manter as águas passáveis” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). É “o terceiro devido — o nós, ao lado do eu e do tu” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”). “A luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). A luz de Cícero e de Ênio é deles, não do cânon, e “cidade” e “cosmopolita” não ocorrem em nenhum escrito; o estudo não escreve “o rio é a cidade comum”. Escreve que, nos dois, ninguém é só seu e se deve algo a todos [leitura do estudo]. A fronteira cabe em uma frase: a cidade estoica tem lei e *logos* comuns que a regem, e o rio é, no lema do cânon, “de ninguém” (ver 4.6). Do que se deve à cidade passa-se ao lugar onde cada um se recolhe (3.6).

3.6 O retiro em si e a margem

A Ficha negou este ponto com três palavras, “cidadela interior, não” [Ficha, não cânon]; a letra dos dois lados pede outra leitura.

Marco Aurélio dá ao retiro uma volta marcada: “recolher-te em ti mesmo” para voltar “àquilo a que voltas” (*Meditações*, IV, 3; ver 2.7). A palavra “cidadela” é *akropolis*, e está em VIII, 48: a mente livre de paixões [V-gr; tradução do estudo]. *A cidadela interior*, título que o estudo verte de *La Citadelle intérieure*, é de Hadot [paráfrase; página a confirmar]. E o sábio de Sêneca “deseja ter amigo” (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 2.7). A Ficha dizia “autossuficiência” contra “casa de portas abertas”; a letra do estoico já inclui o amigo.

As Águas Comuns também falam do retiro: “Retirar-se não é represar: quem atraca não desvia o rio — guarda a lamparina do vento. […] A margem também é rio; o silêncio à beira d’água também é presença. Distinguem-se o retiro e o abuso por duas marcas: o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). “Retiro” ocorre 11 vezes na letra (15 com as flexões de “retirar”); “cidadela”, nenhuma. Lida como recusa do recolhimento, a Ficha contradiz a letra. Duas decisões completam: a margem é “estar consigo” (decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), e Catão e Epicteto entram na Ficha (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O Estudo XIII, 5.3, registrou o Catão de Cícero e a distinção de Epicteto entre *erēmos* (o ermo) e *monos* (o só) (*Diatribes*, III, 13; ver 5.6) [V-en via secundária: Estudo XIII; paráfrase].

A marca que o retiro de Marco Aurélio e o da margem partilham é o retorno: refaz-se para voltar [hipótese do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bs)) se a Ficha reescrita troca “cidadela interior, não” por esta leitura. Do retiro que devolve a luz passa-se à alegria (3.7).

3.7 A alegria do figo maduro e a celebração

A Ficha disse este ponto em forma de desconfiança: “uma sabedoria que não dança” [Ficha, não cânon].

Marco Aurélio olha o pão que racha no forno e os figos maduros que ficam entreabertos: o que sobrevém ao que nasce “tem algo de gracioso e atraente” (*Meditações*, III, 2) [V-gr; tradução do estudo]. Epicteto manda chamar a multidão de “festa e assembleia festiva” (*Diatribes*, I, 12, 21) [V-gr; tradução do estudo]. A alegria é afeto do sábio, uma das três *eupatheiai* (“afetos bons”; Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 116; ver 2.3). E Sêneca: *verum gaudium res severa est*, “a verdadeira alegria é coisa séria” (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4) [V-la; tradução do estudo].

O Pilar IV tem: “Um momento diário de celebração física plena — dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV); “O templo também dança” (Meditações Práticas, “A celebração maior”). A “alegria” ocorre uma vez, para dizer que “ninguém volta com alegria para algo que só lembra fracasso” (Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia”); “festa” não ocorre. A Ficha dizia “desconfiamos de uma sabedoria que não dança”; a letra diz que a Stoa tem *eupatheiai*, que o sábio de Sêneca vence todo incômodo e “o sente” (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 2.3), e que “desconfiamos” e “*apatheia*” são palavras da Ficha, não do cânon. Os dois põem a alegria no ordinário: o pão, o figo, a refeição, a caminhada [leitura do estudo].

A decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII manda à Ficha “a recusa agostiniana da *apatheia*”. Agostinho a recusa como insensibilidade: sem afetos, “viveríamos antes não retamente” (*A cidade de Deus*, XIV, 9, 4; ver 2.3 e o Estudo XII, 5.2). Quanto pesa a seriedade dessa alegria ao lado da dança é do capítulo 4; o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bv)) se a Ficha reescrita troca “uma sabedoria que não dança” por uma fronteira dita pela letra, com a recusa agostiniana ao lado. Do corpo que celebra passa-se ao outro que erra (3.8).

3.8 “Amar até os que erram” e “há uma luz devida ao outro”

Há aqui um gesto mais do que uma doutrina: não fechar o rosto a quem erra.

Marco Aurélio escreve que é próprio do homem “amar também os que tropeçam” (*Meditações*, VII, 22; ver 2.10), e dá o caminho: lembrar que são parentes, que erram por ignorância e que não prejudicaram o princípio diretor (*hēgemonikon*, a parte da alma que governa e julga) de quem sofreu o dano. Sêneca chama o homem de “coisa sagrada para o

homem” (*Cartas a Lucílio*, 95, 33) [V-la; tradução do estudo]. Mas recusa a *misericordia*, “doença do ânimo”, e o sábio “socorrerá” (*Da clemência*, II, 5, 4 e II, 6, 3; ver 2.10). O amor que Marco Aurélio pede e o socorro que Sêneca admite são ação sem aquela paixão.

A dívida do cânon é outra: “Não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro” (Catecismo, 36). A frase vem do lobo, o mal que alguém inflige, “com intenção ou sem ela” (Catecismo, 35). O Abrigo é “Sê casa para o outro” (Cânon v1.2, “O Abrigo”), e o fundamento não é a necessidade de quem ajuda: “o olhar do outro não a cria, mas pode ser o primeiro a vê-la” (Catecismo, 31). A decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII fixa que “nenhuma pessoa está fora da Lux”. Cada casa funda o gesto em algo do outro que o erro não apaga: em Marco Aurélio, o parentesco e o princípio diretor de quem sofreu o dano, que não piorou; no cânon, uma luz devida. O “outro” do Catecismo, 36, é a dívida de luz; o de Marco Aurélio é o parente que erra por ignorância; as duas coisas não se somam [leitura do estudo].

“Misericórdia” tem aqui quatro usos, cada um na sua voz: a *misericordia* que Sêneca recusa, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia do cânon, reflexiva, e a graça da tradição cristã (decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). O erro por ignorância e o lobo que deve justiça são fronteira do capítulo 4; o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bw) e a herdada (g), a justiça devida ao lobo) se a Ficha registra essa fronteira. Do gesto para com o outro passa-se ao gesto de cada dia (3.9).

3.9 Os exercícios e a Regra de Vida

As duas casas são escolas de prática, e cada uma organiza o seu dia.

A tradição lê a Stoa como escola de prática: Hadot não acha nela “nenhum tratado sistemático” dos exercícios, Foucault a lê pelo “cuidado de si”, e Veyne tempera a leitura (ver 2.8). O estudo não decide entre elas. A letra do dia — levantar-se para a “obra de homem”, prever o intrometido, pensar cada dia como “uma vida” — está em 2.8 (Marco Aurélio, *Meditações*, V, 1 e II, 1; Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 101, 10). O que 2.8 não traz é o exercício contra o hábito: Epicteto pede “opor um hábito contrário” (*Diatribes*, III, 12, 6) [V-gr; tradução do estudo].

A Regra de Vida dá o ritmo: “Ao despertar, antes de qualquer tela: um minuto de silêncio […] Definir a única coisa que hoje não pode ficar sem luz” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário”); “Acender não é criar algo novo em você; é parar de fingir que não existe” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”). O dia é Acender, Portar, Examinar, e a regra tem um limite dito: “a regra serve à vida, não o contrário” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo de estação”). “Regra” é homônimo: o *Encheirídion*, 33, fala de caráter; a Regra de Vida, de ritmos.

O Acender e as manhãs de Marco Aurélio abrem o dia com um gesto antes do mundo; “cada dia como uma vida” e o dia do cânon, de um Acender ao Examinar, tratam o

dia como unidade. A premeditação dos males (*praemeditatio malorum*) [paráfrase; localização a confirmar] não tem par na letra, pois “premeditar”, “prever” e “pior” não ocorrem; a Mutatio treina o Portar pela mudança pequena, “para que, quando a mudança grande chegar sem pedir licença, você já saiba portar” (Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana”). A Revisão do rio, que olha três meses para trás, lembra a visão do alto de Marco Aurélio (*Meditações*, IX, 30), mas o cânon só diz “de cima” para negá-lo à Vigília: “a Vigília não lê a noite de cima nem do fim” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”) [ocorrência única nas Meditações Práticas, a conferir]. São aproximações de oficina, não de doutrina [hipótese do estudo].

A decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI aceita “o exercício” e recusa “a medida”, e a n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI admite “um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma”; o exercício que mede progresso é fronteira do capítulo 4. Da prática passa-se ao ponto que sustenta os outros nove (3.10).

3.10 A centelha e “a luz não se acende — ela se revela”

Este é o ponto mais delicado: a Stoa dá nome ao que há de divino em cada um, e o cânon deixa a Lux sem nome.

Epicteto chama as almas “partes e pedaços” de deus (*apospasma*, “fragmento arrancado”) e põe em cada um por guarda o seu *daimon* (o gênio ou guia interior) (*Diatribes*, I, 14, 6 e 12–14). Sêneca fala de um espírito sagrado, *sacer intra nos spiritus sedet*, “um espírito sagrado habita dentro de nós” (*Cartas a Lucílio*, 41, 2), e de uma centelha que “um sopro leve” desdobra em fogo, quando a advertência desperta as sementes do bem (94, 29). Marco Aurélio fala do *daimon* que Zeus deu a cada um, “fragmento de si mesmo” (*Meditações*, V, 27). A tradição lê essa centelha como fragmento de um vivente, o universo (Dinucci, *As Diatribes de Epicteto, livro I*, nota 471; ver 2.6).

O cânon diz da luz: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui” (Tratado da Luz Interior, “Definição”). A estrutura é tripla: a luz é dada, não fabricada; está em cada um; e o que a desperta vem de fora sem ser posto de fora, na advertência que acorda a centelha de Sêneca e no Abrigo que “pode revelar uma luz que estava escondida” (Catecismo, 31) [leitura do estudo].

A Ficha dizia “a luz como participação num princípio que nos excede” [Ficha, não cânon]; a letra diz que “excede” não ocorre, e que a única frase sobre participação da luz num princípio é do Tratado, a propósito do *logos* (princípio racional) de Heráclito: “participação nesse princípio comum”, seguida da frase que a limita: a origem é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior,

“Fundamentação”). A Ficha guardou a primeira e deixou cair a que a limita [leitura do estudo].

O sol, o intelecto agente, a luz imutável e a pluralidade já foram tomados como estrutura, nunca como nome da Lux (decisões n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII; n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). O estudo dá ao *logos*, à centelha, ao *daimon* e ao *spiritus* o mesmo trato. O “quem” de Arendt (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) é outro uso, e não se confunde com o *daimon* de Marco Aurélio, que é voz da Stoa [leitura do estudo]. A fronteira cabe em uma frase: a Stoa dá nome ao que há de divino em cada um, e o cânon deixa a Lux sem nome. A letra é esta: “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). O capítulo 4 a mede; o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (br)) se a Ficha reescrita retira “participação num princípio que nos excede” e diz a fronteira pela Lux sem nome.

Em todos os dez lugares a oficina é comum; o nome que a Stoa dá ao que há de divino em cada um, e que o cânon não dá à Lux, é o assunto do capítulo seguinte (4.1).

4 ONDE NOS SEPARAMOS

O capítulo anterior pôs lado a lado o que a Stoa e o cânon têm em comum; este diz onde as duas casas se afastam, pela letra de cada uma e sem fazer de nenhuma a adversária da outra. A Stoa fala na voz dela, a tradição lê por intérpretes nomeados, o cânon responde pela letra dos escritos, e o que passa disso vem marcado como do estudo. Onde a Ficha de outubro dizia uma coisa e a letra diz outra, o texto escreve “a Ficha dizia…; a letra diz…”, sem ironia. As decisões do fundador valem como palavra dele e não se reabrem; as perguntas são do estudo, e só o fundador decide.

4.1 A centelha nomeada e a Lux sem nome

Esta é a fronteira central do estudo, e as outras dependem dela: a Stoa dá nome ao que há de divino em cada um (razão, *logos*, centelha, *daimon*), e o cânon deixa a Lux sem nome.

Epicteto chama as almas “partes e pedaços” de deus (*Diatribes*, I, 14, 6) e dá a cada uma um *daimon* (espírito guardião) (I, 14, 12–14); Sêneca fala de um “espírito sagrado” que habita em nós (*Cartas a Lucílio*, 41, 2) e de uma “centelha” (94, 29); Marco Aurélio, do *daimon* como “fragmento” de Zeus (*Meditações*, V, 27) (ver 2.6). A imagem de luz da *Carta* 41 são os raios do sol; *lux* e *lumen* não aparecem nela, e *lumen* e *igniculus* estão na *Carta* 92, 17–18: nenhum é nome da Lux.

A tradição lê esse nome com seriedade. Dinucci mostra, na nota 471 a *Diatribes*, I, 14, 6, que para os estoicos o universo é um vivente que percebe cada uma de suas partes (ver 2.6) [V-pt: Dinucci; paráfrase]. A centelha não é metáfora: é fragmento de um vivente.

A letra do cânon traz a estrutura, sem o nome. O Pilar I diz: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). O Tratado da Luz Interior acrescenta que “revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui” (Tratado da Luz Interior, “Definição”). Que a luz seja dada, e não fabricada, e que esteja em cada um, a Stoa diz e o cânon diz; é a estrutura comum que o capítulo 3 registrou (ver 3.10) [leitura do estudo].

A separação está no que vem depois. A Independência confessional não nomeia a origem: “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”). O cânon não é teísta nem ateu; o deus de Epicteto, de Sêneca e de Marco Aurélio, material, imanente e racional, é a voz da Stoa e fica como material.

A Ficha de outubro escreveu, sobre o *logos*: “a luz como participação num princípio que nos excede” [Ficha, não cânon]. “Excede” não ocorre em arquivo algum do cânon. “Participação” ocorre no Tratado da Luz Interior, e o sujeito ali é Heráclito: para o efésio

“há um princípio racional comum que atravessa todas as coisas em fluxo”, e “a luz interior do Pilar I é participação nesse princípio comum: não é posse privada e isolada, mas ponto de contato entre a pessoa e algo maior que a atravessa” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A frase seguinte da mesma seção a limita: “O ponto comum entre Agostinho, Tomás, Heráclito e o personalismo não é a origem que cada um atribui à luz — questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto, respeitando a independência confessional — mas a estrutura” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”).

A Ficha reuniu o parágrafo de Heráclito com o Catecismo, 17 (“o que vai além de nós”, dito da transcendência que passa pela matéria, não da luz) e deixou cair a frase que as limita [leitura do estudo]. A Ficha nomeou o que o cânon cala.

A série já recusou quatro vezes, por decisão do fundador, que uma estrutura vire nome da Luz: o sol, porque “o Bem não é nome da Luz” (n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X); o intelecto agente, “estrutura, nunca nome da Luz” (n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI); a luz imutável de Agostinho, “estrutura, e nunca nome da Luz” (n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII); a pluralidade, que “entra como estrutura, não como palavra da letra” (n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). Sobre o Estudo X, a n.º 7 de 23/10/2026 fixou ainda que o sinal de Sócrates fica em Platão. A série não decidiu o *logos*; por analogia, o estudo propõe que o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* sejam tomados como estrutura, nunca como nome da Lux [hipótese do estudo].

A diferença que fica é de pertencimento. O “fazer parte” estoico não é o “pertencimento” da retomada (decisão n.º 4 de 17/10/2026): a centelha é parte de um todo que a nomeia e a governa (a mente de cada um “é deus e dali emanou”, *Meditações*, XII, 26; ver 2.6); a Lux é de alguém, e a Bússola o diz em primeira pessoa: “eu sem a minha luz sou uma mentira” (Cânon v1.2, “A Bússola”). O nome que cada leitor dá à luz é dele, pela Independência confessional; o estudo não o dá [leitura do estudo].

Questão aberta (br): a frase da Ficha, “a luz como participação num princípio que nos excede”, não é letra do cânon; é a Ficha reunindo um parágrafo do Tratado da Luz Interior, dito em voz de Heráclito, com uma frase do Catecismo, e retirando a que as limita. O estudo pergunta ao fundador se a Ficha reescrita retira a frase e diz no lugar a fronteira (a centelha nomeada × a Lux sem nome), e se o *logos*, como o sol, o intelecto agente e a luz imutável, entra como estrutura e nunca como nome da Lux.

Do que a Stoa nomeia em cada um passa-se ao que ela diz da noite (4.2).

4.2 A providência e a Vigília que não promete vitória

Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio leem o mal à luz de uma ordem do todo; a Vigília não lê a noite de cima nem do fim, e é aí que as duas casas se separam.

Sêneca defende, em *Sobre a providência*, que “nada de mau pode acontecer” ao bom (2, 1; ver 2.11) e diz do destino: “não sirvo a deus, assinto” (5, 6) [V-la; tradução do

estudo]. Epicteto lê a dificuldade como prova dada por deus e põe na boca do bom a súplica “Traze agora, ó Zeus, a circunstância que quiseres” (*Diatribes*, I, 6, 37) [V-gr; tradução do estudo]. A letra não é uniforme: Marco Aurélio deixa o dilema aberto, “ou providência ou átomos” (*Meditações*, IV, 3; ver 2.11), e a tradição discute o alcance da ordem: Thom lê os versos de Cleantes como restauração da ordem, e não como teodiceia estrita [V via secundária: Watanabe; paráfrase].

A Vigília diz o que o cânon promete: “A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”). À pergunta “o que há no fundo da noite?”, a resposta é “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”; decisão n.º 2 de 17/10/2026). A decisão n.º 1 de 17/10/2026 fixou a fórmula que o Estudo VII deixou: o Lumen Fluens “aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia”.

O Tratado da Vigília, diante de Boécio, diz o mesmo em outra voz: “O Lumen Fluens honra o gesto e não adota a providência, porque a Vigília não lê a noite de cima nem do fim” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”). A Disputatio diz: “A tempestade é real, a correnteza é real, o dano é real” (Disputatio, “Respondeo”). O cânon não diz que a noite é prova, nem que a adversidade instrui: “providência” e “destino” só ocorrem nele em voz alheia ou recusados, e “prova” ocorre uma vez, com outro sentido. A decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII registra que “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”. A fronteira é de leitura, não de acusação: a Stoa lê o mal por dentro de um todo ordenado, e a Vigília fica com quem está na noite, passe ela ou não [leitura do estudo].

A segunda fronteira é a do verbo. Epicteto manda querer “que aconteçam como acontecem” (*Encheirídion*, 8) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien], e cita a prece de Cleantes (atribuição de Dinucci e de Sêneca; ver 2.5), que diz *hepsomai*, “seguirei”, e *synkechōrēken*, “cedeu”, “consentiu” (*Encheirídion*, 53) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. O cânon tem outro verbo: “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz” (Catecismo, 14). “Aceitar” e “consentir” só ocorrem em voz alheia ou, nos Tratados, para dizer o que a Vigília não faz: “quem se recusa a apagar não consentiu em nada” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”). *Assentir* e *portar* não se traduzem um pelo outro [leitura do estudo].

Questão aberta (bu): a fronteira com a teodiceia, já dita diante de Hegel no Estudo VII (a Vigília “promete presença, não vitória”), recebe aqui letra estoica: a providência, o mal como prova, o *logos* que ordena o mal. O estudo pergunta ao fundador se essa fronteira entra como fronteira da série, ao lado das que a série já registrou, ou se fica só deste estudo.

Do mal passa-se a quem o sofre e à palavra que as duas casas usam em sentidos diferentes (4.3).

4.3 A *misericordia* recusada, a *clementia* e a Regra da Misericórdia

"Misericórdia" tem aqui quatro usos, cada um na sua voz: a *misericordia* que Sêneca recusa, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia do cânon e a graça da tradição cristã; a fronteira passa por não confundir nenhum.

A *misericordia* é paixão. Diógenes Laércio dá a letra grega: *eleos* é tristeza (*lypē*) "por quem sofre indignamente" (*Vidas*, VII, 111) [V-gr; V-en: Hicks, conferência a fazer; tradução do estudo]. Sêneca a diz "doença do ânimo" e manda o sábio socorrer sem compadecer-se (*Da clemência*, II, 5, 4 e 6, 3; ver 2.10). A *clementia* é outra coisa: "moderação do ânimo no poder de vingar-se" (II, 3, 1; ver 2.10), virtude de quem tem poder sobre outro, hierárquica por definição. E o exame noturno, o de Sêxtio que Sêneca pratica, termina em perdão: *nunc tibi ignosco*, "por agora te perdoo" (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 2.9). O sábio não perdoa, porque não omite o devido (*Da clemência*, II, 7, 1–2; ver 2.10); quem diz *nunc tibi ignosco* é um proficiente a si mesmo [tese de Lohner, via Franco 2022]. A tensão está na letra, e a leitura que a concilia é do estudo [leitura do estudo].

A tradição acrescenta duas vozes. Foucault lê o exame de Sêneca como balanço de administrador, e não de réu, e a correção à Ficha encontra apoio nessa leitura [V-en via secundária: texto de 1980; aula de 24/03/1982, tese a confirmar]. Agostinho defende a *misericordia*, que os estoicos costumam censurar, como movimento que "serve à razão" e anda com a justiça (*A cidade de Deus*, IX, 5; ver 2.10), e não é a paixão que Sêneca recusa. O Estudo XII, 5.2, já mediu a recusa agostiniana da *apatheia* (ver 4.4).

A Regra da Misericórdia diz: "Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia"). Quem retoma não é o Abrigo nem outra pessoa: "A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio — o Flumen —, não o Abrigo. A retomada é pertencimento, e não depende de outra pessoa" (decisão n.º 4 de 17/10/2026). O estudo lê que, em Sêneca, quem diz "te perdoo" é o próprio examinando [leitura do estudo]. O endereço da Regra é reflexivo: "falar a quem falhou consigo mesmo, para que não desista da própria luz por causa do próprio erro. Isso é diferente de decidir o que se deve ao mal cometido contra outrem" (Disputatio, "Respondeo"). O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX), e "perdão", "clemência" e "compaixão" não têm letra no cânon.

A decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII separou em duas a linha "Misericórdia e graça" da Ficha do Estudo III: "a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo". A Regra não é, portanto, a *misericordia* recusada (não é compaixão pelo outro), não é a *clementia* (não é a brandura de quem tem poder) e não é a graça [leitura do estudo]. Em estrutura, está mais perto do *nunc tibi ignosco*, o perdão de si diante da falha, do que das outras três, e dele se separa em quem estende a mão: em Sêneca, o próprio exame, a razão que julga e absolve; no cânon, o rio [hipótese do estudo].

Daí a segunda correção à Ficha. A Ficha dizia: “O exame noturno (Sêneca, De Ira III.36): ancestral do nosso Examinar — tribunal lá, misericórdia aqui” [Ficha, não cânon]. A letra diz que o exame de Sêneca perdoa e que o Examinar não é tribunal: “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”). A Regra da Misericórdia não é o outro polo do Examinar; liga-se a ele só pelo recomeço: “quem deixou passar o exame de uma noite volta a fazê-lo na seguinte” (Catecismo, 47). O que separa as duas casas está nas perguntas (ver 4.8) e na mão: em Sêneca, o próprio exame; no cânon, o rio [leitura do estudo].

Questão aberta (bp): o exame noturno de Sêneca ao lado do Examinar. A Ficha dizia “tribunal lá, misericórdia aqui”; o estudo mostra que Sêneca perdoa e que o Examinar não é tribunal. O estudo pergunta ao fundador se a Ficha reescrita adota a correção e diz a fronteira pela mão que retoma (em Sêneca, o próprio exame; no cânon, o rio).

Questão aberta (bt): o estudo pergunta ao fundador se quer uma nota no glossário da Regra da Misericórdia (não é a *misericordia* que a Stoa recusa, nem a *clementia*, nem a graça) ou se basta este estudo, com a separação já decidida (n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII).

Da mão que retoma passa-se ao afeto, à alegria da Stoa e à celebração do cânon (4.4).

4.4 A alegria severa e a dança

A Ficha dizia: “Apatheia vs. celebração: desconfiamos de uma sabedoria que não dança” [Ficha, não cânon]. A letra da Stoa desfaz a caricatura, e a fronteira que sobra é outra.

A *apatheia* (ausência de *pathos*, de paixão) não é ausência de afeto, e a letra da Stoa desfaz a caricatura (ver 2.3 e 3.7). O que fica novo é Sêneca querendo que a alegria “nasça em casa” (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4) [V-la; tradução do estudo], e o sábio “cheio de alegria” (59, 14) [V-la; tradução do estudo]; e Epicteto perguntando: “Que outra coisa posso eu, velho e coxo, senão cantar a deus?” (*Diatribes*, I, 16, 20) [V-gr; tradução do estudo]. A Stoa tem alegria, e a chama “coisa séria” (23, 3–4; ver 3.7).

A tradição confirma e separa. Graver lê as *eupatheiai* (afetos bons) como emoções do sábio, feitas de juízos verdadeiros (*Stoicism and Emotion*) [paráfrase; tese a confirmar]. Agostinho registra que os estoicos admitiram três afetos bons e negaram a quarta, a aflição, que ele admite quando é segundo Deus (*A cidade de Deus*, XIV, 8; 2 Coríntios 7) [V-la; paráfrase]. Quanto à *apatheia*, a recusa dele tem duas faces: rejeita a insensibilidade e admite como livramento dos afetos contra a razão uma *apatheia* que tem prazo (XIV, 9; ver 2.3 e o Estudo XII, 5.2). A decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII faz a Ficha do Estudo II receber essa recusa, “como recebeu Sócrates”, como material.

Em *A cidade de Deus*, IX, 4, 3, Agostinho chama a diferença entre estoicos e peripatéticos de “disputa de palavras” (ver 2.3), o que enfraquece o contraste limpo da Ficha. A razão de Agostinho é moral e teológica: o peregrino, o cidadão da cidade de Deus a caminho, ama e por isso sente. Entre as duas casas ele entra como leitura, e não como árbitro [leitura do estudo].

O Pilar IV prescreve “um momento diário de celebração física plena — dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV), e a celebração maior da semana é, “idealmente com outros: a luz é para todo o mundo ver, não para consumo próprio” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal”). “Trata-se de lembrar, com o corpo, que você não é só o que produz. O templo também dança” (Meditações Práticas, “A celebração maior”). Pela contagem do estudo, “*apatheia*”, “paixão”, “afeto” e “emoção” não ocorrem no Cânon, no Catecismo nem nas Meditações Práticas, e “alegria” ocorre uma vez, como o que falta a quem volta à prática carregado de culpa (Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia”).

A fronteira, dita pela letra, não é alegria × ausência de alegria. É de que lugar a alegria nasce e com quem ela se faz: a do sábio nasce em casa, severa e guardada pela razão; a do cânon passa pelo corpo, pelo ritmo, pela mesa, e se faz de preferência com outros [leitura do estudo]. A fronteira se diz sem emprestar palavras: Marco Aurélio vê beleza no pão rachado e no figo maduro (*Meditações*, III, 2; ver 3.7), e a alegria do sábio, o *gaudium*, recusa a medida da paixão (*Cartas a Lucílio*, 116, 1; ver 2.3). “Dançar” e “celebrar” são palavras do cânon, e “festa” é palavra de Epicteto; “desconfiamos” é voz da Ficha, não do cânon.

Questão aberta (bv): a Ficha reescrita troca “uma sabedoria que não dança” por uma fronteira dita pela letra (a alegria estoica existe e é severa; a celebração do cânon inclui o corpo), com Agostinho ao lado (n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII)? O estudo pergunta ao fundador.

Da alegria que nasce em casa passa-se ao que se deve ao outro (4.5).

4.5 O sábio que não precisa e o Abrigo que deve

A fronteira não passa pela solidão nem pela cidadela, e sim pelo motivo com que se abre a mão: necessidade ou dívida.

O sábio de Sêneca “deseja ter amigo e vizinho e companheiro, ainda que baste a si mesmo” (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 2.7) e se contenta consigo “para viver feliz” (9, 13; ver 2.4); o mesmo Sêneca escreve que “ninguém tem força bastante para emergir por si; é preciso que alguém estenda a mão” (52, 2) [V-la; tradução do estudo]. A *oikeiōsis* (afinidade, apropriação) corre de dentro para fora (ver 2.7); quem mostra o caminho a quem erra “acende uma luz” da própria luz (Ênio, citado por Cícero, *Dos deveres*, I, 51; ver 3.5); o retiro de Marco Aurélio tem “volta marcada” (*Meditações*, IV, 3; ver 2.7). A mente livre

de paixões é a *akropolis* de *Meditações*, VIII, 48; *La Citadelle intérieure* é o título de Hadot (ver 2.7).

A tradição disputa a medida. Hegel lê a liberdade estoica como retirada para o pensar (Estudo VII, 4.2), e o Estudo XII, 5.2, registrou que Agostinho aprova “muito mais” a vida social do sábio (*A cidade de Deus*, XIX, 5), o que apoia, do lado da Stoa, a “casa de portas abertas” da Ficha [leitura do estudo].

O Abrigo diz: “A Bússola protege a minha luz; o Abrigo a oferece. Uma filosofia que só protege a própria luz vira lamparina de museu” (Cânon v1.2, “O Abrigo”). O fundamento do Abrigo é a dívida: “uma luz devida ao outro” (Catecismo, 36; ver 3.8), e o olhar do outro “não a cria, mas pode ser o primeiro a vê-la” (Catecismo, 31). A decisão n.º 5 de 19/10/2026 diz que as Águas Comuns são assimétricas no Abrigo e recíprocas no rio, e que a assimetria é “de posição, não de valor”; o Abrigo “não vai até a substituição” (n.º 4 de 19/10/2026), e a amizade fica nas Águas Comuns, porque “o Abrigo não pede retorno em ponto algum” (n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI). O retiro tem a letra de duas marcas: ele “guarda a luz para devolvê-la” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; ver 3.6).

A Ficha dizia: “Autossuficiência vs. Abrigo: cidadela interior, não; casa de portas abertas” [Ficha, não cânon]. “Autossuficiência”, “cidadela” e “portas abertas” não ocorrem no cânon, que tem o retiro (11 vezes; 15 com as flexões de “retirar”), com a marca de devolver a luz, a mesma que o retiro de Marco Aurélio carrega (ver 3.6). Lida como recusa do recolhimento, a Ficha contradiz a letra. A fronteira real é a lamparina de museu e o “individual” como fechamento, e é fina: o sábio ajuda sem precisar do outro para a própria luz; o Abrigo é casa para quem chega porque lhe é devida uma luz. A direção também difere: na *oikeiōsis* a ajuda vai de dentro para fora; no Abrigo, parte de quem chega até mim. E a *Carta a Lucílio* 52 impede a caricatura do sábio fechado [leitura do estudo].

Questão aberta (bs): o retiro em si (*Meditações*, IV, 3) ao lado da margem. O estudo pergunta ao fundador se é leitura aceitável, e se “cidadela interior, não” vira, na Ficha reescrita, “a cidadela se abre: a margem devolve a luz”.

Do retiro e do Abrigo passa-se à cidade que a razão governa e ao rio que ninguém governa (4.6).

4.6 A razão como dono da cidade e o rio *nullius*

Os dois dizem que ninguém é só seu; a Stoa diz também quem governa o todo, e o rio é “de todos e de ninguém”.

A cidade comum estoica tem lei, razão e governante (ver 2.7): o mundo, dizem os estoicos por Catão, é “governado pela vontade dos deuses” (Cícero, *Dos fins*, III, 64) [V-la; tradução do estudo], e Marco Aurélio e Epicteto o fazem uma cidade de que se é cidadão (*Meditações*, IV, 4; *Diatribes*, II, 10, 3).

O lema do cânon é *Flumen omnium, nullius*, “O rio, de todos e de ninguém” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). O Tratado explica o nome: “o cânon diz águas comuns, e não comunidade, sociedade ou coletivo, palavras que dariam ao rio um dono” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”). Na Fundamentação, “o rio do cânon é o fluxo, mais largo e mais humilde que o espaço público, e não é programa político”; e a redação pedida pela decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII diz que Arendt separa o político do social, e que “o nome ‘Águas Comuns’ foi escolhido por outra razão, a de não dar ao rio um dono, e a distinção dela fica registrada aqui, junto a essa razão, sem que o rio seja nem um nem outro” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”).

“Cidade”, “cidadão”, “cosmopolita” e “lei” não têm letra no cânon. O estudo lê: o argumento do Tratado contra um nós que tem dono é o argumento contra a cidade regida por um *logos* [hipótese do estudo].

A escravidão e a condição da mulher são controvérsias que esta fronteira não atenua (ver 2.11: Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 47; Musônio Rufo; Joly e Aggio). O cânon fixa a fronteira de outro lugar: “A fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série” (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), e “nenhuma pessoa está fora da Lux” (n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). As duas fixam o padrão de método para os clássicos seguintes; este estudo só o segue, e não tira delas nada sobre a Stoa.

Questão aberta (k): o mal estrutural, a escravidão em Sêneca (*Cartas a Lucílio*, 47). O estudo registra a matéria e não a fecha; pergunta ao fundador se a nota fica e se o padrão das duas fronteiras (n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) se estende à Stoa.

Da cidade que a razão governa passa-se a quem nela erra (4.7).

4.7 O erro por ignorância e o lobo que deve justiça

A Stoa desculpa o ofensor pelo erro, e o cânon define o lobo pelo ato e lhe deve justiça.

Marco Aurélio escreve que o mau que os homens fazem lhes vem “por ignorância dos bens e males” (*Meditações*, II, 1) [V-gr; tradução do estudo], que “amar também os que tropeçam” é próprio do homem, porque erram por ignorância (VII, 22; ver 2.10), e que a maldade particular “não prejudica o outro” (VIII, 55) [V-gr; tradução do estudo]. Epicteto diz “Assim lhe parece” (*Encheirídion*, 42; ver 2.10), e daí a mansidão para com quem insulta. Dinucci anota que, para os estoicos, “todo erro é fruto de uma falsa opinião” (nota 34 ao *Encheirídion*, 27) [V-pt: Dinucci].

A Vigília define o lobo pelo ato: “O lobo é o mal que alguém inflige — diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro” (Cânon v1.2, “A Vigília”). “O lobo é o mal que alguém inflige, e é lobo quem o inflige, com ou sem intenção; a irreflexão não é noite” (Tratado da Vigília, “Definição”; decisão n.º 5 de

17/10/2026). “A fronteira entre noite e lobo passa pelo ato, não pela pessoa” (decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX), e a irreflexão é “figura do lobo ‘sem intenção’” (n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). “Ignorância” não ocorre na letra.

A fronteira, pela leitura do estudo: a Stoa chega à mansidão porque o ofensor não prejudicou o princípio diretor (*hēgemonikon*, a parte da alma que governa e julga) de quem sofre; o cânon sustenta uma justiça devida ao outro, que a letra ainda não formulou. Os dois “outros” não se somam: o do Catecismo, 36, é a dívida de luz; o de Marco Aurélio, o parente que erra por ignorância. A justiça ao ofensor não é argumento estoico [leitura do estudo].

Questão aberta (g): a justiça devida ao lobo, e o modo de distingui-la da vingança, fica aberta até o tratado da justiça (“deve-se justiça”, Catecismo, 36). O estudo pergunta ao fundador se a *clementia* e o *Encheirídion*, 42 entram como matéria desse tratado.

Questão aberta (bw): o erro por ignorância (*Meditações*, II, 1; *Encheirídion*, 42) e o lobo que deve justiça (Catecismo, 36): o estudo declara a fronteira e pergunta ao fundador se ela se registra na Ficha.

Do erro que se desculpa passa-se ao exame que mede (4.8).

4.8 O progresso e a revelação

As perguntas do exame medem coisas diferentes: em Sêneca, o que melhorou; no cânon, onde a luz se escondeu e onde brilhou.

Sêxtio, no relato de Sêneca, perguntava o que melhorou (*Sobre a ira*, III, 36, 1; ver 2.9). Epicteto termina o exame em alegria (*Diatribes*, III, 10, 2–3; ver 2.9) e põe o progresso (*prokopē*) em “voltar-se para a própria *prohairesis*” (a faculdade de escolha), para torná-la “conforme à natureza” (I, 4, 18; ver 2.8) [V-gr; tradução do estudo].

O Examinar pergunta: “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). “O exame diário não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta e onde apareceu sem obstáculo” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la” (Tratado da Luz Interior, “O problema que responde”). “Progresso” não ocorre na letra do cânon, e “melhor” não ocorre na letra do Examinar; ocorre em outros lugares do cânon, com outro uso. A decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI admite “um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma”, e a n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, que “A Lux admite graus de visão, nunca de valor”. O Examinar fecha com a gratidão a alguém do passado (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário”); a gratidão é o fecho, não uma terceira pergunta.

O balanço estoico mede degraus de caráter, e a fronteira está em *prokopē* × revelação: “a luz não se acende — ela se revela” (ver 4.1). A decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI aceitou de Aristóteles o exercício e recusou a medida; o estudo lê que o

exercício estoico que treina caberia do mesmo modo, e que o que o cânon não adota é a medida do valor [leitura do estudo].

Do exame passa-se à saída da vida, que a Stoa nomeia e o estudo só aponta (4.9).

4.9 A Vigília que fica

A Stoa tem a saída racional da vida, a "porta aberta" (Epicteto, *Diatribes*, I, 24, 20; Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 70, 14–15); este estudo só a nomeia.

O Tratado da Vigília define o vigiar por si, sem referência à Stoa: "Quem vela para que a noite passe, espera; para que signifique, interpreta; vela quem fica, passe a noite ou não" (Tratado da Vigília, "Objeção provável e resposta breve"). O estudo não liga a definição à saída da vida [leitura do estudo].

Do que a Vigília guarda passa-se ao que a Ficha dizia (4.10).

4.10 A Ficha corrigida

As sete frases da Ficha de outubro (quatro toques e três fronteiras) trazem nove afirmações sem letra no cânon; o estudo as diz como correção, sem reabrir nada, e o capítulo 6 mede cada frase.

Primeira: "participação num princípio que nos excede" é a Ficha, não o cânon (4.1). Segunda: "tribunal lá, misericórdia aqui" não se sustenta, porque Sêneca perdoa e o Examinar não é tribunal (4.3). Terceira: "portar o involuntário": "involuntário" não ocorre; a letra mais próxima é "uma mudança que você não pediu" (Meditações Práticas, "O Portar do dia"), e Dinucci traduz *ta eph' hēmin* por "encargos nossos", recusando "controle" (ver 2.2). Quarta: "aceitar é o começo do gesto": "aceitar" só ocorre em voz alheia (4.2), e *amor fati* é de Nietzsche, para quem o necessário "deve ser amado" (ver 5.7); a Stoa diz seguir e consentir. Quinta: "cidadela interior, não; casa de portas abertas", meia-verdade (4.5).

Sexta: "ancestral do nosso Examinar": Sêneca não ocorre no cânon, e "ancestrais" é só do Flumen; a decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X pôs Sócrates ao lado, "como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar". Sétima: "herança comum": "herança" só ocorre no Tratado da Luz Interior, sobre Agostinho; a letra tem "herdeiros" e "ancestrais". Oitava: "ambos bebemos de Heráclito": a letra põe Heráclito entre as vozes dos Tratados, sem a Stoa; a Stoa como herdeira de Heráclito é leitura de Hegel (Estudo VII, 2.2). Nona: "desconfiamos de uma sabedoria que não dança" (4.4). As nove afirmações cabem em sete frases porque o primeiro e o terceiro toques carregam duas cada; nenhuma é letra, e quatro das sete frases têm uma metade que é letra (portar, mensagem, celebração, Abrigo) [leitura do estudo].

Questão aberta (bo): a fórmula. O estudo pesou três letras — "aceita da Stoa o exame e recusa a providência", "aceita da Stoa o portar e recusa a centelha nomeada", "aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento" — e propõe a terceira no capítulo 7

(7.2), com as razões; o fundador adota uma, emenda ou recusa as três. A forma das fórmulas anteriores é “aceita de X o A e recusa o B”, em que B é o que graduaria a pessoa, condicionaria a luz ou justificaria o mal [leitura do estudo].

Questão aberta (bq): “*amor fati*” sai da Ficha, por ser de Nietzsche, e entra “consentir ao destino” (Cleantes; *ducunt volentem fata*, “o destino conduz quem lhe obedece”)? O estudo pergunta ao fundador.

Questão aberta (j): a Bússola vetaria o monte Moriá, onde Abraão recebe a ordem de sacrificar o filho? O estudo não achou na Stoa matéria que alcance a questão; pergunta ao fundador se o silêncio fica registrado.

Questão aberta (bx): a Ficha reescrita. O estudo propõe a nova letra no capítulo 6, com Sócrates, Catão, Epicteto e a recusa agostiniana da *apatheia* já decididos; pergunta ao fundador se aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo.

Da Ficha corrigida passa-se às casas que já falaram da Stoa (capítulo 5).

5 O ESTOICISMO DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE

Este capítulo põe a Stoa diante das casas que a série visitou e das que ainda visitará; em cada uma, a tradição lê (o que a casa disse da Stoa), a Stoa diz (o que a sua letra afirma) e o cânon responde. Os Estudos VII a XIII tocaram a Stoa pela Ficha de outubro e a deixaram como estava. Três decisões do fundador mandaram matéria à Ficha do Estudo II e entram aqui como material decidido: a n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X ("Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar"), a n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII (a Ficha "recebe a recusa agostiniana da *apatheia*", a ausência de paixão) e a n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII ("Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II, ao lado de Sócrates"). O que cada estudo já disse é citado pelo número e pela seção, e não refeito.

5.1 Hegel

Hegel conheceu a Stoa por dentro, e o Estudo VII lhe deu a seção mais longa da série sobre o estoicismo (Estudo VII, 4.2); o que segue a cita, sem refazê-la.

A tradição lê, na *Fenomenologia*, uma consciência cuja essência é ser livre "no trono e nas cadeias" e que se retira "do movimento da existência, da atividade eficaz como do sofrimento passivo, para a essencialidade simples do pensamento". A objeção é de forma: essa liberdade "carece do preenchimento concreto da vida" e responde à pergunta pelo bom e pelo verdadeiro com o "pensamento abstrato, sem conteúdo" (Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, "Liberdade da autoconsciência: estoicismo", §§197–201; em Baillie, *contentless thought*; o alemão não foi aberto) [V-en: Baillie; tradução do estudo]. O §199 não nomeia ninguém, e as *Lições sobre a História da Filosofia* levam Sêneca, Epicteto e Antonino "a um rumo retórico e parenético" (isto é, exortativo), mas reconhecem "a grandeza desse princípio" e fazem dos estoicos herdeiros de Heráclito (Estudo VII, 4.2 e 4.4) [V via secundária: Estudo VII, 4.2]. Daí o "mesmo avô" do Estudo VII (2.2), que é leitura de Hegel e não letra do cânon.

Epicteto diz o gesto que Hegel descreve: amarram-lhe a perna, e a *prohairesis* (a faculdade de escolha) ninguém a vence, "nem Zeus" (*Diatribes*, I, 1, 23; ver 2.2) [V-gr; tradução do estudo]. A interiorização estoica, nota Dinucci, não é a interioridade cristã nem a privacidade moderna: é interior "tudo o que está sob nosso controle e que depende de nossa escolha" (Dinucci, *Introdução ao Manual de Epicteto*) [V-pt: Dinucci]. O mesmo Dinucci prefere "encargos nossos" a "controle" para *ta eph' hēmin* (ver 2.2), e o estudo registra e não decide.

O Estudo VII leu por Hegel o "cidadela interior, não" da Ficha [Ficha, não cânon] como liberdade só pensada, "conceito sem vida", e anotou que a Vigília não subscreve a consolação de Hegel, em que "o negativo se converte em afirmativo" (Estudo VII, 4.2)

[leitura do estudo]; o que isso faz à Ficha é dos capítulos 4 e 6. A letra do cânon sobre o retiro é outra: “o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). O de Marco Aurélio tem volta marcada, “àquilo a que voltas” (*Meditações*, IV, 3; ver 2.7) [V-gr; tradução do estudo], o que a descrição hegeliana da retirada não registra [leitura do estudo].

Da Stoa que Hegel mede e nomeia passa-se à casa em que ela nem é nomeada (5.2).

5.2 Levinas e Ricoeur

Levinas e Ricoeur não fazem da Stoa uma casa: o primeiro a cala, o segundo a usa como figura.

A tradição lê, em Levinas, nada. Nos dois volumes percorridos por inteiro, o Estudo VIII não achou estoico, estoicismo, Epicteto, Marco Aurélio nem Sêneca, e achou epicuristas (Levinas, *Totalidade e Infinito*) [V-en via secundária: Estudo VIII, 4.5]; nenhum intérprete nomeado o põe com os estoicos. O silêncio não é aprovação nem censura. A única vizinhança é “nenhum rosto pode ser abordado de mãos vazias e com a casa fechada” (Levinas, *Totalidade e Infinito*) [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.5], posta ao lado da cidadela da Ficha como [inferência do estudo]. A Stoa não tem por lema a casa fechada: o sábio de Sêneca “deseja ter amigo” (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 2.7) [V-la; V-pt: Dinucci].

O Examinar tem o que Levinas não disse: as duas perguntas e o fecho em gratidão (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; “Regra de Vida”). E o cânon adotou dele um princípio, pela decisão n.º 8 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII: justificar a dor do próximo é a fonte de toda imoralidade.

Em Ricoeur a Stoa é adjetivo de caráter: “o orgulho estoico da inflexível constância a si”, a “rigidez estoica da simples fidelidade” (Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*) e, no mal, “qualquer explicação de tipo estoico ou leibniziano vem a se chocar contra o sofrimento dos inocentes” (Ricoeur, *Finitude e culpabilidade*) [V-es via secundária: Estudo IX, 4.4]. A Stoa responde, em Sêneca, que o sábio não é inflexível por não sentir: “mas o sente” (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 2.3) [V-la; tradução do estudo]. Que a “explicação de tipo estoico” seja o tratado *Sobre a providência* (“nada de mau pode acontecer”, 2, 1; ver 2.11) [V-la; tradução do estudo] é [hipótese do estudo]: Ricoeur não o nomeia. A Vigília não se chama “consolo, quando consolar é explicar” (Tratado da Vigília, “Definição”), e a decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX diz que o sentido do sofrimento “não se ensina, só se acha”.

Do uso que Ricoeur faz da Stoa passa-se ao modelo que a própria Stoa escolheu (5.3).

5.3 Platão e Sócrates

A casa de Platão não recebeu a Stoa; recebeu o homem a quem a Stoa se volta, e o Estudo X, em 4.1, fez disso a seção “Sócrates como modelo da Stoa”.

O Estudo X reuniu quatro passos de leitores antigos de Sócrates, e não de uma doutrina de Platão. Sêneca diz que Platão, Aristóteles e a multidão dos sábios “tiraram mais proveito do caráter que das palavras de Sócrates” (*Cartas a Lucílio*, 6, 6) e aconselha: “Se desejas um modelo, toma Sócrates” (104, 27–28; ver 2.9) [V-en via secundária: Estudo X, 4.1]. Epicteto diz que Sócrates nunca se dizia ateniense ou coríntio, mas “cidadão do mundo”: assim o Estudo X leu *Diatribes*, I, 9, 1 [V-en via secundária: Estudo X, 4.1], mas ali o grego traz *kosmios* (“ordenado, do mundo”), e o *politēs tou kosmou*, “cidadão do mundo”, está em II, 10, 3 [V-gr]. Dinucci diz que o estoicismo “surge na confluência do pensamento de Heráclito, de Sócrates e dos cínicos” (*Introdução ao Manual de Epicteto*) [V-pt: Dinucci].

A Stoa dá a Sócrates o exame (“se examinava”, *Diatribes*, II, 1, 32), o dano que lhe não podem fazer (“não podem me causar dano”, *Encheirídion*, 53, 4) e o modelo (“desejando ser como Sócrates”, *Encheirídion*, 51, 3; ver 2.9 e 3.3) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. O exame e o portar da decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X têm aí a letra, o primeiro em *Diatribes*, II, 1, 32, e o segundo em *Encheirídion*, 53, 4 [leitura do estudo].

A letra do Examinar “não traz interlocutor, refutação nem Sócrates” (Estudo X, 4.1), e “cidade” e “cidadão” não ocorrem no cânon: os nomes dele para o outro são casa e águas (Cânon v1.2, “O Abrigo”; “As Águas Comuns”). Segundo o Estudo X, Platão deu à série o sol e o Bem [leitura do estudo]; a decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X os fez estrutura: “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”. Nas passagens percorridas da Stoa não há sol; a ausência é do recorte, e o sol segue estrutura [leitura do estudo]. A Stoa traz o *logos* (a razão que ordena o todo) e o deus, na voz dela, e o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (br)) se vale para o *logos* o que vale para o sol.

Do modelo que a Stoa tomou passa-se à casa com que ela discutiu (5.4).

5.4 Aristóteles

A discussão da Stoa com a casa de Aristóteles cai sobre a medida das paixões, e o Estudo XI, em 5.1, a registrou como a recusa do meio-termo.

O Estudo XI lê em Aristóteles uma virtude de caráter que é disposição ligada à escolha, numa mediania “relativa a nós” (*Ética a Nicômaco*, II, 6) [V-gr; V-pt via secundária: Estudo XI, 5.1], necessária e não suficiente (I, 8). A Stoa diz o contrário das paixões: Sêneca separa os estoicos, que as expulsam, dos peripatéticos (os discípulos de Aristóteles), que “as moderam” (*Cartas a Lucílio*, 116, 1; ver 2.3) [V-la; tradução do estudo]. Na *Carta a Lucílio* 85 ele discute se os impedimentos prejudicam a virtude, e o

Estudo XI lê ali e na *Ética a Nicômaco*, I, 8, a mesma disputa sobre se a virtude basta [leitura do estudo].

A decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI diz que o Lumen Fluens "aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida", e a medida recusada é a que "gradua pessoas", não a mediania. São duas recusas de medida que não se confundem, a da Stoa, sobre as paixões, e a do cânon, sobre as pessoas; a letra cala sobre ambas [leitura do estudo]. "Meio-termo", "mediania", "paixão", "ira" e "prazer" não ocorrem no cânon, e "celebração" ocorre treze vezes (contagem do Estudo XI, 5.1).

No hábito, a *askēsis* (exercício) de Epicteto manda "opor um hábito contrário" ao que desvia (*Diatribes*, III, 12, 6; ver 3.9) [V-gr; tradução do estudo]. A decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI admite "um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma", e a n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI faz das Virtudes dos Pilares hábitos "sem que o valor da pessoa dependa delas". A prática do cânon treina sem dar valor, e este estudo a leva em conta ao tratar do exercício estoico [leitura do estudo]. A Ficha fica como está.

Da disputa que Sêneca toma por real passa-se a Agostinho, que a chama disputa de palavras (5.5).

5.5 Agostinho

Agostinho lê a Stoa como leitor, e não como herdeiro (Estudo XII, 5.2); entram aqui a cena de onde ele parte, o que o Estudo XII não citou e a recusa que a Ficha recebeu.

A cena é de Gélio: num mar violento, entre Cassiópe e Brindisi, o filósofo estoico que Gélio conhecera em Atenas empalidece na tempestade e, em terra, tira da bagagem o quinto livro das *Diatribes* de Epicteto (Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 1 e 14) [V-la; paráfrase]. A doutrina, na letra de Gélio, é que "o ânimo do sábio também se move, se contrai e empalidece por um instante […] por movimentos rápidos e irrefletidos" (XIX, 1, 17), e que o sábio "não dá o assentimento" (XIX, 1, 20; ver 2.3) [V-la; tradução do estudo]. O lugar da doutrina no corpus conservado de Epicteto é [localização a confirmar].

A tradição lê, em Agostinho, quatro passos. Em *A cidade de Deus*, IX, 4, a mente de sentença fixa, "não consentindo e antes resistindo, exerce o reino da virtude" [V-la; tradução do estudo]. "Consentir" é palavra de Agostinho sobre o sábio estoico e não ocorre no cânon; "resistir" ocorre na letra, com sentido próprio: é o gesto diante do lobo (Catecismo, 36). O estudo não os aproxima. Em IX, 5, ligado à cena de Gélio, Agostinho diz quanto mais honroso seria que aquele estoico se perturbasse "pela misericórdia de livrar um homem" do que "pelo medo do naufrágio" (ver 2.10) [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]. "Misericórdia" tem aqui quatro usos, cada um na sua voz: a *misericordia* que Sêneca recusa, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia do cânon e a graça da tradição cristã (ver 4.3).

Em XIV, 8, Agostinho registra os afetos bons que os estoicos admitem (vontade, alegria e cautela) e a aflição, para a qual admitem nenhum (ver 2.3) [V-la; tradução do estudo]. Em XIV, 9, além do que o Estudo XII citou, a recusa tem duas faces e um prazo: a *apatheia* tomada por insensibilidade é “pior que todos os vícios” (o torpor), e a tomada por livramento dos afetos que perturbam contra a razão é boa, mas “nem essa é desta vida” (ver 2.3 e o Estudo XII, 5.2) [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo].

Os pais latinos acrescentam a lenda. Tertuliano chama Sêneca “tantas vezes dos nossos”, *Seneca saepe noster* (*Sobre a alma*, XX, 1) [V-la; V-en: Holmes]; Jerônimo o põe no catálogo pelas cartas de Paulo a Sêneca e de Sêneca a Paulo, “lidas por muitos” (*Sobre os homens ilustres*, 12) [V-en; tradução do estudo], correspondência apócrifa [paráfrase].

A decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII manda a recusa agostiniana da *apatheia* à Ficha como matéria, e a letra do cânon diz: “O templo também dança” (Meditações Práticas, “A celebração maior”). O Estudo XII viu que Agostinho fica do lado da Ficha, com uma diferença de coisa: a frase da Ficha é estética e prática, a dele moral e teológica (Estudo XII, 5.2). E Agostinho enfraquece o contraste limpo ao dizer que a diferença com os peripatéticos é verbal (IX, 4; ver 2.3) e ao registrar a alegria entre os afetos bons que os estoicos admitem (XIV, 8). À dança a letra do cânon dá outra razão que a do peregrino (o cristão a caminho da cidade de Deus): “A transcendência passa pela matéria” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV), a do Corpus [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bv)) se a Ficha reescrita troca a frase por uma fronteira dita pela letra.

De Agostinho, que leu a Stoa para recusá-la em parte, passa-se a Arendt, que a leu para tirar dela o estar só (5.6).

5.6 Arendt

Arendt toca a Stoa em três lugares, e o Estudo XIII, em 5.3, os reuniu sem encontrar recusa nominal da cidadela interior.

A tradição lê, em Arendt, de Catão, citado por Cícero no fim de *A condição humana*, o paradoxo do ativo que nada faz e do acompanhado que está a sós; de Epicteto, a distinção entre *erēmos* (“ermo”) e *monos* (“só”), com que ela separa a desolação do estar só (*Origens do totalitarismo*, cap. 13; Epicteto, *Diatribes*, III, 13); e, na mesma passagem, o dois-em-um (o diálogo de cada um consigo) “precisa dos outros” para voltar a ser um [V-en via secundária: Estudo XIII, 5.3; paráfrase]. Em *A vida do espírito* II, Arendt veria em Epicteto a primeira tematização da vontade como poder do eu e uma retirada do mundo [paráfrase; tese a confirmar]. Recusa de estrutura há (a liberdade interior é “politicamente irrelevante”, Estudo XIII, 2.8), e dirigi-la a Epicteto é, no Estudo XIII, uma inferência [inferência do estudo].

O “quem” de Arendt (decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) é outro uso e não se confunde com o *daimon* de Marco Aurélio, que é voz da Stoa: este é o “protetor e guia” que Zeus deu a cada um (*Meditações*, V, 27) [V-gr; tradução do estudo]. O de Arendt é o “quem” que aparece aos outros e não a si, do lado da identidade [leitura do estudo]. São dois *daimones*, e nenhum tem letra no cânon.

As decisões n.º 3 e n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII dizem que o dois-em-um cabe na letra do Examinar “como leitura, sem receber o nome de pensar nem de vida examinada”, e que a margem é “estar consigo”. A letra: “Estar consigo é o dois-em-um do pensar, em que cada um se faz companhia sem deixar o mundo dos seus semelhantes […]. Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). Catão e Epicteto são fontes antigas que o Estudo XIII percorreu ao tratar dessa companhia de si; o Tratado não os cita (ver 3.6) [leitura do estudo].

Do estar só estoico passa-se ao que o cristianismo e os séculos seguintes fizeram da Stoa (5.7).

5.7 O cristianismo além de Agostinho, o existencialismo e Nietzsche

Fora da série visitada, a Stoa foi lida de dentro do cristianismo e de fora dele.

A tradição lê, em Pascal, um Epicteto que “tão bem entendeu os deveres do homem” que “mereceria ser adorado”, e que por “orgulho diabólico” chega a dizer “que a alma é uma porção da substância divina; que a dor e a morte não são males” (Pascal, *Conversa com o senhor de Saci*; o francês não foi aberto) [V-en: Wight; tradução do estudo]. O que Pascal chama erro é letra de Epicteto: “um fragmento de deus” (*Diatribes*, II, 8, 11; ver 2.6) [V-gr; tradução do estudo]. A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um (razão, *logos*, centelha, *daimon*), e o cânon deixa a Lux sem nome (ver 4.1).

Sobre a providência, a Stoa diz assentimento: “não sirvo a deus, assinto” (Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6) [V-la; tradução do estudo]. No cânon, “aceitar”, “consentir”, “destino” e “providência” não ocorrem na letra do Cânon, do Catecismo nem das Meditações Práticas, e nos Tratados só aparecem em voz alheia: “o Lumen Fluens honra o gesto e não adota a providência” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”, sobre Boécio). Agostinho trata o destino e a providência estoicos em *A cidade de Deus*, V, 8–9, passagem que o estudo aponta e não cita [localização a confirmar]. Tomás, por quem, segundo Arendt, o “animal social” de Sêneca se tornou “a tradução-padrão” (Estudo XI, 5.7), fica para o Estudo III.

Em linhas. Montaigne põe como “sentença grega antiga”, sem nomear Epicteto, que os homens são atormentados pelas opiniões que têm das coisas, e não pelas coisas (*Ensaios*, I, 14) [V-fr; V-en: Florio; tradução do estudo]. Descartes faz da terceira máxima do *Discurso* a forma moderna do que depende de nós, “mudar meus desejos antes que a ordem do mundo” (*Discurso do método*, III) [V-fr; V-en: Veitch; tradução do estudo]. Spinoza diz

que “os estoicos pensaram que os afetos dependiam absolutamente da nossa vontade” (*Ética*, V, Prefácio; o latim não foi aberto) [V-en: Elwes; tradução do estudo], e o alvo imediato é Descartes, não Epicteto [leitura do estudo].

O existencialismo entra por Ricoeur, que lê em Heidegger “uma configuração ética, muito marcada por certo estoicismo”, em que a resolução diante da morte é a prova de autenticidade (*Tempo e narrativa* III) [V-pt via secundária: Estudo IX, 4.2]; a “celebração da vida” que ele opõe à “preparação para a morte” é dele, e não da Stoa [leitura do estudo]. O estudo não tem letra de Kierkegaard, Sartre nem Camus sobre a Stoa e não lhes atribui nenhuma; isso fica para o Estudo V.

Nietzsche é quem mais separa. O *amor fati* (“amor ao destino”) é dele, e não da Stoa: “*Amor fati*: que seja este, de agora em diante, o meu amor!” (*A gaia ciência*, §276) [V-en: Common; tradução do estudo]; “não só o necessário deve ser suportado, […] como também deve ser *amado*” (*Ecce Homo*, “Por que sou tão inteligente”) [V-en: Cohn; tradução do estudo]. É ele quem põe a fronteira entre suportar e amar; a Stoa diz consentir ao destino (Epicteto, *Encheirídion*, 53, que cita a prece de Cleantes; Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11; ver 2.5), e se o “quere que aconteçam como acontecem” de *Encheirídion*, 8 [V-pt: Dinucci–Julien] já ama o destino é debate da tradição [tese a confirmar].

Contra o “viver segundo a natureza”, Nietzsche escreve: “Ó nobres estoicos, que fraude de palavras!” (*Além do bem e do mal*, §9) [V-en: Zimmern; tradução do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bq)) se a Ficha troca a etiqueta por “consentir ao destino”. O par de Nietzsche, suportar e amar, não é o do cânon, suportar e portar: “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz” (Catecismo, 14) [leitura do estudo].

Do que a Stoa recebeu de fora passa-se ao que dizem dela as casas do Oriente e o seu eco moderno (5.8).

5.8 O budismo, o Vedanta, o taoismo e o estoicismo moderno

O budismo é do Estudo I, escrito em paralelo a este; aqui só se aponta a comparação clássica, e o Estudo I a mede.

A comparação clássica põe a Stoa e o budismo lado a lado em três pontos: o desejo, a impermanência e a atenção. No desejo, a primeira divisão de Epicteto: “encargos nossos” (*Encheirídion*, 1, 1; ver 2.2) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. Na impermanência, o rio de Marco Aurélio: “uma corrente violenta” (*Meditações*, IV, 43; ver 2.5) [V-gr; tradução do estudo]. Na atenção, os exercícios que Hadot nomeia na Stoa: atenção, meditação, exame, visão do alto [paráfrase; V via secundária: Lima, 2021]. A Ficha do Estudo I nomeia, do lado do cânon, as mesmas três palavras [Ficha, não cânon].

Quem faz a comparação são leitores modernos: Thomas McEvilley e Adrian Kuzminski, este sobre o pirronismo (a escola cética de Pirro) e não sobre a Stoa [tese a

confirmar]. O que a Stoa diz do todo, um deus que é “um ser vivo” (Dinucci, nota 471 a *Diatribes*, I, 14, 6; ver 2.6) [V-pt: Dinucci], as três palavras não tocam [hipótese do estudo], e a comparação nesse ponto é do Estudo I. O Vedanta, e a pergunta se o Si e o *logos* se comparam, fica para o Estudo IV; o taoismo, e a pergunta se o seguir a natureza se compara ao consentimento estoico, fica para o Estudo VI.

O estoicismo moderno é outra coisa, e a crítica diz por quê. Massimo Pigliucci, Ryan Holiday, William B. Irvine e Lawrence C. Becker tratam a Stoa como técnica de autogestão [tese a confirmar]; “o obstáculo é o caminho” é paráfrase de Marco Aurélio, *Meditações*, V, 20, e não frase da Stoa [atribuição a confirmar]. A crítica, de John Sellars, é que uma Stoa sem física e sem deus corta a ligação entre ética e natureza que ela pressupunha [tese a confirmar]. O estudo não lê o cânon como estoicismo sem física, nem como estoicismo com corpo.

O cânon não é técnica, pela letra: “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la” (Tratado da Luz Interior, “O problema que responde”), e pela decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI, em que o exercício é “a prática que treina e move, sem dar o valor” [leitura do estudo].

Do que cada casa disse passa-se ao desenho que elas fazem juntas (5.9).

5.9 O padrão

Vistas de longe, as leituras da Stoa que a série e a tradição fizeram têm um desenho.

Receberam dela uma vida (Sócrates, o modelo que ela tomou), um gesto (o exame noturno), um estar só que carrega os outros dentro de si (Catão e Epicteto) e uma firmeza, que Hegel chama grande, ainda que formal.

Opuseram-lhe a forma sem conteúdo (Hegel), a rigidez e o orgulho (Ricoeur, Pascal), a medida das paixões (Aristóteles), a insensibilidade (Agostinho), a natureza que não é a da Stoa (Nietzsche) e a técnica sem deus (o estoicismo moderno); Levinas é o silêncio. Gélio, de quem partiu a cena de 5.5, mostra uma Stoa que empalidece no navio, com mais movimento do que essas leituras lhe dão [leitura do estudo]. Nenhuma casa pôs a Stoa como árbitro do cânon, nem o cânon como árbitro entre elas. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bo)) qual fórmula, no molde “aceita de X o A e recusa o B”, diz o que o cânon recebe da Stoa e o que recusa.

Do desenho que as casas fazem passa-se à medida da Ficha (capítulo 6).

6 A FICHA E AS PRÉVIAS: O QUE A SÉRIE JÁ DISSE DO ESTOICISMO

Este capítulo mede o que existia antes do estudo: a Ficha de outubro e as sete passagens em que a série tocou a Stoa. Cada frase sai confirmada, corrigida ou abandonada; só a última seção reescreve a Ficha, e como proposta.

6.1 A Ficha do Estudo II, toque a toque e fronteira a fronteira

Cada toque e cada fronteira da Ficha recebe, diante das duas letras, um veredito.

A Ficha tem sete frases, e o estudo contou nelas nove afirmações sem letra no cânon: nenhuma frase é cópia da letra. Contados de novo o Cânon v1.2, os Tratados, o Catecismo e as Meditações Práticas, “tribunal”, “cidadela”, “excede”, “involuntário”, “autossuficiência”, “centelha”, “Sêneca”, “Epicteto” e “*amor fati*” não ocorrem nenhuma vez, pela contagem do estudo.

Primeiro toque. A Ficha diz: “O rio é herança comum: ‘o tempo é um rio dos acontecimentos’ (Marco Aurélio, Med. IV.43) — ambos bebemos de Heráclito” [Ficha, não cânon]. A letra tem a herança sem o “comum”: “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II). Heráclito e os estoicos constam entre as vozes dos Tratados (Cânon v1.2, Parte III), sem ligação na letra; o “mesmo avô” é leitura do Estudo VII, 2.2, a partir de Hegel.

A Stoa confirma a citação e corrige uma palavra: em Marco Aurélio o sujeito é *ho aiōn* (a era; ver 2.5), não *ho chronos* (o tempo) (*Meditações*, IV, 43) [V-gr]. O rio dele leva (*Meditações*, VI, 15; ver 3.1) [V-gr; tradução do estudo]; o do cânon retoma: “O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”). Veredito: confirmados o texto e a presença de Heráclito nas duas casas; corrigidos “herança comum” e “ambos bebemos”, que são da Ficha e de Hegel. Perda de um lado, herança e retomada do outro é [hipótese do estudo].

Segundo toque. A Ficha diz: “O logos: a luz como participação num princípio que nos excede.” A letra do cânon não tem a frase. A “participação” da luz está no Tratado da Luz Interior, sobre o Pilar I de *Os Quatro Pilares*, em voz de Heráclito: “A luz interior do Pilar I é participação nesse princípio comum” (“Fundamentação”). A frase seguinte limita o parágrafo: a origem é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”, e o que as vozes partilham é “a estrutura” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A Ficha uniu o parágrafo à transcendência do Catecismo, 17, e deixou cair a frase que o limita [leitura do estudo].

A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um: “és um fragmento de deus” (Epicteto, *Diatribes*, II, 8, 11; ver 2.6) [V-gr; tradução do estudo]; o cânon deixa a Lux sem nome (Cânon v1.2, “Independência confessional”). A série já deu esse tratamento ao sol (n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), ao intelecto agente (n.º 9 de 31/10/2026 sobre o

Estudo XI), à luz imutável (n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) e à pluralidade (n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII): estrutura, e não nome da Luz.

Veredito: confirmado o toque de estrutura, a luz dada e não fabricada (“a luz não se acende”, Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; ver 3.10) [leitura do estudo]; abandonada a frase “participação num princípio que nos excede”, que é da Ficha. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (br)) se a Ficha diz em seu lugar essa fronteira: a Stoa dá nome, o cânon deixa a Lux sem nome.

Terceiro toque. A Ficha diz: “O exame noturno (Sêneca, De Ira III.36): ancestral do nosso Examinar — tribunal lá, misericórdia aqui.” O Examinar pergunta “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) e fecha “com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário”); nega ser exame de “um juiz severo” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”; ver 3.2). Quem retoma é o rio, não o Abrigo (n.º 4 de 17/10/2026; ver 4.3), e a Regra da Misericórdia só se liga ao exame pelo recomeço (Catecismo, 47).

Sêneca pergunta que mal curou e termina perdoando: *nunc tibi ignosco*, “por agora te perdoo” (*Sobre a ira*, III, 36, 1 e 3–4; ver 2.9) [V-la; tradução do estudo]; Epicteto termina em alegria: “das boas, alegra-te” (*Diatribes*, III, 10, 2–3; ver 2.9) [V-gr; tradução do estudo]. Foucault lê o exame de Sêneca como balanço de administrador, e não de réu [V-en via secundária: texto de 1980]. Veredito: confirmado o toque, um exame de si ao fim do dia nas duas casas; corrigidos “tribunal lá”, que nenhuma letra sustenta, e “misericórdia aqui”, porque no cânon a mão que retoma é do rio e em Sêneca quem diz “te perdoo” é o próprio examinando [leitura do estudo]. “Ancestral” fica como leitura, sem letra no cânon.

A diferença verdadeira está nas perguntas, vício curado e melhora de um lado, luz escondida e gratidão do outro: o exame “não acende a luz nem a produz” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bp)) se a Ficha adota a correção e diz a fronteira pela mão: perdoa o examinando, retoma o rio.

Quarto toque. A Ficha diz: “Portar o involuntário (Epicteto, Ench. 1).” O *Encheirídion* divide o que são “encargos nossos” (*ta eph' hēmin*) do que não são (Epicteto, *Encheirídion*, 1, 1; ver 2.2) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. O cânon separa o que a Ficha junta: suportar é aguentar, e portar é “levar consigo, como mensagem” o que a mudança traz (Catecismo, 14; ver 3.4), diante de “uma mudança que você não pediu” (Meditações Práticas, “O Portar do dia”). Veredito: confirmada a vizinhança de estrutura (escolhe-se o que se faz com o que vem) [leitura do estudo]; corrigida a palavra “involuntário”, que nenhuma das letras tem e que não é de Epicteto.

Primeira fronteira. A Ficha diz: “Apatheia vs. celebração: desconfiamos de uma sabedoria que não dança.” A metade “celebração” é letra: a palavra ocorre treze vezes, pela contagem do estudo, e as Meditações Práticas dizem “O templo também dança” (“A

celebração maior”; ver 3.7). *Apatheia* (ausência de paixão) não tem letra no cânon, e “desconfiamos” é voz da Ficha. A Stoa desmente a caricatura: o sábio tem *eupatheiai*, afetos bons (alegria, cautela, vontade; Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 116; ver 2.3) [V-gr]. Para Sêneca, “a verdadeira alegria é coisa séria” (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4; ver 2.3) [V-la; V-en: Gummere; tradução do estudo], e o sábio, vencidas as incomodidades, “as sente” (9, 3; ver 2.3) [V-la; V-pt: Dinucci]. Agostinho, que recusa a *apatheia* com prazo, é matéria de 5.2.

Veredito: abandonada a frase; mantida a fronteira, dita pela letra: alegria severa e inabalada de um lado; do outro, celebração que inclui o corpo (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV) e, “idealmente com outros” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal”) [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bv)) se a Ficha troca “uma sabedoria que não dança” por essa fronteira.

Segunda fronteira. A Ficha diz: “Amor fati vs. mensagem: aceitar é o começo do gesto, não o fim.” A metade “mensagem” é letra: “portá-la como mensagem” (Cânon v1.2, “Origem”). *Amor fati* (amor ao destino) é fórmula de Nietzsche, não da Stoa (ver 5.7) [V-en: Common]. A Stoa diz seguir e consentir: *ducunt volentem fata, nolentem trahunt*, “o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência” (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11; ver 2.5) [V-la; tradução do estudo]; Epicteto cita a prece de Cleantes: “ainda assim vos seguirei” (*Encheirídion*, 53, 1) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. “Aceitar” e “consentir” não ocorrem no Cânon, no Catecismo nem nas Meditações Práticas; nos Tratados, só em voz alheia ou recusados: “quem se recusa a apagar não consentiu em nada” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”).

Veredito: abandonado o rótulo *amor fati*; corrigido “aceitar é o começo do gesto”, que é da Ficha; fica a fronteira com outro nome: consentir ao destino, na voz da Stoa, e portar a mudança como mensagem, na do cânon [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bq)) se *amor fati* sai da Ficha e entra “consentir ao destino”.

Terceira fronteira. A Ficha diz: “Autossuficiência vs. Abrigo: cidadela interior, não; casa de portas abertas.” O Abrigo é letra, “Sê casa para o outro” (Cânon v1.2, “O Abrigo”); “cidadela”, “autossuficiência” e “portas abertas” não ocorrem. O cânon tem o retiro, que “guarda a luz” para “devolvê-la ao fluxo” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; ver 3.6), e recusa a “lamparina de museu” (Cânon v1.2, “O Abrigo”). “Cidadela” é *akropolis* em Marco Aurélio: “uma acrópole é a mente livre de paixões” (*Meditações*, VIII, 48) [V-gr; tradução do estudo]. O retiro dele, porém, volta (*Meditações*, IV, 3; ver 2.7), e o sábio de Sêneca, “ainda que baste a si mesmo”, “deseja ter amigo” (*Cartas a Lucílio*, 9, 3; ver 2.7) [V-la; V-pt: Dinucci].

Lida como recusa do recolhimento, a Ficha contradiz a letra. A fronteira real passa pela dívida, “há uma luz devida ao outro” (Catecismo, 36; ver 3.8), e pelo fechamento: “‘Individual’ nomeia aqui o fechamento” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”).

Veredito: corrigido; “cidadela, não” e “casa de portas abertas” abandonadas, por não serem letra de nenhum dos lados. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bs)) se a Ficha põe o retiro de Marco Aurélio ao lado da margem, como leitura.

Nenhuma das sete frases sai intacta: sobrevive a estrutura e cai a etiqueta ou a caricatura. Da medida da Ficha passa-se às decisões que já lhe mandaram matéria (6.2).

6.2 As três decisões que já mandaram matéria à Ficha

Três decisões do fundador já mandaram matéria à Ficha; valem como palavra dele e não se reabrem.

A decisão n.º 8 de 23/10/2026, sobre o Estudo X (Platão), manda Sócrates à Ficha como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar (ver 3.3). Entra um modelo, não um ancestral do Examinar posto no lugar de Sêneca, e a Stoa o sustenta: Sócrates “refutava a si mesmo” (Epicteto, *Diatribes*, II, 1, 32; ver 2.9) [V-gr; tradução do estudo] e é o homem que se quer ser (*Encheirídion*, 51, 3; ver 2.9) [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]. A letra do Examinar “não traz interlocutor, refutação nem Sócrates” (Estudo X, 4.1); a ponte é [leitura do estudo].

A decisão n.º 10 de 31/10/2026, sobre o Estudo XII (Agostinho), manda à Ficha a recusa agostiniana da *apatheia* (ver 3.7). Agostinho chama a diferença entre estoicos e peripatéticos (os discípulos de Aristóteles) “disputa de palavras” e recusa a ausência de afetos com prazo: os retos são “desta vida, e não daquela” (*A cidade de Deus*, IX, 4, 3 e XIV, 9; ver 2.3) [V-la via secundária: Estudo XII; localização a confirmar]. O estoico, porém, desmente o “torpor”: o abalo do sábio é real, e ele recusa só o assentimento, o “sim” da mente a uma impressão (Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 17 e 20; ver 2.3 e 5.5) [V-la; paráfrase]. A recusa entra como material, “moral e teológica”, ao lado da frase “estética e prática” da Ficha [Ficha, não cânon], sem pôr o cânon como árbitro (Estudo XII, 5.2).

A decisão n.º 11 de 31/10/2026, sobre o Estudo XIII (Arendt), manda à Ficha Catão e Epicteto, ao lado de Sócrates (ver 3.6). O material é o de Arendt: o Catão de Cícero, a sós e acompanhado, e a distinção de Epicteto entre desolação e estar só (*Diatribes*, III, 13; ver 5.6) [V-en via secundária: Estudo XIII; paráfrase]. Duas decisões do mesmo dia sobre o Estudo XIII os ligam ao cânon: o dois-em-um (o diálogo de cada um consigo, em Arendt) cabe na letra do Examinar como leitura (n.º 3), e a margem é “estar consigo” (n.º 4). O Estudo XIII não achou recusa nominal da cidadela por Arendt; dirigi-la a Epicteto é inferência sua (5.3).

Das três decisões passa-se às passagens que as originaram (6.3).

6.3 As sete seções dos Estudos VII a XIII sobre a Stoa

As sete seções tomaram a Ficha como pergunta e a deixaram como está.

O Estudo VII (Hegel), 5.2, esperava ler “cidadela interior, não” pela liberdade só pensada, “apenas a abstrata”, e a Vigília contra a consolação em que “o negativo se converte em afirmativo”. Este estudo confirma o objeto de Hegel, a liberdade “no trono e nas cadeias” (ver 5.1) [V-en: Baillie; tradução do estudo], e corrige um ponto: o retiro estoico tem retorno (ver 6.1). O Estudo VIII (Levinas), 5.5, declarou silêncio; este estudo o confirma e nada atribui a Levinas.

O Estudo IX (Ricoeur), 5.4, leu o “orgulho estoico da inflexível constância a si” como figura, não como juízo sobre a Stoa [V-es via secundária: Estudo IX], e pôs a Vigília contra a explicação que falha diante do sofrimento. Confirma-se a figura; corrige-se a explicação: Epicteto lê a dificuldade como prova (Héracles: “úteis para mostrar e exercitar”, *Diatribes*, I, 6, 32–36) [V-gr; tradução do estudo], mas Marco Aurélio deixa “acaso ou providência” sem decidir (*Meditações*, XII, 24) [V-gr; tradução do estudo]. O Estudo X (Platão), 5.1, trouxe Sócrates e o “cidadão do mundo”, citando *Diatribes*, I, 9, 1 [V-en via secundária: Estudo X]; o grego de I, 9, 1 é *kosmios* (“do mundo”), e o “cidadão” (*politēs tou kosmou*) é II, 10, 3 [V-gr].

O Estudo XI (Aristóteles), 5.1, viu a Stoa recusar o meio-termo das paixões, citando *Sobre a ira*, I, 9 [V-en via secundária: Estudo XI; localização a confirmar]; a recusa tem letra firme em Sêneca, para quem os estoicos as expulsam e “os peripatéticos as moderam” (*Cartas a Lucílio*, 116, 1; ver 2.3) [V-la; tradução do estudo]. O Estudo XII (Agostinho), 5.2, e o XIII (Arendt), 5.3, estão em 5.2.

Nenhuma das sete decidiu sobre a Stoa, e a Ficha não sustenta todas as leituras que esperavam do Estudo II. Das passagens da série passa-se à Ficha reescrita (6.4).

6.4 A Ficha reescrita: proposta ao fundador

A letra abaixo foi proposta ao fundador na versão 1.0 e aprovada em 3 de novembro de 2026, com um acréscimo marcado (decisão n.º 9 de 3 de novembro sobre o Estudo II); substitui a Ficha de outubro. Na versão 1.0 dizia-se: é proposta e é pergunta: o estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (bx)) se ele aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro, que vale até ele dizer outra coisa, ao lado do estudo.

> Toques — proposta

> - O rio e o Flumen: o rio que Marco Aurélio vê levar (*Meditações*, IV, 43), o cânon vê retomar (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”).

> - O que é dado: “um fragmento de deus” em Epicteto (*Diatribes*, II, 8, 11); “a luz não se acende” no cânon (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). Em comum, a estrutura: o que se tem é dado, e não fabricado.

> - O exame ao fim do dia: Sêneca, que perdoa (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4), Epicteto, que termina em alegria (*Diatribes*, III, 10, 2–3), e Sócrates, modelo dos dois (*Diatribes*, II, 1, 32), ao lado do Examinar (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I).

> - Portar o que não é encargo nosso: Epicteto (*Encheirídion*, 1 e 53) e o Portar, “que mensagem carrego através disto?” (Catecismo, 14).

> - Estar consigo: Catão e Epicteto no dois-em-um (Estudo XIII, 5.3; *Diatribes*, III, 13) e a margem (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”).

>

> Fronteiras — proposta

> - A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um — razão, *logos*, centelha, *daimon* (*Diatribes*, I, 14, 12–14) × o cânon, que deixa a Lux sem nome (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”).

> - Alegria severa × celebração: as *eupatheiai* e a alegria “coisa séria” (Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 116; *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4) × “O templo também dança” (Meditações Práticas, “A celebração maior”); Agostinho recusa a *apatheia* nesta vida (*A cidade de Deus*, XIV, 9).

> - Consentir × portar: consentir ao destino (*Cartas a Lucílio*, 107, 11) × portar a mudança como mensagem (Catecismo, 14).

> - O retiro que volta × a lamparina de museu: *Meditações*, IV, 3 e *Cartas a Lucílio*, 9, 3 × o retiro do cânon, devolvido ao fluxo (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”), e a luz devida ao outro (Catecismo, 36).

> - O erro por ignorância × o lobo que deve justiça (*Meditações*, II, 1; *Encheirídion*, 42 × Cânon v1.2, “A Vigília”; Catecismo, 36): a Stoa desculpa o ofensor, que erra “por ignorância dos bens e males”; o cânon define o lobo pelo ato, “com ou sem intenção”, e lhe deve justiça. [Acrescentado por decisão do fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 9)]

Saem as quatro frases corrigidas em 6.1; entram Sócrates, Catão, Epicteto e a recusa agostiniana da *apatheia*, como mandam as três decisões. A proposta deixa a Lux sem nome e não decide nada; o que não cabe em uma linha (a providência e a Vigília, a *clementia* e a Regra da Misericórdia, o erro por ignorância e o lobo) fica no capítulo 4. Do que a Ficha dizia passa-se, no capítulo 7, ao que o estudo encontrou e pergunta.

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS

7.1 O que o estudo encontrou

O estudo saiu de uma Ficha de sete frases e volta com dez toques, nove fronteiras e uma oficina comum. A oficina é o que a Stoa e o cânon têm de mais parecido, e é também o que mais pedia cuidado: quem reconhece no Examinar o exame de Sêxtio e no Portar os "encargos nossos" de Epicteto (*Encheirídion*, 1, 1; ver 2.2) pode concluir que o cânon é um estoicismo com corpo, e não é. O que o estudo mostrou é que as duas casas usam as mesmas ferramentas para fazer coisas diferentes, e que a diferença está em dar ou não nome ao que há em cada pessoa — a Stoa o nomeia, o cânon deixa a Lux sem nome —, na leitura que cada uma faz da noite e na mão que cada uma estende a quem falhou.

Os dez toques estão no capítulo 3. O rio, que Marco Aurélio vê como "uma corrente violenta" e o cânon como retomada: a mesma imagem, duas direções (3.1) [hipótese do estudo]. O exame ao fim do dia, que Sêxtio, Sêneca e Epicteto praticam e o Examinar pratica, antes do sono (3.2). Sócrates por modelo de Sêneca e de Epicteto, como o fundador já decidiu (3.3). Os "encargos nossos" e o Portar, que separam do mesmo modo o que vem do que se faz com o que vem (3.4). A cidade comum e as Águas Comuns, que dizem, as duas, que ninguém é só seu (3.5).

O retiro de Marco Aurélio, que tem volta marcada, e a margem do cânon, que "guarda a luz para devolvê-la ao fluxo" — e, com eles, Catão e Epicteto no dois-em-um, matéria decidida (3.6). A beleza do pão rachado e do figo maduro e a celebração do cânon, o toque que a Ficha negou (3.7). O toque de 3.8, "Amar até os que erram", e "há uma luz devida ao outro" (Catecismo, 36). Os exercícios da Stoa e a Regra de Vida, a oficina mais larga de todas (3.9). E a centelha e "a luz não se acende — ela se revela": a estrutura comum do que se tem como dado, não fabricado, e está em cada um, com a fronteira anunciada na mesma frase (3.10). Além do rio, são aproximações do estudo [inferência do estudo].

As nove fronteiras estão no capítulo 4, e a primeira comanda as outras. A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um, e o cânon deixa a Lux sem nome (4.1). A providência lê o mal por dentro de uma ordem do todo, e a Vigília "promete presença, não vitória" (4.2). A *misericordia* que Sêneca recusa, a *clementia* que ele louva, a Regra da Misericórdia e a graça são quatro coisas, e a Regra está mais perto do "por agora te perdoo" do exame (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 2.9) do que das outras três — e dele se separa pela mão, que em Sêneca é o próprio exame e no cânon é o rio (4.3). A alegria do sábio nasce em casa e é "coisa séria"; a do cânon passa pelo corpo e se faz com outros (4.4) [leitura do estudo].

O sábio ajuda sem precisar do outro, porque se basta; o Abrigo é casa para quem chega porque lhe é devida uma luz (4.5). A cidade comum tem dono, a razão; o rio é "de

todos e de ninguém” (4.6). A Stoa desculpa o ofensor pelo erro, e o cânon define o lobo pelo ato e lhe deve justiça (4.7). O exame estoico mede o progresso, e o Examinar pergunta onde a luz se escondeu e onde brilhou (4.8). A Stoa tem a “porta aberta”, que o estudo só nomeia (4.9) [leitura do estudo].

O capítulo 5 mostrou que nenhuma casa da série recebeu a Stoa inteira: Hegel tomou dela a liberdade do pensamento e a chamou abstrata e sem conteúdo; Agostinho lhe recusou a *apatheia* e lhe defendeu a *misericordia*; Arendt pôs Catão e Epicteto no estar só e no dois-em-um, sem recusar a cidadela por nome (5.6); Nietzsche pôs nela um *amor fati* que é dele; Aristóteles, visitado antes, já tinha o meio-termo que ela recusa; e o estoicismo de hoje a usa como técnica, sem física e sem deus, o que a crítica lamenta (John Sellars) e o que o cânon, pela letra, também não é (5.8, 5.9) [leitura do estudo]. O capítulo 6 mediu a Ficha: sete frases, nove afirmações sem letra (4.10), quatro frases meio certas — o portar, a mensagem, a celebração e o Abrigo têm uma metade que é letra — e nenhuma inteira (6.1); e propôs uma Ficha reescrita, que o fundador aprova, emenda ou deixa (6.4).

7.2 A fórmula

O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la: **o Lumen Fluens aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento.**

Aceita o exame como prática, não como palavra: a revista do dia ao fim do dia, com perguntas, antes do sono. Sêxtio perguntava “Que mal teu curaste hoje? A que vício resististe? Em que parte és melhor?” (Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 1; ver 2.9) [V-la; tradução do estudo]; os versos pitagóricos que Epicteto cita mandam não dormir antes de passar em revista cada ato do dia (*Diatribes*, III, 10, 2–3; ver 2.9); o Examinar pergunta “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e responde-se “em voz baixa ou numa frase escrita” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”). É a mesma oficina, com perguntas diferentes, e as perguntas são a fronteira de 4.8: o exame estoico mede o que melhorou, e o Examinar revela [leitura do estudo]. A Ficha reescrita pode dizer isso em uma linha, com Sócrates como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam (decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X).

Recusa o consentimento como atitude diante do que vem. Não recusa a serenidade nem a alegria do estoico, que ficam com ele como material; recusa o assentir ao destino como ordem a que se diz sim. É a prece em que se pede para ser conduzido e se promete seguir, ainda que se queira não — os versos que Epicteto cita e que Dinucci e Sêneca dão a Cleantes (*Encheirídion*, 53; ver 2.5); é “o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência” (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11; ver 2.5) [V-la; V-pt: Dinucci]; é o “não sirvo a deus, assinto” (*Sobre a providência*, 5, 6; ver 4.2) [V-la; tradução do estudo]. O raciocínio é do estudo [leitura do estudo].

A letra do cânon tem outro verbo: “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz” (Catecismo, 14). E a Vigília diz que “quem se recusa a apagar não consentiu em nada” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”; ver 4.2). “Aceitar” e “consentir” não ocorrem no Cânon, no Catecismo nem nas Meditações Práticas e, nos Tratados, só em voz alheia ou recusados. *Assentir* e *portar* não se traduzem um pelo outro (4.2) [leitura do estudo].

O estudo pesou três letras. A primeira, “aceita da Stoa o exame e recusa a providência”, ficou de lado. O cânon tem duas letras vizinhas: diante de Hegel, a decisão n.º 1 de 17/10/2026 aceita a dialética “como método de crescimento doutrinal” e a recusa “como teodiceia”; diante de Boécio, o Tratado da Vigília “honra o gesto e não adota a providência, porque a Vigília não lê a noite de cima nem do fim” (“Fundamentação”). Mas a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII diz que a fórmula de 17 de outubro, tomada sobre Hegel, não se estende a Agostinho e que “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”. O estudo não estende a decisão à Stoa: a fronteira da providência fica em 4.2 e na pergunta (bu), como fronteira de leitura, não como fórmula [leitura do estudo].

A segunda, “aceita da Stoa o portar e recusa a centelha nomeada”, também ficou de lado, por duas razões. A primeira é que “portar” é palavra do cânon, e a Stoa tem os “encargos nossos” e o consentimento (3.4, 4.2): a letra diz o gesto, não o verbo, e a fórmula daria à Stoa a palavra do cânon. A segunda é que recusar a centelha nomeada nomearia a Luz por contraste, e a regra “estrutura, nunca nome da Luz” já cobre o ponto: o sol, o intelecto agente, a luz imutável e a pluralidade têm cada um a sua decisão (n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII; n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII), e a pergunta (br) as estende por analogia ao *logos*, à centelha, ao *daimon* e ao *spiritus* [hipótese do estudo].

A terceira, “aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento”, o estudo a propõe por três razões. A primeira é a letra: a fronteira se diz pelo verbo do cânon, e não pelo da Stoa. A segunda é a posição: recusar o consentimento não toma partido sobre a ordem do todo, que a n.º 7 deixa nem adotada nem recusada, e não nomeia a Luz, nem por contraste. A terceira é a forma das fórmulas anteriores, “aceita de X o A e recusa o B”, em que B é o que graduaria a pessoa, condicionaria a luz ou justificaria o mal: o consentimento condicionaria a luz a um sim ao que vem, e o cânon promete que “ninguém ficará sem luz dentro da noite” (Cânon v1.2, “A Vigília”; ver 4.2) [leitura do estudo].

7.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (bo) a (bx) e seguem às do Estudo XIII, que vão de (aw) a (bd); as do Estudo I, escrito em paralelo, vão de (be) a (bn). As herdadas (g), (j) e

(k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; todas são do estudo, e só o fundador decide.

(bo) A fórmula. O estudo pesou três letras — “aceita da Stoa o exame e recusa a providência”, “aceita da Stoa o portar e recusa a centelha nomeada”, “aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento” — e propõe a terceira, com as razões de 7.2; a primeira fica como fronteira de leitura em (bu), e a segunda fica de lado. O fundador adota uma, emenda ou recusa as três? (4.10, 7.2) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 1): o Lumen Fluens aceita da Stoa o exame e recusa o consentimento. O exame entra como prática — a revista do dia ao fim do dia, com Sócrates por modelo —; o consentimento recusado é o assentir ao destino como ordem a que se diz sim — não a serenidade nem a alegria do estoico, que ficam com ele. “Recusa a providência” não entra, porque a decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII fixa que o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua; “recusa a centelha nomeada” não entra, porque nomearia a Luz por contraste.]

(bp) O exame e a mão. A Ficha dizia “tribunal lá, misericórdia aqui”; a letra diz que Sêneca perdoa (“por agora te perdoo”, *Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 2.9) e que o Examinar “não é o exame de um juiz severo” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”). A Ficha reescrita adota a correção e diz a fronteira pela mão que retoma — no cânon, o rio (decisão n.º 4 de 17/10/2026); em Sêneca, o próprio exame [leitura do estudo]? (4.3) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 2): Sêneca perdoa, e o Examinar não é tribunal; a fronteira é a mão que retoma — em Sêneca, o próprio exame; no cânon, o rio.]

(bq) O consentimento. “*Amor fati*” sai da Ficha, por ser de Nietzsche, e entra “consentir ao destino” — os versos que Epicteto cita e que Dinucci e Sêneca dão a Cleantes (*Encheirídion*, 53; ver 2.5) e “o destino conduz quem lhe obedece” (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11; ver 7.2) —, com a fronteira dita pelo verbo: a Stoa consente, o cânon porta (“portar é levar consigo, como mensagem”, Catecismo, 14; ver 7.2)? (4.2, 4.10) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 3): com a fronteira dita pelo verbo — a Stoa consente, o cânon porta.]

(br) O princípio que nos excede. A frase da Ficha “a luz como participação num princípio que nos excede” não é letra do cânon: é um parágrafo do Tratado da Luz Interior, dito em voz de Heráclito, somado a uma frase do Catecismo e sem a frase que os limita. A Ficha reescrita retira a frase e diz no lugar a fronteira (a centelha, que a Stoa nomeia, × a Lux sem nome)? E o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* entram, como o sol, o intelecto agente, a luz imutável e a pluralidade, como estrutura e nunca como nome da Lux? (4.1) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 4): entra a fronteira — a Stoa dá nome ao que há de divino em cada um, o cânon deixa a Lux sem nome; o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* são estrutura, nunca nome da Luz.]

(bs) O retiro e a margem. O retiro em si de Marco Aurélio (*Meditações*, IV, 3; ver 2.7), que tem volta marcada, lê-se ao lado da margem do cânon, que “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”? E “cidadela interior, não” vira, na Ficha reescrita, “a cidadela se abre: a margem devolve a luz”? (3.6, 4.5) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 5): como leitura; “cidadela interior, não” vira “a cidadela se abre: a margem devolve a luz”.]

(bt) O homônimo “misericórdia”. O fundador quer uma nota no glossário da Regra da Misericórdia — não é a *misericordia* que a Stoa recusa, nem a *clementia*, nem a graça —, ou basta este estudo, com a separação já decidida entre a mão que retoma e a graça (decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII)? (4.3) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 6): o glossário da Regra da Misericórdia não muda; a separação da decisão n.º 10 de 31 de outubro sobre o Estudo XII cobre.]

(bu) A providência e a Vigília. A fronteira com a teodiceia, dita diante de Hegel (decisão n.º 1 de 17/10/2026) e de Boécio (Tratado da Vigília), recebe aqui letra estoica: a providência, o mal como prova, o *logos* que ordena o mal. Entra como fronteira de leitura da série, ao lado das que a série já registrou, ou fica só deste estudo? A decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, que deixa a ordem do todo nem adotada nem recusada pelo cânon (ver 7.2), é o limite dentro do qual a pergunta se faz. (4.2) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 7): a Vigília promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova; vale para as casas que virão, dentro do limite da decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII, que permanece.]

(bv) A alegria severa e a dança. A Ficha reescrita troca “desconfiamos de uma sabedoria que não dança” por uma fronteira dita pela letra — a alegria estoica existe, Sêneca quer que “nasça em casa” e a chama “coisa séria”; a celebração do cânon passa pelo corpo e se faz com outros —, com a recusa agostiniana da *apatheia* ao lado, como a decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII mandou? (4.4) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 8): entra a fronteira pela letra — a alegria estoica existe, nasce em casa e é “coisa séria”; a celebração do cânon passa pelo corpo e se faz com outros —, com a recusa agostiniana da *apatheia* ao lado.]

(bw) O erro por ignorância e o lobo. Marco Aurélio desculpa quem erra “por ignorância dos bens e males” (*Meditações*, II, 1), e Epicteto diz “assim lhe parece” (*Encheirídion*, 42); o cânon define o lobo pelo ato, “com ou sem intenção” (decisão n.º 5 de 17/10/2026), e lhe deve justiça (Catecismo, 36). O estudo declara a fronteira; ela se registra na Ficha? (4.7) [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 9): a fronteira registra-se na Ficha reescrita.]

(bx) A Ficha reescrita. O capítulo 6 propõe a nova letra — cinco toques e quatro fronteiras, com Sócrates, Catão, Epicteto e a recusa agostiniana da *apatheia* já decididos, sem “tribunal”, sem “*amor fati*”, sem “participação num princípio que nos excede”, sem

“cidadela, não” e sem “uma sabedoria que não dança” (ver (bv); 6.4). O fundador aprova, emenda, ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo? [Decidida pelo fundador em 03/11/2026 (Estudo II, n.º 10): como proposta em 6.4, com o acréscimo da n.º 9 — cinco toques e cinco fronteiras; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.]

(g) A justiça devida ao lobo. Fica aberta até o tratado da justiça, como a série decidiu (decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX, repetida no fecho das listas seguintes). O estudo pergunta se a *clementia* de Sêneca — “moderação do ânimo no poder de vingar-se” (*Da clemência*, II, 3, 1) — e o “assim lhe parece” de *Encheirídion*, 42 entram como matéria desse tratado, ao lado do que os Estudos IX a XII já reuniram, e se o “amar também os que tropeçam” de *Meditações*, VII, 22 (ver 2.10 e 3.8) vai com elas (4.7).

(j) Moriá. O estudo não achou na Stoa matéria que alcance a pergunta pela Bússola diante da ordem de sacrificar o filho; pergunta se o silêncio fica registrado (4.10).

(k) O mal estrutural. A escravidão em Sêneca — “‘São escravos.’ Antes, homens” (*Cartas a Lucílio*, 47, 1; ver 2.11) — toca a questão sem a fechar; o estudo registra a matéria e pergunta se a nota fica, e se o padrão das duas fronteiras já fixadas para os clássicos (decisões n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI e n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) se estende à Stoa (4.6).

Três registros sem letra, que o fundador responde se quiser: o Estudo X, 4.1, deu “cidadão do mundo” em *Diatribes*, I, 9, e a letra o tem em II, 10, 3 (I, 9 diz *kosmios*) — o estudo corrige em uma oração e não reabre o X (4.3); no Pilar III, “Quem resiste ao fluxo é arrastado” (ver 3.4) soa ao “arrasta a quem lhe opõe resistência” de Sêneca (ver 7.2), e o estudo o registra sem afirmá-lo como toque, porque “resistir” tem na letra outro uso, o do lobo (Catecismo, 36; ver 5.5) [hipótese do estudo]; e a tradução de *ta eph' hēmin* por “encargos nossos”, que Dinucci prefere a “controle” (ver 2.2), fica registrada para quem reescrever a Ficha.

7.4 O que a Stoa oferece

Ao Examinar, a Stoa oferece a sua hora e as suas perguntas. A revista noturna de Sêxtio e de Sêneca, os versos pitagóricos de Epicteto e o levantar-se de Marco Aurélio (*Meditações*, V, 1; ver 2.8) são a oficina que o Examinar e o Acender têm em comum com ela, com Sócrates por modelo de Sêneca e de Epicteto, e a Ficha reescrita pode dizê-lo sem “ancestral”, palavra que o cânon reserva ao Flumen [leitura do estudo]. Oferece também o aviso de 4.8: o que se pergunta ao fim do dia decide o que o exame faz, e “em que parte és melhor?” mede, enquanto “onde brilhou?” revela.

À Regra de Vida, oferece os exercícios: a manhã preparada, o dia como unidade — “cada dia como uma vida” (Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 101, 10; ver 2.8 e 3.9) [V-la; tradução do estudo] —, a visão do alto, a revista da noite. Hadot chamou a isso exercícios espirituais, e Foucault, cuidado de si, por via secundária (ver 2.8); a Regra de Vida tem o

ritmo do dia, da semana e da estação, e o estudo lê na Stoa a casa que mais perto chegou dessa oficina [leitura do estudo]. O que a Regra de Vida não tem, e a Stoa tem, é a antecipação do pior, a *praemeditatio malorum*: o cânon não a tem na letra, e o mais próximo é a mudança deliberada da semana (3.9); o estudo o registra sem propor nada.

Ao tratado da justiça, que o fundador deixou aberto em (g), a Stoa oferece três peças de matéria: a *clementia*, virtude de quem tem poder sobre outro e por isso hierárquica (*Da clemência*, II, 3, 1; ver 2.10); o erro por ignorância, que desculpa o ofensor sem lhe dever justiça (*Encheirídion*, 42; *Meditações*, II, 1; ver 4.7); e "amar também os que tropeçam" (*Meditações*, VII, 22; ver 2.10 e 3.8), que o cânon lê ao lado de "há uma luz devida ao outro" (Catecismo, 36) sem somar os dois "outros". Nenhuma das três é a justiça devida ao lobo, e é por isso que servem: dizem o que a justiça devida ao lobo não é [leitura do estudo].

Às Fichas, oferece o que as decisões já mandaram e o que o estudo acrescenta. À Ficha do Estudo II, a letra proposta em 6.4 e, além dela, a recusa agostiniana da *apatheia* que a decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII já mandou (*A cidade de Deus*, XIV, 9; ver 4.4). À Ficha do Estudo III, que a mesma decisão separou em a mão que retoma e a graça, o estudo oferece Agostinho defendendo a *misericordia* contra a Stoa (*A cidade de Deus*, IX, 5; ver 4.3) [leitura do estudo], e Agostinho sobre o destino e a providência estoicos (*A cidade de Deus*, V, 8–9), que o capítulo 5 aponta sem citar, com Tomás, que fica para o Estudo III (5.7).

À Ficha do Estudo V, o estudo oferece o ator de *Encheirídion*, 17 (ver 2.5), que não é o papel que a Ficha recusa ("contra a vida por papéis") [Ficha, não cânon], e a liberdade de *Diatribes*, IV, 1, 1 (ver 2.2); de Sartre sobre a Stoa o estudo não tem letra e nada lhe atribui (5.7) [leitura do estudo]. Ao Estudo I, escrito em paralelo, a comparação clássica entre a Stoa e o budismo, que este estudo só apontou (5.8).

7.5 A lamparina

Sêneca diz que a advertência desperta as sementes do bem que há em cada um, e que "um sopro leve" basta para desdobrar em fogo a centelha (*Cartas a Lucílio*, 94, 29; ver 2.6 e 3.10) [V-la; tradução do estudo]. A imagem é a que mais se aproxima, numa casa antiga, da estrutura do Abrigo: o que há em cada um é dado, não se acende do nada, e outro pode avivá-lo sem o ter posto [leitura do estudo]. O cânon diz algo da mesma estrutura em duas frases: "A luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I), e o Abrigo "pode revelar uma luz que estava escondida" (Catecismo, 31) [leitura do estudo].

A diferença está no que se faz com o fogo. A centelha de Sêneca é parte de um todo que a nomeia e a governa; a lamparina do cânon é de alguém, fica sem nome e tem três lugares: de museu, quando só se protege (Cânon v1.2, "O Abrigo"; ver 4.5); guardada do vento, na margem, com a volta marcada ("guarda a luz para devolvê-la ao fluxo"; ver 3.6);

e posta no rio, entregue às águas de todos [leitura do estudo]. A Stoa conhece o retiro que volta (*Meditações*, IV, 3; ver 2.7), e o cânon o lê ao lado da margem (4.5); o que o estudo não faz é ver na *akropolis* uma lamparina de museu. A centelha, para a Stoa, já pertence ao todo antes de qualquer entrega; o cânon fala de uma luz que é de alguém e devida ao outro (Catecismo, 36) [leitura do estudo].

O estudo termina onde a Ficha de outubro começou, no rio. Marco Aurélio o viu levar: “uma corrente violenta”, em que cada coisa, mal aparece, já passou (*Meditações*, IV, 43; ver 2.5). O cânon o vê retomar: “O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”). A mesma imagem de rio corre nas duas casas, em duas direções [hipótese do estudo]. A Stoa tem, em Sêneca, o perdão que o próprio exame se dá (*Sobre a ira*, III, 36, 3–4; ver 2.9) e, em Marco Aurélio, o ramo que pode voltar (*Meditações*, XI, 8; ver 2.7); no cânon, quem retoma é o rio, e a retomada é pertencimento (decisão n.º 4 de 17/10/2026; ver 4.3) [leitura do estudo].

REFERÊNCIAS

Bibliografia

Referências em ABNT simplificada: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição que a pesquisa de fontes do estudo abriu), **intermediário** (o leitor por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, mas nenhuma edição foi aberta). Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando uma fonte a dá. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

A Stoa: originais em latim e grego

1. SÊNECA. *Epistulae morales ad Lucilium* (*Cartas a Lucílio*). Latim, em The Latin Library, edição-base não declarada (o texto lido é o do la.wikisource, que reproduz o da Latin Library; não é o OCT de Reynolds, que não foi aberto). [Edição de consulta, com os marcadores [V-la]: Cartas 1, 7, 9, 12, 13, 23, 41, 47, 52, 58, 59, 70, 83, 92, 94, 95, 96, 101, 107 e 116. A *Carta* 104, 27–28 (Sócrates) e a *Carta* 6, 6 chegam só em inglês, por intermediário: Estudo X, 4.1. A *Carta* 94, 1–2 (Aríston): só o começo foi conferido.]

1. SÊNECA. *De ira* (*Sobre a ira*). Latim, em The Latin Library, que grafa *u* por *v* (*uide*, *seruio*); edição-base não declarada. [Edição de consulta: I, 1, 2; II, 2, 2; II, 28, 1; III, 26, 4; III, 36, 1–4. A fórmula "nunc tibi ignosco" é a de III, 36, 3–4.]

1. SÊNECA. *De clementia* (*Da clemência*). Latim, em The Latin Library; edição-base não declarada. [Edição de consulta: I, 1, 1 e 4; I, 6, 3; II, 3, 1; II, 4, 4; II, 5, 1 e 4; II, 6, 2–3; II, 7, 1–2.]

1. SÊNECA. *De providentia* (*Sobre a providência*). Latim, em The Latin Library; edição-base não declarada. [Edição de consulta: 2, 1; 3, 1; 4, 1; 5, 6–8. A fórmula "não é um mal o que acontece, mas…" não está neste tratado.]

1. SÊNECA. *De otio* (*Sobre o ócio*) e *De vita beata* (*Da vida feliz*). Latim, em The Latin Library; edição-base não declarada. [Edição de consulta, com lacunas: *Sobre o ócio*, 4, 1 ("duas repúblicas"), cuja frase completa e localização ficam [a confirmar]; *Da vida feliz*, 3–4, um só trecho conferido.]

1. CÍCERO. *De finibus bonorum et malorum* (*Dos fins*), III. Latim, no Perseus (phi0474.phi048), com aparato misturado ao texto; citado só nas palavras limpas. [Edição de consulta: III, 63–64. A Latin Library, que o Prólogo dá como fonte do latim de Cícero, não é a que a pesquisa de fontes usou para este tratado [localização a confirmar]. A tradução de III, 66–68 não foi aberta.]

1. CÍCERO. *De fato* (*Sobre o destino*). Latim, no Perseus (phi0474.phi054). [Edição de consulta: 43 ("adsensio nostra erit in potestate"); o "cilindro", 42–43, só como localização [paráfrase].]

1. CÍCERO. *De officiis* (*Dos deveres*), I. Latim, no Perseus (phi0474.phi055); inglês de Walter Miller (n.º 56). [Edição de consulta: I, 51, com os versos de Ênio ("acende uma luz a partir da própria luz").]

1. CÍCERO. *Pro Ligario*. Latim, em The Latin Library. [Edição de consulta: 37. Divergência de citação: Cícero traz *plurimis*; Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5, não.]

1. TÁCITO. *Annales* (*Anais*). Latim, em The Latin Library. [Edição de consulta: XIII, 42; XIV, 53–56; XV, 60–64; a cena de Musônio, XV, 71, só como localização.]

1. EPICTETO. *Dissertationes ab Arriano digestae* (*Diatribes*). Ed. H. Schenkl (Leipzig: Teubner, 1916), grego lido na transcrição do Perseus (urn:cts:greekLit:tlg0557.tlg001.perseus-grc2); a edição-base das *Diatribes* nesse catálogo ficou [a confirmar]. [Edição de consulta, com os marcadores [V-gr]: I, 1; I, 4; I, 6; I, 9; I, 12; I, 14; I, 16; I, 24; I, 29; II, 1; II, 8; II, 10; III, 10; III, 12; III, 24; IV, 1. A *Diatribe* III, 13 chega só por Arendt (n.º 132 e 133); o quinto livro, de que Gélio fala, está perdido.]

1. EPICTETO. *Encheiridion* (*Encheirídion*, o *Manual*). Ed. H. Schenkl (Leipzig: Teubner, 1916), grego do Perseus (urn:cts:greekLit:tlg0557.tlg002.perseus-grc2), edição-base conferida no cabeçalho do arquivo. [Edição de consulta. A numeração de Dinucci divide alguns capítulos em *a* e *b* (5, 14, 19, 48); o estudo usa a de Schenkl.]

1. MARCO AURÉLIO. *Ta eis heauton* (*Meditações*). Grego do Perseus (urn:cts:greekLit:tlg0562.tlg001.perseus-grc2); edição-base não conferida (nem Dalfen nem Farquharson foram abertos). [Edição de consulta, por seção: II, 1; II, 17; III, 2; III, 10; IV, 3–4; IV, 43; IV, 46; V, 1; V, 20; V, 27; VI, 15; VI, 42; VI, 44; VII, 19; VII, 22; VIII, 48; VIII, 55; VIII, 59; IX, 30; X, 37; XI, 8; XII, 24; XII, 26. Todo o português de Marco Aurélio é tradução do estudo.]

1. DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, livro VII (Zenão e os estoicos). Grego do Perseus (urn:cts:greekLit:tlg0004.tlg001.perseus-grc2); edição-base não conferida. [Edição de consulta: VII, 23; 85; 87–88; 110–111; 116; 134–135; 137; 139. Inglês de Hicks (n.º 55).]

1. CLEANTES. *Hino a Zeus*, vv. 18–21. Em Estobeu, *Ecl.* I, 1, 12 [localização a confirmar]. [Intermediário: o grego de J. C. Thom, citado por Watanabe (n.º 74); só

os vv. 18–21 foram conferidos, e a letra completa não foi aberta. Os versos de *Encheirídion*, 53, não são atribuídos por Epicteto; a atribuição vem de Sêneca, *Carta* 107, 11, e da nota de Dinucci.]

1. HIÉROCLES. *Elementos de ética* (os círculos concêntricos da *oikeiōsis*). Em Estobeu, *Anth.* IV, 84.23, pp. 671.3–673 Hense, e III, 39.34–36 e IV, 25.53, pp. 640.4–644.15 Wachsmuth–Hense; os círculos são LS 57G [localizações prováveis, não conferidas]. [Nomeada, não aberta: a letra grega não foi conferida; a paráfrase chega por intermediário (resenha de Pinto de Brito, n.º 75, e a coletânea de Gourinat, n.º 99).]

1. ESTOBEU. *Anthologium*. Ed. Wachsmuth–Hense [cidade, editora e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta: é onde estão Cleantes e Hiérocles (n.º 15 e 16).]

1. MUSÔNIO RUFO. *Reliquiae*. Ed. O. Hense [cidade, editora e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta: fr. III e fr. 38 em grego não conferidos. O fr. III chega em português por Dinucci (n.º 49); em inglês, por Lutz (n.º 59).]

1. ARNIM, Hans von (org.). *Stoicorum Veterum Fragmenta* (SVF) [dados a completar]. [Nomeada, não aberta.]

A Stoa: traduções em português

1. SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991 e reed. [ano, número de volumes e introdução a confirmar; as edições variam entre 1991, 2004 e 2009]. [Nomeada, não aberta. As páginas da introdução (pp. V–LIV; p. XVII) chegam por intermediário: Medino da Rocha (n.º 65); Moura (n.º 69) usa esta tradução para a *Carta* 41.]

1. SÊNECA. *Sobre a ira / Sobre a tranquilidade da alma*. Tradução de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia, 2014, 304 p. [Nomeada, não aberta. Intermediário: Franco (n.º 66), que dá o português de III, 36, 3–4 ("Trata de não fazer mais isso; por agora te perdoo", p. 183) e de III, 26, 4 (p. 175); a introdução, pp. 15–16, situa Sêneca entre os *proficientes*.]

1. SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida / Sobre a firmeza do sábio*. Tradução de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia, 2017, 80 p. [Nomeada, não aberta; ficha da editora conferida.]

1. SÊNECA. *Sobre a vida feliz / Sobre a providência / Sobre o ócio*. Tradução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia, 2021, 104 p. [Nomeada, não aberta; ficha da editora conferida.]

1. SÊNECA. *Consolações* (*Ad Marciam*, *Ad Polybium*, *Ad Helviam* e três *Epistulae*). Tradução de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin-Companhia, 2026, 176 p. [Nomeada, não aberta; ficha da editora conferida. É o quarto volume de Lohner, depois dos três anteriores.]

1. SÊNECA. *Tratado sobre a clemência* (*De clementia*). Tradução de Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2013, 96 p. [Nomeada, não aberta; ficha de livraria conferida. A edição original da Vozes, que a pesquisa supôs de 1990 e que Bueno (n.º 70) lista, não foi conferida. O português de II, 4, 4 e II, 7, 1–2 chega por Bueno.]

1. SÊNECA. *Carta* 9. Tradução de Aldo Dinucci. *Prometeus*, v. 4, n. 8, 2011, pp. 117–120 [título do artigo a completar]. [Edição de consulta: o artigo aberto traz "mas as sente" (p. 117) e "deseja ter amigo e vizinho e companheiro" (p. 118).]

1. SÊNECA. *Carta* 107, 11. Tradução de Aldo Dinucci. *Prometeus*, v. 1, n. 1, 2008, pp. 26–27 [título do artigo a completar]. [Edição de consulta: "o destino conduz quem lhe obedece".]

1. SÊNECA. *Carta* 41. Tradução de MIOTTI [prenome a completar]. *Prometeus*, v. 7, n. 15, 2014 [título a completar]. [Edição de consulta, no artigo aberto: 41, 1 e 41, 6.]

1. SÊNECA. *Carta* 47. Tradução de MURACHCO [prenome a completar]. *Em curso*, v. 8, 2021, pp. 1 e 3 [título a completar]. [Intermediário: a tradução de 47, 1 ("São escravos. Antes, homens") vem pelo artigo, que o estudo abriu.]

1. SÊNECA. *Carta* 58, 23. Tradução de FURLAN [prenome a completar]. *Scientia Traductionis*, n. 16, 2014, p. 15 [título a completar]. [Edição de consulta: "ao mesmo rio duas vezes descemos e não descemos".]

1. SÊNECA. *Carta* 1. Tradução de ALONSO [prenome a completar]. [Revista e ano a completar.] [Aberta pela pesquisa de fontes; o estudo não a cita.]

1. EPICTETO. *O Manual de Epicteto* (*Encheiridion*). Tradução do grego de Aldo Dinucci e Alfredo Julien, com introdução e notas de Dinucci. 3.ª ed. São Cristóvão: EdiUFS, 2012, 52 p. [Edição de consulta: a versão digital publicada na *Prometeus* (periodicos.ufs.br/prometeus/article/download/815/720/0), cujas páginas (15–37, a tradução; 38–46, as notas) são as que o estudo cita. A edição impressa não foi aberta.]

1. EPICTETO. *O Encheiridion de Epicteto*. Edição bilíngue, tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. [Nomeada, não aberta; consta da bibliografia de Dinucci (n.º 35).]

1. EPICTETO. *Epicteto: testemunhos e fragmentos*. Tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2008 (ou 2009: a bibliografia de Dinucci traz as duas datas). [Nomeada, não aberta.]

1. EPICTETO. *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Tradução do grego, introdução e comentário de Aldo Dinucci. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. DOI 10.14195/978-989-26-1926-2. [Edição de consulta, livro aberto: nota 470 ("partes e fragmentos") e nota 471 (o universo como "um ser vivo que percebe o que ocorre"), p. 111. Dinucci traduz agora o livro II.]

1. EPICTETO. *Diatribes* I, 24–25. Tradução de Aldo Dinucci, em "Diatribes 1.24 e 1.25: enfrentando as dificuldades da vida". *Dialektiké*, v. 2, n. 2, out. 2015, pp. 131–142 (tradução nas pp. 134–139). [Edição de consulta: a "porta aberta", p. 137; "encargo nosso" contra "controle", pp. 133–134.]

1. EPICTETO. *Diatribe* I, 29. Tradução de Aldo Dinucci, em "Epicteto: Diatribes 1.29 e 1.30 — uma síntese da filosofia epictetiana das Diatribes". *Prometeus*, v. 9, n. 19, jan.–jun. 2016, pp. 229–236 (tradução nas pp. 231–236). [Edição de consulta: I, 29, 1 e 4, p. 231.]

1. EPICTETO. *Manual de Epicteto*. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça [dados a completar]. [Nomeada pelo plano da pesquisa; não conferida.]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações: os escritos pessoais de Marco Aurélio Antonino, imperador filósofo* (*Ta eis heauton*). Tradução de Aldo Dinucci. São Paulo: Penguin-Companhia, 2024, 208 p. [Nomeada, não aberta: só a ficha da editora foi lida. É o texto brasileiro novo, traduzido do grego, a abrir para resolver *Meditações*, IV, 43, em português.]

1. MARCO AURÉLIO. *Pensamentos*. Tradução, prefácio e notas de João Maia, S.J. Lisboa: Verbo, 1971; Relógio d'Água, 1995, 2017 e 2023. [Nomeada, não aberta; registros da Biblioteca Nacional de Portugal conferidos.]

1. MARCO AURÉLIO. *Pensamentos para mim próprio*. Tradução de José Botelho. Lisboa: Estampa, 1970, 1978 e 2005. [Nomeada, não aberta; registros da Biblioteca Nacional de Portugal conferidos.]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução e prefácio de Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. [Nomeada, não aberta; registro conferido.]

1. MARCO AURÉLIO. *Pensamentos: manual de iniciação na vida do espírito*. Seleção, tradução e prefácio de António Sérgio. Lisboa: Ática, 1947. [Nomeada, não aberta; registro conferido.]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução de Liliana Sousa. Infinito Particular, 2022; Cultura, 2017 [cidade a completar]. [Nomeada, não aberta; registros conferidos.]

1. MARCO AURÉLIO. *As melhores meditações de Marco Aurélio*. Tradução de Rui Carlos Fonseca. Lisboa: Nascente, 2025. [Nomeada, não aberta; registro conferido.]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução e introdução de William Li. Iluminuras, 1995 [cidade a completar]. [Nomeada, não aberta: identificada na bibliografia de Lima (n.º 68).]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução de Edson Bini. Edipro [cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta; candidata a confirmar. Outras brasileiras (coleção Os Pensadores, Abril) também não foram conferidas.]

1. DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1988 [ano e ISBN a confirmar]. [Nomeada, não aberta; ficha de acervo existente.]

1. MUSÔNIO RUFO. Fragmento III. Tradução de Aldo Dinucci, em AGGIO, Juliana. "O 'feminismo' de Musônio Rufo". *ethic@*, v. 17, n. 2, dez. 2018, pp. 189–190. [Edição de consulta, no artigo aberto (n.º 67): "a mesma razão que os homens".]

A Stoa: traduções em inglês e francês

1. SÊNECA. *Ad Lucilium Epistulae Morales*. Tradução de Richard M. Gummere. 3 vols. Loeb Classical Library, 1917–1925 [cidade e editora a completar]. [Edição de consulta, em domínio público, via en.wikisource. Dá *stern* para *severa* na *Carta* 23, 3–4 e "we suffer more often in imagination than in reality" na *Carta* 13, 4.]

1. SÊNECA. *Of Anger*, *Of Clemency*, *Of Providence*, *Of Leisure*. Tradução de STEWART [prenome a completar]. Bohn, 1900 [título da coletânea e cidade a completar]. [Edição de consulta. O *Da vida feliz* de Stewart não estava disponível; nele vale o latim.]

1. SÊNECA. *Moral Essays*. Tradução de John W. Basore. Loeb Classical Library [volumes, cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta; não consta dos capítulos.]

1. EPICTETO. *Discourses* e *Manual*. Tradução de W. A. Oldfather. Loeb Classical Library [título, volumes, cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta.]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução de C. R. Haines. Loeb Classical Library [título, cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta.]

1. DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of Eminent Philosophers*. Tradução de R. D. Hicks. Loeb Classical Library, 1925 [cidade a completar]. [Edição de consulta, conferida no cabeçalho do Perseus, para VII, 110, 116 e 87; para VII, 111 ("por quem sofre indignamente") a conferência fica a fazer.]

1. CÍCERO. *De officiis*. Tradução de Walter Miller. Loeb Classical Library, 1913 [cidade a completar]. [Edição de consulta, para I, 51.]

1. HARD, Robin (trad.). Marco Aurélio, *Meditações* (Oxford, 2011); Epicteto (Oxford, 2014) [títulos e editora a completar]. [Nomeada. O Prólogo diz que as traduções inglesas da Loeb e de Hard foram vistas em trechos; a pesquisa de fontes registra Hard como não aberta. Dá "sob nosso controle" para *eph' hēmin*, que Dinucci verte por "encargos nossos".]

1. LONG, A. A.; SEDLEY, D. N. *The Hellenistic Philosophers*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. [Nomeada, não aberta; citada em Dinucci (n.º 35). A localização LS 57G (Hiérocles) é provável, não conferida.]

1. LUTZ, Cora E. *Musonius Rufus: The Lectures and Sayings*. Yale, 1947 [cidade a completar]. [Edição de consulta, lida em thestoiclife.org; paginação não conferida. O francês da Budé não foi usado.]

A tradição: brasileiros e portugueses

1. DINUCCI, Aldo. "Introdução ao Manual de Epicteto". In: EPICTETO. *O Manual de Epicteto* (n.º 32), pp. 5–11. [Edição de consulta, na versão digital da *Prometeus*: o estoicismo "surge na confluência do pensamento de Heráclito, de Sócrates e dos cínicos" (p. 5); "é-nos interior tudo o que está sob nosso controle e que depende de nossa escolha" (p. 11), uma interiorização que não é a cristã nem a privacidade moderna.]

1. DINUCCI, Aldo. "O conceito estoico de *phantasia*: de Zenão a Crisipo". *Archai*, n. 21, set.–dez. 2017, pp. 15–38. [Nomeada; conferida na bibliografia de Dinucci (n.º 35); não aberta.]

1. DINUCCI, Aldo. "Fragmentos menores de Caio Musônio Rufo". *Trans/Form/Ação*, v. 35, n. 3, 2012, pp. 1–18. [Nomeada; conferida na bibliografia de Dinucci (n.º 35); não aberta. Os trabalhos de Dinucci sobre Sêneca como tal não foram localizados com obra e página [a confirmar].]

1. LOHNER, José Eduardo S. Introdução. In: SÊNECA. *Sobre a ira / Sobre a tranquilidade da alma* (n.º 21), pp. 15–16. [Intermediário: Franco (n.º 66). Sêneca entre os *proficientes*, não entre os sábios. As introduções e notas dos quatro volumes

de Lohner não foram abertas; a tese dele sobre a ira e a *clementia* é [tese a confirmar].]

1. SEGURADO E CAMPOS, J. A. Introdução. In: SÊNECA. *Cartas a Lucílio* (n.º 20), pp. V–LIV. [Intermediário: Medino da Rocha (n.º 65). A tese da introdução não foi lida [tese a confirmar; página a confirmar].]

1. MEDINO DA ROCHA [prenome a completar]. [Título a completar]. *Prometeus*, n. 19, 2016. [Intermediário das páginas da introdução de Segurado e Campos.]

1. FRANCO [prenome a completar]. [Título a completar]. Dissertação sobre o *De ira*. UEM, 2022 [grau, programa e cidade a completar]. [Intermediário, pp. ~105–106, de Lohner (n.º 21 e 63): o português de III, 36, 3–4 e de III, 26, 4, e a tese dos *proficientes*. O livro de Lohner não foi aberto.]

1. AGGIO, Juliana. "O 'feminismo' de Musônio Rufo". *ethic@*, v. 17, n. 2, dez. 2018, pp. 179–204. [Edição de consulta, artigo aberto: lê as diatribes III e IV como defesa da igualdade natural de capacidades com o "propósito" de reforçar a submissão da mulher; "dos antigos escritores, Musônio foi o que fez a melhor defesa da igualdade entre os gêneros" (p. 180). Cita Foucault 2007, p. 163.]

1. LIMA, Ana Carolina. "Os exercícios espirituais e o estoicismo: notas a partir de P. Hadot". *Prometeus*, n. 36, mai.–ago. 2021, pp. 15–31 (periodicos.ufs.br/prometeus/article/download/15332/12064/48130). [Edição de consulta. É o intermediário de todas as páginas de Hadot (n.º 80): pp. 9, 24–25, 37–38, 49, 51, 55, 56, 60, 275 e 326. A revista aparece como *Prometeus* e como *Prometheus* nas fontes.]

1. MOURA [prenome a completar]. "Diálogo interior nas *Cartas a Lucílio*". *Ágora*, v. 17, 2015, pp. 263–297. [Intermediário: índice e trechos lidos. A *Carta* 83, 2 como exame (p. 267), a 41 (p. 272), a 83, 1 (p. 273), a 9 (pp. 280–282).]

1. BUENO [prenome a completar]. [Título a completar]. *Prometeus*, v. 14, n. 40, 2022, p. 11 em diante. [Intermediário: *clementia* e *De ira*; traz o português de *Da clemência*, II, 4, 4 e II, 7, 1–2 (pp. 12–13) e cita Griffin (n.º 91), 1992, p. 156. Tradutor não declarado; a bibliografia lista Braren (n.º 25).]

1. JOLY [prenome a confirmar]. "Estoicismo e escravidão no pensamento de Sêneca". *Phoînix*, v. 13, 2007, pp. 98–114. [Intermediário: resumo do artigo; leitura integral a confirmar. O escravo como instrumento e parte do corpo do senhor, mesmo com a igualdade de natureza (*Carta* 47). Cita Griffin.]

1. PETERLINI [prenome a completar]. "Uma visão senequiana da amizade". *Letras Clássicas*, n. 3, 1999, pp. 95–108. [Intermediário: resumo do artigo; leitura integral a confirmar. A dificuldade de conciliar a autarquia do sábio com a amizade (*Carta* 9).]

1. COSTA JR.; FRIGHETTO [prenomes a completar]. "A concepção de Deus no *De providentia*". *Hélade*, v. 2, n. 3, dez. 2016, p. 51 em diante. [Nomeada: só o título e a primeira página foram conferidos [tese a confirmar].]

1. WATANABE, A. [prenome e título a completar]. *Exemplaria Classica*, n. 10, 2006, pp. 345–346. [Intermediário de Thom (n.º 93): os vv. 18–21 do *Hino a Zeus* e a leitura heraclítica de Long (n.º 90). O estudo abrevia a revista como *ExClass* [nome a confirmar].]

1. PINTO DE BRITO, Rodrigo. Resenha de GOURINAT (org.), *L'éthique du stoïcien Hiéroclès* (n.º 99). *Bryn Mawr Classical Review* 2016.11.05. [Intermediário: os círculos concêntricos como "expansão da apropriação" (Veillard) e as localizações em Estobeu.]

1. GAZOLLA, Rachel. *O ofício do filósofo estóico: o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Loyola [ano a confirmar]. Resenha de BARBALHO, Thiago de Oliveira, *Princípios* (UFRN), v. 11, n. 15–16, pp. 111–114 [ano a confirmar]. [Nomeada: só o título; nenhuma tese afirmada.]

1. ALMEIDA; PEREIRA [prenomes a completar]. [Título a completar]. *Perspectiva Filosófica*, v. 47, n. 1, 2020. [Intermediário de Inwood (n.º 86) e de Nussbaum (n.º 84) sobre Sêneca.]

1. HASEGAWA, Alexandre; FERNANDES, Marcos Sinésio Pereira; BUTTI DE LIMA, Paulo; ROCHA PEREIRA, Maria Helena da. [Obras, anos e editoras a completar]. [Nomeados pelo plano da pesquisa; obra e página não localizadas; nenhuma tese afirmada. De Rocha Pereira consta *Estudos de história da cultura clássica* (Gulbenkian) [ano a completar].]

A tradição: autores estrangeiros

1. HADOT, Pierre. *La Citadelle intérieure: introduction aux Pensées de Marc Aurèle*. Paris: Fayard, 1992 (ed. de 1997 e de 2018 citadas por Lima, com o índice das citações de Marco Aurélio nas pp. 361–366 da de 2018). Versão inglesa: *The Inner Citadel*, trad. Michael Chase, Harvard University Press, 1998 [página a confirmar]. [Nomeada, não aberta. Sem edição portuguesa achada: *A cidadela interior* é versão

do estudo. A tríade das disciplinas (desejo, impulso, assentimento) e o título, de *Meditações,* VIII, 48: [paráfrase; página a confirmar].]

1. HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014. [Nomeada, não aberta; todas as páginas chegam por intermediário: Lima (n.º 68). Inclui "Um diálogo interrompido com Michel Foucault" (p. 275).]

1. HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1999; 5.ª ed., 2011. [Nomeada, não aberta; ficha de livraria conferida; tese e páginas a confirmar.]

1. FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 3.ª ed. [ano a confirmar; outra fonte dá 2004/2006]. [Nomeada, não aberta. A aula de 24/03/1982 (o exame de Sêneca como balanço, não como tribunal) é [tese a confirmar; página a confirmar]; "tribunal" e "contabilidade" não foram conferidas e ficam sem aspas. O p. 163 de 2007 chega por Aggio (n.º 67).]

1. FOUCAULT, Michel. "About the Beginning of the Hermeneutics of the Self". Dartmouth, 1980; Chicago, 2015, tradução de Burchell. [Intermediário: o exame do *De ira* como "administrativo" e não judicial, Sêneca como *speculator sui*; a fonte secundária que o trouxe não ficou nomeada [a confirmar]. A aula de 1982 não foi aberta.]

1. NUSSBAUM, Martha C. *The Therapy of Desire: Theory and Practice in Hellenistic Ethics*. Princeton: Princeton University Press, 1994. [Nomeada, não aberta. Caps. 9–12; as pp. 374–377, 407 e 421–422, sobre Sêneca e as paixões, por Almeida e Pereira (n.º 77); teses a confirmar.]

1. GRAVER, Margaret. *Stoicism and Emotion*. Chicago: University of Chicago Press, 2007. [Nomeada, não aberta. Títulos de capítulo conferidos (2, "The pathetic syllogism"; 4, "Feelings without assent"; 8, "City of friends and lovers"; 9, "The tears of Alcibiades"); páginas desconhecidas; teses a confirmar.]

1. INWOOD, Brad. *Reading Seneca*. Oxford, 2005; reed. 2008 [editora a completar]. [Intermediário: pp. 43, 47 e a crítica à "descoberta do eu" (cap. 12), por Almeida e Pereira (n.º 77) e pela *Stanford Encyclopedia of Philosophy*.]

1. INWOOD, Brad (ed.). *The Cambridge Companion to the Stoics*. Cambridge, 2003 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta; nenhum capítulo aberto.]

1. INWOOD, Brad. *Ethics and Human Action in Early Stoicism*. Oxford, 1985 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta.]

1. LONG, A. A. *Epictetus: A Stoic and Socratic Guide to Life*. Oxford: Clarendon, 2002, xiv + 310 p. [Intermediário: resenha de William Stephens, *Bryn Mawr Classical Review* 2002.11.03 (liberdade, juízo, volição e integridade; liberdade "inteiramente psicológica e atitudinal"); páginas de Long a confirmar.]

1. LONG, A. A. *Stoic Studies*. Cambridge, 1996 [editora a completar], com "Heraclitus and Stoicism", *Philosophia* 5/6, 1975–76, pp. 133–156 (= pp. 35–57 do livro). [Intermediário: Watanabe (n.º 74). O cap. 11, sobre Hiérocles, é só localização.]

1. GRIFFIN, Miriam. *Seneca: A Philosopher in Politics*. Oxford, 1976; reed. 1992 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta. A biografia política padrão, por intermediário: *Stanford Encyclopedia of Philosophy* e *Internet Encyclopedia of Philosophy*; p. 156 (a *misericordia* como paixão) por Bueno (n.º 70).]

1. VEYNE, Paul. *Seneca: The Life of a Stoic*. Tradução de David Sullivan. Routledge, 2003 [cidade a completar], pp. ix–x. [Intermediário: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. «a philosophy of the active turning in on itself of the I»; o contrapeso de Veyne a Hadot e a Foucault.]

1. THOM, J. C. *Cleanthes' Hymn to Zeus: Text, Translation, and Commentary*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005, 207 p. [Intermediário: Watanabe (n.º 74), pp. 345–346: os vv. 18–21 como restauração da ordem, contra a teodiceia em sentido estrito.]

1. BOBZIEN, Susanne. *Determinism and Freedom in Stoic Philosophy*. Oxford: Clarendon, 1998. E "Freedom and That Which Depends on Us: Epictetus and Early Stoics" (existência conferida em catálogo) [dados a completar]. [Nomeada, não aberta; Crisipo compatibilista [tese a confirmar; página a confirmar].]

1. GILL, Christopher. *The Structured Self in Hellenistic and Roman Thought*. Oxford, 2006 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta [tese a confirmar].]

1. SELLARS, John. *The Art of Living: The Stoics on the Nature and Function of Philosophy*. Ashgate, 2003; *Stoicism*. Acumen, 2006 [editoras e anos de memória da pesquisa; a confirmar]. Artigo sobre *Diatribes* I, 18, 10, *Classical Quarterly*, v. 66, 2016, pp. 410–413 [conferido na bibliografia de Dinucci (n.º 35)]. [Nomeada, não aberta. A crítica ao estoicismo sem física e sem deus [tese a confirmar].]

1. ANNAS, Julia. *The Morality of Happiness*. Oxford, 1993 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta [tese a confirmar].]

1. BRENNAN, Tad. *The Stoic Life: Emotions, Duties, and Fate*. Oxford, 2005 [editora a completar]. [Nomeada, não aberta [tese a confirmar].]

1. GOURINAT, Jean-Baptiste (org.). *L'éthique du stoïcien Hiéroclès*. [Cidade a completar]: Septentrion, 2016. Com Christelle Veillard, Christopher Gill, Francesca Alesse, Marcelo Boeri, David Konstan, Ilaria Ramelli e Thomas Bénatouïl. [Intermediário: resenha de Pinto de Brito (n.º 75); páginas a confirmar. Gourinat (1998), citado por Dinucci (n.º 35), p. 25, nota 71, sobre "dois modelos" na recepção de Epicteto: obra não identificada.]

1. AGOSTINHO. *De civitate Dei* (*A cidade de Deus*), IX, 4–5; XIV, 8–9. Latim, em The Latin Library (sem subseções numeradas; Dombart–Kalb provável [a confirmar]). [Edição de consulta, com [V-la]. As subseções (IX, 4, 2–3; XIV, 9, 4) seguem o Estudo XII; a fórmula *initium ut esset* é XII, 20, 4 = XII, 21. *A cidade de Deus*, V, 8–9 (destino e providência estoicos), só apontada.]

1. AGOSTINHO. *The City of God*. Tradução de Marcus Dods. In: SCHAFF, Philip (ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 1.ª série, v. 2 [ano a completar] (newadvent.org/fathers/120109.htm e 120114.htm). [Edição de consulta; numera só capítulos. Traduz *misericordia* por "compassion".]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de Oscar Paes Leme. Vozes / Federação Agostiniana Brasileira [cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta: a letra portuguesa de IX, 4–5 e XIV, 8–9 é do estudo, sobre o latim e sobre Dods.]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de J. Dias Pereira. [Cidade a completar]: Fundação Calouste Gulbenkian [ano a completar]. [Nomeada, não aberta. O Estudo XII a cita em XIV, 9 [V-pt, segundo o Estudo XII]; reconferir no volume.]

1. GÉLIO, Aulo. *Noctes Atticae* (*Noites áticas*), VII, 2 e XIX, 1. Latim: The Latin Library (VII, 2) e LacusCurtius (XIX, 1; penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Gellius); edição-base não indicada. [Edição de consulta: XIX, 1, 1; 14; 17 (o ânimo do sábio "se move, se contrai e empalidece") e 20. O quinto livro das *Diatribes*, que Gélio leu, não está no corpus conservado; o lugar da doutrina nele é [a confirmar].]

1. TERTULIANO. *De anima* (*Sobre a alma*), XX, 1. Latim, em The Latin Library; inglês de HOLMES [prenome a completar], *Ante-Nicene Fathers* 3. [Edição de consulta: "Seneca saepe noster". O passo senequiano que Tertuliano usa não foi localizado.]

1. JERÔNIMO. *De viris illustribus* (*Sobre os homens ilustres*), 12. Inglês na coleção *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2.ª série, v. 3 (newadvent.org/fathers/2708.htm) [tradutor a confirmar]. [Edição de consulta, em inglês; o latim não foi aberto, nem as cartas apócrifas entre Paulo e Sêneca.]

1. MONTAIGNE, Michel de. *Essais* (*Ensaios*), I, 14. Francês da edição de 1595, Gutenberg 48529 (onde o capítulo é o "XL" do livro I); inglês de Florio, 1603. [Edição de consulta. A "sentença grega antiga" é *Encheirídion*, 5, que Montaigne não nomeia; Posidônio e Pompeu em *Tusculanas*, II, 61 [localização a confirmar].]

1. PASCAL, Blaise. *Entretien avec M. de Saci* (*Conversa com o senhor de Saci*). Inglês de Wight, 1909 (monadnock.net/pascal/conversation.html). [Edição de consulta, em inglês; o francês não foi aberto, nem os fragmentos dos *Pensées* sobre os estoicos.]

1. DESCARTES, René. *Discours de la méthode*, 3.ª parte. Francês (Gutenberg 13846); inglês de Veitch (Gutenberg 59). [Edição de consulta. As cartas a Elisabeth de 1645 (AT IV 251–253; Shapiro, 2007) chegam por intermediário: Brandon Watson, *Siris*, 11/05/2015; a letra das cartas não foi aberta.]

1. SPINOZA, Baruch. *Ética*, V, Prefácio. Inglês de Elwes (Gutenberg 3800). [Edição de consulta, em inglês; o latim não foi aberto.]

1. HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*, "Freedom of Self-Consciousness: Stoicism". Inglês de Baillie (marxists.org/reference/archive/hegel/works/ph/phbb.htm). [Edição de consulta, em inglês: *contentless thought* e "on the throne as well as in fetters". A numeração §§197–201 é da edição de Miller, que não foi aberta; Baillie não numera. O alemão não foi aberto.]

1. HEGEL, G. W. F. *Lectures on the History of Philosophy*, "The Philosophy of the Stoics", 3, Ethics. Tradução de Haldane e Simson (marxists.org/reference/archive/hegel/works/hp/hpstoics.htm) [página a confirmar]. [Edição de consulta, em inglês.]

1. HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Vozes [cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta.]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*, IV, §276 (*amor fati*) e §306 ("Estoico e epicurista"). Inglês de Common (Gutenberg 52881). [Edição de consulta, em inglês; o alemão não foi aberto.]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*, §9. Inglês de Zimmern (Gutenberg 4363). [Edição de consulta, em inglês: "Ó nobres estoicos, que fraude de palavras!".]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*, "Warum ich so klug bin" ("Por que sou tão inteligente", título vertido pelo estudo). Inglês de Cohn (Gutenberg 52190). [Edição de consulta, em inglês; a edição de Cohn não numera as seções; o §10, que o plano dá, e a seção de "*Amor fati* is the core of my nature" ficam [a confirmar].]

1. NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (Companhia de Bolso, 344 p.). [Nomeada, não aberta; ficha conferida. *Além do bem e do mal* e *Ecce Homo* na tradução de Souza: ficha não aberta, ano a confirmar.]

1. ARENDT, Hannah. *The Life of the Mind*, v. II, *Willing* (*A vida do espírito*, II, *O querer*). New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1978. [Nomeada, não aberta (empréstimo digital bloqueado). Epicteto e a vontade como poder do eu [paráfrase; tese a confirmar; localização e páginas a confirmar].]

1. PIGLIUCCI, Massimo. *How to Be a Stoic: Using Ancient Philosophy to Live a Modern Life*. New York: Basic Books, 2017. [Nomeada, não aberta; título e editora do plano da pesquisa [tese a confirmar].]

1. HOLIDAY, Ryan. *The Obstacle Is the Way*. New York: Portfolio, 2014. Edição brasileira: *O obstáculo é o caminho* (Intrínseca), ficha não aberta. [Nomeada, não aberta. A frase do título é paráfrase de *Meditações*, V, 20 [atribuição a confirmar].]

1. IRVINE, William B. *A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy*. Oxford: Oxford University Press, 2009. [Nomeada, não aberta; título e editora do plano da pesquisa [tese a confirmar].]

1. BECKER, Lawrence C. *A New Stoicism*. Princeton: Princeton University Press, 1998. [Nomeada, não aberta; título e editora do plano da pesquisa [tese a confirmar].]

1. McEVILLEY, Thomas. *The Shape of Ancient Thought: Comparative Studies in Greek and Indian Philosophies*. New York: Allworth Press, 2002. [Nomeada, não aberta; a comparação com o budismo é do Estudo I.]

1. KUZMINSKI, Adrian. *Pyrrhonism: How the Ancient Greeks Reinvented Buddhism*. Lanham: Lexington, 2008. [Nomeada, não aberta; trata do pirronismo, não da Stoa, e o estudo o diz.]

As casas visitadas, por intermédio dos Estudos anteriores

1. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*, pp. 154, 221 e 226 [edição, tradutor e ano: dados a completar]. [Intermediário: Estudo VIII, 4.5. O "epicuristas" nas pp. 154, 221 e 226; "nenhum rosto pode ser abordado de mãos vazias e com a casa fechada", p. 154.]

1. RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*, edição espanhola, pp. 171 e 292–293 [edição e tradutor: dados a completar]. [Intermediário: Estudo IX, 4.4. "O orgulho estoico da inflexível constância a si".]

1. RICOEUR, Paul. *Finitude e culpabilidade*, edição espanhola, p. 461 [edição e tradutor: dados a completar]. [Intermediário: Estudo IX, 4.4. A explicação "de tipo estoico" e o sofrimento dos inocentes.]

1. RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, III, edição portuguesa, pp. 115 e 436 [edição e tradutor: dados a completar]. [Intermediário: Estudo IX, 4.2. "Uma configuração ética, muito marcada por certo estoicismo".]

1. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, II, 6, 1106b36–1107a2. [Grego conferido; o português chega por intermediário: Estudo XI, 4.1. "Relativa a nós".]

1. SÓCRATES, como modelo da Stoa: SÊNECA, *Carta* 6, 6 e *Carta* 104, 27–28; EPICTETO, *Diatribes*, I, 9, 1, todos em inglês. [Intermediário: Estudo X, 4.1; o latim da *Carta* 104 não foi aberto.]

1. SÊNECA. *Sobre a ira*, I, 9, em tradução inglesa. [Intermediário: Estudo XI, 4.1; localização a confirmar.]

1. EPICTETO. *Diatribes*, III, 13 (a *erēmia*, o ermo, e o estar só). [Nomeada, original não aberto. Intermediário: Arendt (n.º 133), por meio do Estudo XIII, 4.3.]

1. ARENDT, Hannah. *The Origins of Totalitarianism*, cap. 13, p. 476. New York: Harcourt, 1973. [Intermediário: Estudo XIII, 4.3. *Erēmos* e *monos*; "precisa dos outros"; localização a confirmar.]

1. ARENDT, Hannah. *The Human Condition*, p. 325. Chicago: University of Chicago Press, 1958. [Intermediário: Estudo XIII, 4.3. Catão, em Cícero, e o paradoxo do ativo que nada faz; seção a confirmar.]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, IX, 4, 2–3; XIV, 9, 4; XIX, 5. [Intermediário: Estudo XII, 4.2 [V-la; localização a confirmar]. A leitura de Agostinho aberta pelo estudo está no n.º 100.]

O cânon e os escritos

1. LUMEN FLUENS. *Cânon v1.2*. [Autoridade final; só o fundador o altera. Citado por parte e título: "Origem", "Os Quatro Pilares", "Regra de Vida", "O Abrigo", "A Vigília", "As Águas Comuns", "A Regra da Misericórdia", "A Bússola", "Independência confessional".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*.

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*.

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*.

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio da Luz Interior e do Mal*.

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*.

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*. [No estudo, "Meditações" sem mais é sempre o livro de Marco Aurélio.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10/2026* (n.º 1–7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10/2026* (n.º 1–12, como no Prólogo do Estudo VIII).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo IX* (n.º 1–13).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X* (n.º 1–10).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI* (n.º 1–11).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII* (n.º 1–11).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII* (n.º 1–12). [As listas de 23/10 e de 31/10 são sempre citadas com o nome do estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII* (Hegel). [Leitura anterior; seções 2.2, 3.4 e 4.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII* (Levinas). [Seção 4.5.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX* (Ricoeur). [Seções 4.2 e 4.4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X* (Platão). [Seções 2.3 e 4.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI* (Aristóteles). [Seções 4.1 e 4.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII* (Agostinho). [Seções 4.2 e 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII* (Arendt). [Seções 1.8 e 4.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Ficha do Estudo II* (outubro de 2026). [Apontamento do fundador, não cânon: as sete frases, quatro toques e três fronteiras.]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos I–VII*. [Apontamentos, não cânon; a Ficha do Estudo I é citada no cap. 4, seção 4.8.]

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO

Nos apêndices, as seções são numeradas como na edição de leitura (Prólogo e capítulos 1 a 6); nesta edição, some-se 1 ao número do capítulo (1.8 da edição de leitura = 2.8 desta).

Prólogo

A Stoa

1. Prólogo · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 1 (Latin Library) · “Que mal teu curaste hoje?” · «quod hodie malum tuum sanasti?» · [V-la; tradução do estudo]
2. Prólogo · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 3–4 (Latin Library) · “por agora te perdoo” · «nunc tibi ignosco» · [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022; grafia a conferir]
3. Prólogo · Epicteto, *Encheirídion*, 1, 1 (Dinucci–Julien, EDUFS 2012, versão digital) · “encargos nossos” · «ἐφ’ ἡμῖν» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
4. Prólogo · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 43 (Perseus) · “Um rio de coisas que vêm a ser e uma corrente violenta é o *aiōn*” · «Ποταμός τίς ἐστι τῶν γινομένων καὶ ῥεῦμα βίαιον ὁ αἰών» · [V-gr; tradução do estudo]
5. Prólogo · Epicteto, *Diatribes*, I, 14, 6 e 12–14 (Perseus; Dinucci) · “partes e pedaços” de deus; o *daimon* · «μόρια […] καὶ ἀποσπάσματα» · [V-gr; tradução do estudo]
6. Prólogo · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 41, 2 (Latin Library) · “um espírito sagrado habita dentro de nós” · «sacer intra nos spiritus sedet» · [V-la; tradução do estudo]
7. Prólogo · Marco Aurélio, *Meditações*, V, 27 (Perseus) · “fragmento de si mesmo” · «προστάτην καὶ ἡγεμόνα» · [V-gr; tradução do estudo]
8. Prólogo · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11 (Dinucci, *Prometeus* 1 (1), 2008, pp. 26–27) · “o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência” · «ducunt volentem fata, nolentem trahunt» · [V-la; V-pt: Dinucci]
9. Prólogo · Marco Aurélio, *Meditações*, VIII, 48 (Perseus) · a *akropolis* · «ἀκρόπολίς ἐστιν ἡ ἐλευθέρα παθῶν διάνοια» · [V-gr; paráfrase]
10. Prólogo · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 9, 3 (Dinucci, 2011, p. 118) · “deseja ter amigo e vizinho e companheiro, ainda que baste a si mesmo” · «et amicum habere vult et vicinum et contubernalem» · [V-la; V-pt: Dinucci]
11. Prólogo · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4 (Latin Library) · a alegria que Sêneca quer que “nasça em casa”; “coisa séria” · «domi nasci»; «verum gaudium res severa est» · [V-la; tradução do estudo]
12. Prólogo · Epicteto, *Diatribes*, II, 10, 3 (Perseus) · “cidadão do mundo” · «politēs tou kosmou» · [V-gr; tradução do estudo]
13. Prólogo · Epicteto, *Diatribes*, I, 24, 20; Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 70, 14–15 · a “porta aberta”, só nomeada · [paráfrase]

A tradição

1. Prólogo · Pierre Hadot, *La Citadelle intérieure* (Fayard, 1992) · o título · [V via secundária: Lima, 2021]
2. Prólogo · Michel Foucault, texto de 1980 sobre o exame de consciência; *A hermenêutica do sujeito*, aula de 24/03/1982 · o exame como balanço de administrador · [V-en via

secundária; tese a confirmar]

3. Prólogo · Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, §§ 197–201 (Baillie) · *contentless thought* · [V-en: Baillie; tradução do estudo]
4. Prólogo · Nietzsche, *A gaia ciência*, § 276; *Ecce Homo* (Common; Cohn) · *amor fati* · [V-en; seção a confirmar]

O cânon e os escritos

1. Prólogo · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz, seja qual for o nome que cada um lhe dê”
2. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
3. Prólogo · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · o retiro “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
4. Prólogo · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite”
5. Prólogo · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo”
6. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · a origem é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
7. Prólogo · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz”
8. Prólogo · decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio”
9. Prólogo · decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · Sócrates “como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar”
10. Prólogo · decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a Ficha do Estudo II “recebe a recusa agostiniana da *apatheia*, como recebeu Sócrates”; “Misericórdia e graça” separadas
11. Prólogo · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
12. Prólogo · decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II
13. Prólogo · decisões n.º 5 de 17/10/2026; n.º 4 e 5 de 19/10/2026; n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX; n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 1 e 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o lobo “com ou sem intenção”; o Abrigo; o perdão da vítima ao lobo; o veto; o exercício e a medida; o sabbath
14. Prólogo · Ficha do Estudo II (outubro de 2026) · as sete frases · [Ficha, não cânon]
15. Prólogo · Estudos VII, 4.2; VIII, 4.5; IX, 4.4; X, 4.1; XI, 4.1; XII, 4.2; XIII, 4.3 · as sete seções sobre a Stoa · [leitura do estudo]

Capítulo 1 — O estoicismo em sua melhor forma

A Stoa

1. 1.1 · Epicteto, escravo e depois liberto · [paráfrase; localização a confirmar]

2. 1.2 · Epicteto, *Encheirídion*, 1, 1; Dinucci–Julien (São Cristóvão: EDUFS, 2012, versão digital da *Prometeus*; edição impressa não aberta), p. 15 · “algumas são encargos nossos” · «ἐφ’ ἡμῖν» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
3. 1.2 · *Encheirídion*, 1, 2, p. 15 · “livres, desobstruídas, sem entraves” · «ἐλεύθερα» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
4. 1.2 · Epicteto, *Diatribes*, I, 1, 7 (Schenkl, Perseus) · “o uso correto das representações” · «χρῆσιν τὴν ὀρθὴν ταῖς φαντασίαις» · [V-gr; tradução do estudo]
5. 1.2 · *Diatribes*, I, 1, 23 · “a *prohairesis* nem Zeus pode vencê-la” · «προαίρεσιν δὲ οὐδ’ ὁ Ζεὺς» · [V-gr; tradução do estudo]
6. 1.2 · *Diatribes*, IV, 1, 1 · “É livre quem vive como quer” · «ἐλεύθερός ἐστιν ὁ ζῶν ὡς βούλεται» · [V-gr; tradução do estudo]
7. 1.2 · *Encheirídion*, 5, p. 17 · “As coisas não inquietam os homens, mas as opiniões” · «ταράσσει τοὺς ἀνθρώπους οὐ τὰ πράγματα» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
8. 1.2 · A frase “não é o que te acontece, mas como reages” · [atribuição a confirmar]
9. 1.3 · Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 110 (Perseus; Hicks, Loeb, 1925) · “movimento da alma irracional” · «ἡ ἄλογος […] ψυχῆς κίνησις» · [V-gr; V-en: Hicks; tradução do estudo]
10. 1.3 · *Vidas*, VII, 111 · “as paixões são juízos, como diz Crisipo” · «τὰ πάθη κρίσεις εἶναι» · [V-gr; tradução do estudo]
11. 1.3 · *Vidas*, VII, 116 · as três *eupatheiai*; “nunca” terá medo · «εὐπαθείας φασὶ τρεῖς, χαράν, εὐλάβειαν, βούλησιν» · [V-gr; V-en: Hicks]
12. 1.3 · Sêneca, *Sobre a ira*, I, 1, 2 (The Latin Library) · “breve loucura” · «breuem insaniam» · [V-la]
13. 1.3 · *Sobre a ira*, II, 2, 2 · “o primeiro movimento não é voluntário” · «primus motus non uoluntarius» · [V-la; tradução do estudo]
14. 1.3 · *Cartas a Lucílio*, 9, 3 (cf. Dinucci, *Prometeus* 4 (8), 2011, p. 117) · “vence todo incômodo, mas o sente” · «vincit quidem incommodum omne sed sentit» · [V-la; tradução do estudo]
15. 1.3 · Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 20 · “não dá o assentimento” · «οὐ συγκατατίθεται» · [V-la; tradução do estudo]
16. 1.3 · *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4 · “a verdadeira alegria é coisa séria” (Gummere: *stern*) · «verum gaudium res severa est» · [V-la; V-en: Gummere; tradução do estudo]
17. 1.3 · *Cartas a Lucílio*, 59, 2 · “a elevação do ânimo” · «animi elatio suis bonis verisque fidentis» · [V-la; tradução do estudo]
18. 1.3 · *Cartas a Lucílio*, 116, 1 · “Os nossos as expulsam, os peripatéticos as moderam” · «Nostri illos expellunt, Peripatetici temperant» · [V-la; tradução do estudo]
19. 1.4 · *Vidas*, VII, 87 · “viver em acordo com a natureza” · «ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν» · [V-gr; V-en: Hicks]
20. 1.4 · *Vidas*, VII, 88 · “a reta razão, que atravessa tudo” · [V-gr; tradução do estudo]
21. 1.4 · *Diatribes*, I, 29, 1 (Dinucci, *Prometeus* 9 (19), 2016, p. 231) · “uma capacidade de escolha de certa qualidade” · [V-gr; V-pt: Dinucci]
22. 1.4 · *Diatribes*, I, 29, 4, p. 231 · “toma-o de ti mesmo” · «παρὰ σεαυτοῦ λάβε» · [V-gr; V-pt: Dinucci]
23. 1.4 · *Cartas a Lucílio*, 9, 13 (cf. Dinucci, 2011, pp. 119–120) · “para viver feliz” · «ad beate vivendum, non ad vivendum» · [V-la; tradução do estudo]

24. 1.5 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 43 · “Um rio de coisas que vêm a ser” · «Ποταμός τίς ἐστι τῶν γινομένων […] ὁ αἰών» · [V-gr; tradução do estudo]
25. 1.5 · *Meditações*, VI, 15 · “que valor dar a algo que passa correndo” · «ἐν δὴ τούτῳ τῷ ποταμῷ» · [V-gr; tradução do estudo]
26. 1.5 · *Meditações*, IV, 46; VI, 42 · Heráclito citado por nome · [V-gr; paráfrase]
27. 1.5 · *Cartas a Lucílio*, 58, 23 (Furlan, *Scientia Traductionis* 16, 2014, p. 15) · “duas vezes descemos e não descemos” · «in idem flumen bis descendimus» · [V-la; V-pt: Furlan]
28. 1.5 · *Encheirídion*, 53, p. 37 (nota 70: Cleantes) · “Conduze-me, Zeus, e tu também, Destino” · «ἄγου δέ μ’, ὦ Ζεῦ» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
29. 1.5 · *Cartas a Lucílio*, 107, 11 (Dinucci, *Prometeus* 1 (1), 2008, pp. 26–27) · “o destino conduz quem lhe obedece” · «ducunt volentem fata, nolentem trahunt» · [V-la; V-pt: Dinucci]
30. 1.5 · *Cartas a Lucílio*, 96, 2 · “não obedeço a deus, assinto” · «non pareo deo sed adsentior» · [V-la; tradução do estudo]
31. 1.5 · *Encheirídion*, 8, p. 18 · “quere que aconteçam como acontecem” · «θέλε τὰ γινόμενα ὡς γίνεται» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
32. 1.5 · *Encheirídion*, 17, p. 21 (nota 27, p. 42) · “interpretar belamente o papel que te é dado” · «ὑποκρίνασθαι πρόσωπον καλῶς» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
33. 1.5 · Cícero, *Sobre o destino*, 43 · “o nosso assentimento estará em nosso poder” · «adsensio nostra erit in potestate» · [V-la; tradução do estudo]
34. 1.6 · *Vidas*, VII, 134 · “o que faz é o *logos* nela, deus” · «τὸν ἐν αὐτῇ λόγον τὸν θεόν» · [V-gr; tradução do estudo]
35. 1.6 · *Vidas*, VII, 135 · “um só deus, intelecto, destino e Zeus” · «Ἕν τ’ εἶναι θεὸν καὶ νοῦν καὶ εἱμαρμένην καὶ Δία» · [V-gr; tradução do estudo]
36. 1.6 · *Vidas*, VII, 139 · “vivo, animado e racional” · «ζῷον ὄντα καὶ ἔμψυχον καὶ λογικόν» · [V-gr]
37. 1.6 · *Vidas*, VII, 137 · a conflagração (*ekpyrōsis*) · [V-gr; paráfrase]
38. 1.6 · Cleantes, *Hino a Zeus*, vv. 18–21 (Thom, em Watanabe, *Exemplaria Classica* 10, 2006, p. 345) · “o bom com o mau” · «ἐσθλὰ κακοῖσιν» · [V-gr via secundária: Thom, em Watanabe; tradução do estudo]
39. 1.6 · *Diatribes*, I, 14, 6 · “partes e pedaços dele” · «μόρια […] καὶ ἀποσπάσματα» · [V-gr; tradução do estudo]
40. 1.6 · *Diatribes*, II, 8, 11–12 · “Trazes deus contigo, infeliz” · «θεὸν περιφέρεις, τάλας» · [V-gr; tradução do estudo]
41. 1.6 · *Diatribes*, I, 14, 12–14 · “deus está dentro e o vosso *daimon*” · «ὁ θεὸς ἔνδον ἐστὶ» · [V-gr; tradução do estudo]
42. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 41, 1 (Miotti, *Prometeus* 7 (15), 2014) · “deus está perto de ti” · «prope est a te deus, tecum est, intus est» · [V-la; V-pt: Miotti]
43. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 41, 2 · “um espírito sagrado habita dentro de nós” · «sacer intra nos spiritus sedet» · [V-la; tradução do estudo]
44. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 41, 5 · os raios do sol · «radii solis contingunt quidem terram» · [V-la; tradução do estudo]
45. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 41, 6 (Miotti) · o ânimo que brilha só do bem próprio · «nullo bono nisi suo nitet» · [V-la; V-pt: Miotti]

46. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 92, 17–18 · “uma faísca nada acrescenta à luz do sol” · «igniculum nihil conferre lumini solis» · [V-la; tradução do estudo]
47. 1.6 · *Cartas a Lucílio*, 94, 29 · “a centelha […] desdobra seu fogo” · «scintilla flatu levi adiuta ignem suum explicat» · [V-la; tradução do estudo]
48. 1.6 · *Meditações*, V, 27 · “o *daimon*, que Zeus deu a cada um como protetor e guia” · «προστάτην καὶ ἡγεμόνα» · [V-gr; tradução do estudo]
49. 1.6 · *Meditações*, II, 17 · “guardar o *daimon* de dentro” · «τηρεῖν τὸν ἔνδον δαίμονα» · [V-gr; tradução do estudo]
50. 1.6 · *Meditações*, XII, 26 · “nada é próprio de ninguém” · «οὐδὲν ἴδιον οὐδενός» · [V-gr; tradução do estudo]
51. 1.7 · *Vidas*, VII, 85 · “o primeiro impulso do animal é para se conservar” · «τὴν δὲ πρώτην ὁρμήν» · [V-gr; tradução do estudo]
52. 1.7 · Cícero, *Dos fins*, III, 63 · “não deva parecer estranho a outro” · «non alienum videri» · [V-la; tradução do estudo]
53. 1.7 · *Dos fins*, III, 64 · “uma cidade e comunidade comum de homens e deuses” · «communem urbem et civitatem hominum et deorum» · [V-la; tradução do estudo]
54. 1.7 · *Meditações*, IV, 4 · “o mundo é como uma cidade” · «ὁ κόσμος ὡσανεὶ πόλις ἐστί» · [V-gr; tradução do estudo]
55. 1.7 · *Meditações*, VI, 44 · “como homem, o mundo” · «ὡς δὲ ἀνθρώπῳ ὁ κόσμος» · [V-gr; tradução do estudo]
56. 1.7 · *Meditações*, II, 1 · “como os pés, as mãos, as pálpebras” · «ὡς πόδες, ὡς χεῖρες, ὡς βλέφαρα» · [V-gr; tradução do estudo]
57. 1.7 · *Meditações*, XI, 8 · “reunir-se de novo ao vizinho” · «πάλιν συμφῦναι τῷ προσεχεῖ» · [V-gr; tradução do estudo]
58. 1.7 · *Diatribes*, II, 10, 3; I, 9, 1 e 6 · “és cidadão do mundo”; *kosmios* · «πολίτης εἶ τοῦ κόσμου» · [V-gr; tradução do estudo]
59. 1.7 · *Cartas a Lucílio*, 95, 52 · “membros de um grande corpo” · «membra sumus corporis magni» · [V-la; tradução do estudo]
60. 1.7 · *Cartas a Lucílio*, 9, 3 (Dinucci, 2011, p. 118) · “deseja ter amigo e vizinho e companheiro” · «et amicum habere vult et vicinum et contubernalem» · [V-la; V-pt: Dinucci]
61. 1.7 · *Meditações*, IV, 3 · “recolher-te em ti mesmo”; “àquilo a que voltas” · «ἐφ’ ἃ ἐπανέρχῃ» · [V-gr; tradução do estudo]
62. 1.7 · *Meditações*, VIII, 48 · “uma acrópole é a mente livre de paixões” · «ἀκρόπολίς ἐστιν ἡ ἐλευθέρα παθῶν διάνοια» · [V-gr; tradução do estudo]
63. 1.7 · *Cartas a Lucílio*, 7, 8 · “convive com os que te hão de fazer melhor” · «cum his versare qui te meliorem facturi sunt» · [V-la; tradução do estudo]
64. 1.8 · *Diatribes*, III, 12, 1 · “os exercícios com coisas contra a natureza” · «τὰς ἀσκήσεις οὐ δεῖ» · [V-gr; tradução do estudo]
65. 1.8 · *Diatribes*, I, 4, 18 · “Onde, então, está o progresso?” · «ποῦ οὖν προκοπή;» · [V-gr; tradução do estudo]
66. 1.8 · *Encheirídion*, 33, 1, p. 29 · “Fixa […] um caráter e um padrão para ti” · «τάξον τινὰ ἤδη χαρακτῆρα» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]

67. 1.8 · *Meditações*, V, 1 · “levanto-me para a obra de homem” · «ἐπὶ ἀνθρώπου ἔργον ἐγείρομαι» · [V-gr; tradução do estudo]
68. 1.8 · *Meditações*, II, 1 · “o intrometido, o ingrato, o insolente” · [V-gr; tradução do estudo]
69. 1.8 · *Meditações*, III, 10 · viver o presente · [V-gr; paráfrase]
70. 1.8 · *Meditações*, IX, 30 · “os rebanhos sem número” · [V-gr; tradução do estudo]
71. 1.8 · *Cartas a Lucílio*, 1, 3 · “só o tempo é nosso” · «tempus tantum nostrum est» · [V-la; tradução do estudo]
72. 1.8 · *Cartas a Lucílio*, 101, 10 · “pensa cada dia como uma vida” · «singulos dies singulas vitas puta» · [V-la; tradução do estudo]
73. 1.9 · *Sobre a ira*, III, 36, 1 · “Que mal teu curaste hoje?” · «quod hodie malum tuum sanasti? Cui uitio obstitisti?» · [V-la; tradução do estudo]
74. 1.9 · *Sobre a ira*, III, 36, 2 · “vigia de si e censor secreto” · «speculator sui censorque secretus» · [V-la; tradução do estudo]
75. 1.9 · *Sobre a ira*, III, 36, 3 · “nada escondo de mim” · «totum diem meum scrutor […] nihil mihi ipse abscondo» · [V-la; tradução do estudo]
76. 1.9 · *Sobre a ira*, III, 36, 3–4 (Lohner, 2014, p. 183, por Franco 2022) · “cuida de não fazer mais isso; por agora te perdoo” · «uide ne istud amplius facias, nunc tibi ignosco» · [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022; grafia a conferir]
77. 1.9 · *Sobre a ira*, III, 36, 4 · “o bom se alegra de ser advertido” · «admoneri bonus gaudet» · [V-la; tradução do estudo]
78. 1.9 · *Cartas a Lucílio*, 83, 1–2 · “o plano do futuro vem do passado” · «consilium futuri ex praeterito venit» · [V-la; tradução do estudo]
79. 1.9 · *Cartas a Lucílio*, 12, 8–9 · “vivi, e cumpri o curso” · «vixi et quem dederat cursum fortuna peregi» · [V-la; tradução do estudo]
80. 1.9 · *Diatribes*, III, 10, 2–3 · “antes de rever cada ato do dia” · «μηδ’ ὕπνον μαλακοῖσιν ἐπ’ ὄμμασι» · [V-gr; tradução do estudo]
81. 1.9 · *Meditações*, X, 37 · “Começa por ti e examina-te primeiro” · «ἄρχου δὲ ἀπὸ σαυτοῦ» · [V-gr; tradução do estudo]
82. 1.9 · *Diatribes*, II, 1, 32 · “refutava a si mesmo e se examinava” · «αὐτὸς ἑαυτὸν ἤλεγχεν καὶ ἐξήταζεν» · [V-gr; tradução do estudo]
83. 1.9 · *Encheirídion*, 51, 3, p. 36 · “desejando ser como Sócrates” · «ὡς Σωκράτης γε εἶναι βουλόμενος» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
84. 1.9 · *Cartas a Lucílio*, 104, 27–28 · “toma Sócrates” (latim não aberto) · [V-en via secundária: Estudo X]
85. 1.10 · *Da clemência*, II, 3, 1 · “moderação do ânimo no poder de vingar-se” · «temperantia animi in potestate ulciscendi» · [V-la; tradução do estudo]
86. 1.10 · *Da clemência*, I, 1, 4 · “a clemência em prontidão” · «clementiam in procinctu habeo» · [V-la; tradução do estudo]
87. 1.10 · *Da clemência*, II, 5, 4 · “uma doença do ânimo” · «Misericordia est aegritudo animi» · [V-la; tradução do estudo]
88. 1.10 · *Da clemência*, II, 5, 1 · “vício de ânimo pequeno” · «vitium pusilli animi» · [V-la; tradução do estudo]
89. 1.10 · *Da clemência*, II, 6, 3 · o sábio socorrerá · «non miserebitur sapiens, sed succurret» · [V-la; tradução do estudo]

90. 1.10 · *Da clemência*, II, 7, 1–2 · “quem perdoa confessa que deixou de fazer algo” · «qui ignoscit, fatetur aliquid se… omisisse» · [V-la; tradução do estudo]
91. 1.10 · *Sobre a ira*, III, 26, 4 (Lohner, 2014, p. 175, por Franco 2022) · “somos maus, vivemos entre maus” · «mali inter malos uiuimus» · [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022]
92. 1.10 · *Encheirídion*, 42, pp. 32–33 · “Assim lhe parece” · «ἔδοξεν αὐτῷ» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
93. 1.10 · *Meditações*, VII, 22 · “amar também os que tropeçam” · «φιλεῖν καὶ τοὺς πταίοντας» · [V-gr; tradução do estudo]
94. 1.10 · *Meditações*, VIII, 59 · “ensina-os, então, ou suporta-os” · «ἢ δίδασκε οὖν ἢ φέρε» · [V-gr; tradução do estudo]
95. 1.11 · *Diatribes*, III, 24, 93–94 · “para o agora-não-ser” · «εἰς τὸ νῦν μὴ ὄν» · [V-gr; tradução do estudo]
96. 1.11 · *Diatribes*, III, 24, 86 · “como o figo, como o cacho de uva” · «ὡς σῦκον, ὡς σταφυλή» · [V-gr; tradução do estudo]
97. 1.11 · *Meditações*, VII, 19 · “quantos Crisipos, quantos Sócrates” · *posous ēdē ho aiōn Chrysippous* (transliteração) · [V-gr; tradução do estudo]
98. 1.11 · *Diatribes*, I, 24, 20 (Dinucci, *Dialektiké* 2 (2), 2015, p. 137); Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 70, 14–15 · a “porta aberta”, só nomeada · [V-gr; V-pt: Dinucci; V-la]
99. 1.11 · *Diatribes*, I, 6, 32–36 · “úteis para mostrar e exercitar Héracles” · «πρὸς τὸ δεῖξαι καὶ γυμνάσαι τὸν Ἡρακλέα» · [V-gr; tradução do estudo]
100. 1.11 · *Encheirídion*, 27, p. 25 · “a natureza do mal não existe no cosmos” · «κακοῦ φύσις ἐν κόσμῳ» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
101. 1.11 · Sêneca, *Sobre a providência*, 2, 1 · “nada de mau pode acontecer ao homem bom” · «Nihil accidere bono viro mali potest» · [V-la; tradução do estudo]
102. 1.11 · *Meditações*, IV, 3; XII, 24 · “ou providência ou átomos” · «ἤτοι πρόνοια ἢ ἄτομοι» · [V-gr; tradução do estudo]
103. 1.11 · *Vidas*, VII, 88 · “a vontade do governante do todo” · «τοῦ τῶν ὅλων διοικητοῦ βούλησιν» · [V-gr; V-en: Hicks; tradução do estudo]
104. 1.11 · *Cartas a Lucílio*, 47, 1 (Murachco, *Em curso* 8, 2021, pp. 1 e 3) · “‘São escravos.’ Antes, homens” · «Servi sunt. Immo homines» · [V-la; V-pt via secundária: Murachco]
105. 1.11 · *Cartas a Lucílio*, 47, 10 · as mesmas sementes, o mesmo céu · «ex isdem seminibus ortum eodem frui caelo» · [V-la; tradução do estudo]
106. 1.11 · Musônio Rufo, fr. III (Dinucci, em Aggio, *ethic@* 17 (2), 2018, p. 189) · “a mesma razão que os homens” · [V-pt: Dinucci, em Aggio]
107. 1.11 · Tácito, *Anais*, XIII, 42 · “com que sabedoria, com que preceitos de filósofos” · «qua sapientia, quibus philosophorum praeceptis» · [V-la; tradução do estudo]
108. 1.11 · Tácito, *Anais*, XIV, 53–56; XV, 60–64 · o pedido de retiro; a morte · [V-la; paráfrase]

A tradição

1. 1.1 · José Eduardo S. Lohner, introdução a Sêneca, *Sobre a ira* (São Paulo: Penguin-Companhia, 2014), pp. 15–16 · Sêneca entre os *proficientes* · [V via secundária: Franco 2022]

2. 1.2 · Aldo Dinucci, “Diatribes 1.24 e 1.25”, *Dialektiké* 2 (2), 2015, pp. 133–134 · “sob nosso controle se tivermos uma atitude crítica” · [V-pt: Dinucci]
3. 1.2 · Dinucci, *Introdução ao Manual de Epicteto*, p. 11 · “é-nos interior tudo o que está sob nosso controle” · [V-pt: Dinucci]
4. 1.3 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 8 (The Latin Library; Dods, *Nicene and Post-Nicene Fathers* I, 2) · a quarta *eupatheia* negada · «negauerunt esse posse aliquid in animo sapientis» · [V-la; tradução do estudo]
5. 1.3 · *A cidade de Deus*, XIV, 9 · “esse torpor pior que todos os vícios” · «hunc stuporem non omnibus uitiis iudicet esse peiorem» · [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]
6. 1.3 · *A cidade de Deus*, XIV, 9 (no Estudo XII, 4.2, XIV, 9, 4) · “viveríamos antes não retamente” · «tunc potius non recte uiuimus» · [V-la; tradução do estudo]
7. 1.3 · *A cidade de Deus*, XIV, 9 · “nem essa é desta vida”; “perdem toda a humanidade” · «sed nec ipsa huius est uitae»; «humanitatem totam […] amittunt» · [V-la; tradução do estudo]
8. 1.3 · *A cidade de Deus*, IX, 4 · “disputa de palavras, não exame de coisas” · «uerborum certamini, non rerum examini» · [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]
9. 1.4 · G. W. F. Hegel, *Fenomenologia do espírito*, “Stoicism”, trad. Baillie · a liberdade do pensamento no trono e nas cadeias · «on the throne as well as in fetters» · [V-en: Baillie; paráfrase]
10. 1.5 · Friedrich Nietzsche, *A gaia ciência*, §276 (Common); *Ecce Homo*, “Why I am so clever” (título vertido pelo estudo; seção a confirmar; Cohn) · a fórmula *amor fati* · [V-en: Common; Cohn; paráfrase]
11. 1.5 · Susanne Bobzien, *Determinism and Freedom in Stoic Philosophy* (Oxford, 1998) · Crisipo compatibilista · [tese a confirmar; página a confirmar]
12. 1.6 · Dinucci, nota 471 a *As Diatribes de Epicteto, livro I* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020), p. 111 · “um ser vivo que percebe o que ocorre” · [V-pt: Dinucci]
13. 1.7 · Hiérocles, *Elementos de ética*, os círculos concêntricos, em resenha de Gourinat (org.), *L'éthique du stoïcien Hiéroclès* · [paráfrase; V via secundária: *Bryn Mawr Classical Review*]
14. 1.7 · Pierre Hadot, *La Citadelle intérieure* (Paris: Fayard, 1992) · o título e *Meditações*, VIII, 48 · [paráfrase; página a confirmar]
15. 1.7 · Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*, cap. 13, p. 476 (Estudo XIII, 4.3); Epicteto, *Diatribes*, III, 13 (original não aberto) · Catão; o ermo e o só (*erēmos*, *monos*) · [V-en via secundária: Arendt; paráfrase; localização a confirmar]
16. 1.8 · Hadot, *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, trad. Loque e Oliveira (São Paulo: É Realizações, 2014), p. 9 · “o pensamento, a imaginação, a sensibilidade, assim como a vontade” · [V via secundária: Lima, *Prometeus* 36, 2021]
17. 1.8 · Hadot, 2014, p. 60 · a filosofia antiga como maneira de viver · [paráfrase; V via secundária: Lima 2021]
18. 1.8 · Hadot, 2014, pp. 24, 51 · “não possuímos nenhum tratado sistemático”; a “visão do alto” · [V via secundária: Lima 2021]
19. 1.8 · Michel Foucault, “About the Beginning of the Hermeneutics of the Self” (Dartmouth, 1980; Chicago, 2015, trad. Burchell) · o exame “administrativo” · [V-en via secundária: texto de 1980]

20. 1.8 · Foucault, *A hermenêutica do sujeito*, trad. Fonseca e Muchail (Martins Fontes), aula de 24/03/1982 · o exame como balanço · [tese a confirmar]
21. 1.8 · Paul Veyne, *Seneca: The Life of a Stoic*, trad. Sullivan (Routledge, 2003), pp. ix–x · «a philosophy of the active turning in on itself of the I» · [V-en via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*; tradução do estudo]
22. 1.9 · Hadot, 2014, pp. 37–38 · "fundamento de todo exercício espiritual" · [V via secundária: Lima 2021]
23. 1.10 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5 · "compaixão do nosso coração pela miséria alheia"; "serve à razão" · «alienae miseriae quaedam in nostro corde compassio»; «Seruit autem motus iste rationi» · [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]
24. 1.10 · Cícero, *Pro Ligario*, 37 · o louvor da *misericordia* de César · «nulla de uirtutibus tuis plurimis nec admirabilior nec gratior misericordia est» · [V-la]
25. 1.11 · Joly, "Estoicismo e escravidão no pensamento de Sêneca", *Phoînix* 13, 2007, pp. 98–114 · o escravo como instrumento · [V-pt via secundária: resumo do artigo]
26. 1.11 · Juliana Aggio, "O 'feminismo' de Musônio Rufo", *ethic@* 17 (2), 2018, pp. 179–204 · igualdade natural e submissão da mulher · [V-pt: Aggio; paráfrase]
27. 1.11 · Miriam Griffin, *Seneca: A Philosopher in Politics* (Oxford, 1976); Veyne, 2003 · Sêneca e Nero · [V via secundária: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*; *Internet Encyclopedia of Philosophy*]

O cânon e os escritos

1. 1.9 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · "Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar"
2. 1.3 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · "a Ficha do Estudo II recebe a recusa agostiniana da *apatheia*, como recebeu Sócrates"
3. 1.7 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · "Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II, ao lado de Sócrates"
4. 1.3 · Estudo XII, 4.2 · Agostinho e a *apatheia* recusada · [leitura do estudo]
5. 1.7 · Estudo XIII, 4.3 · Catão e Epicteto no dois-em-um · [leitura do estudo]
6. 1.9 · Estudo X, 4.1 · Sócrates como modelo da Stoa · [leitura do estudo]

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

A Stoa

1. 2.1 · Marco Aurélio, *Meditações*, VI, 15 · "neste rio, que valor dar a algo que passa correndo e em que não é possível parar?" · «ἐν δὴ τούτῳ τῷ ποταμῷ τί ἄν τις… ἐκτιμήσειεν» · [V-gr; tradução do estudo]
2. 2.1 · *Meditações*, IV, 46 (Heráclito também em VI, 42) · "não se deve agir como filhos dos pais, isto é, simplesmente como recebemos" · «οὐ δεῖ ὡς παῖδας τοκεώνων… καθότι παρειλήφαμεν» · [V-gr; tradução do estudo]
3. 2.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 58, 23; Furlan, *Scientia Traductionis* 16, 2014, p. 15 · "ao mesmo rio duas vezes descemos e não descemos" · «in idem flumen bis descendimus et non descendimus» · [V-la; V-pt: Furlan]

4. 2.3 · Epicteto, *Encheirídion*, 53, 4; trad. Dinucci e Julien (São Cristóvão: EDUFS, 2012), versão digital da *Prometeus*, p. 46 · “Ânito e Meleto podem me matar, mas não podem me causar dano” · [V-pt: Dinucci–Julien]
5. 2.4 · *Encheirídion*, 1, 1; mesma edição, p. 15 · “Das coisas existentes, algumas são encargos nossos; outras não […]” · «τῶν ὄντων τὰ μέν ἐστιν ἐφ’ ἡμῖν…» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
6. 2.4 · *Encheirídion*, 8; mesma edição, p. 18 · “quere que aconteçam como acontecem” · «θέλε τὰ γινόμενα ὡς γίνεται» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
7. 2.5 · Epicteto, *Diatribes*, I, 9, 1 · *kosmios*, “do mundo, ordenado” · «ἀλλ’ ὅτι κόσμιος» · [V-gr; tradução do estudo]
8. 2.5 · Sêneca, *Sobre o ócio*, 4, 1 · “duas repúblicas” · «Duas res publicas animo complectamur» · [V-la; localização a confirmar]
9. 2.5 · Cícero, *Dos deveres*, I, 51 (versos de Ênio); Miller (Loeb, 1913) · “acende uma luz a partir da própria luz” · «Quasi lumen de suo lumine accendat» · [V-la; V-en: Miller; tradução do estudo]
10. 2.6 · Marco Aurélio, *Meditações*, VIII, 48 · a *akropolis*, “a mente livre de paixões” · «ἀκρόπολίς ἐστιν ἡ ἐλευθέρα παθῶν διάνοια» · [V-gr; tradução do estudo]
11. 2.7 · *Meditações*, III, 2 · “tem algo de gracioso e atraente” · «τὰ σῦκα ὁπότε ὡραιότατά ἐστι, κέχηνε» · [V-gr; tradução do estudo]
12. 2.7 · Epicteto, *Diatribes*, I, 12, 21 · “festa e assembleia festiva” · «ἀλλ’ ἑορτὴν καὶ πανήγυριν» · [V-gr; tradução do estudo]
13. 2.7 · Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 116; Hicks (Loeb, 1925) · as três *eupatheiai* · «εὐπαθείας φασὶ τρεῖς, χαράν, εὐλάβειαν, βούλησιν» · [V-gr; V-en: Hicks]
14. 2.7 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4 · “a verdadeira alegria é coisa séria” · «verum gaudium res severa est» · [V-la; tradução do estudo]
15. 2.8 · *Cartas a Lucílio*, 95, 33 · “coisa sagrada para o homem” · «Homo, sacra res homini» · [V-la; tradução do estudo]
16. 2.9 · Epicteto, *Diatribes*, III, 12, 6 · “opor um hábito contrário” · [V-gr; tradução do estudo; grego do passo não transcrito]

A tradição

1. 2.2 · Foucault, *A hermenêutica do sujeito*, aula de 24/03/1982 (trad. Fonseca e Muchail, Martins Fontes); “About the Beginning of the Hermeneutics of the Self” (1980) · o exame de Sêneca como balanço de administrador, não de réu · [tese a confirmar; página a confirmar]
2. 2.3 · Hadot, *Exercícios espirituais e filosofia antiga* (trad. Loque e Oliveira, É Realizações, 2014), pp. 37–38 · o exame socrático como fundamento do exercício espiritual · [paráfrase; V via secundária: Lima, *Prometeus* 36, 2021]
3. 2.4 · Dinucci, “Diatribes 1.24 e 1.25”, *Dialektiké* 2 (2), 2015, pp. 133–134 · “encargos nossos” em lugar de “sob nosso controle” · [V-pt: Dinucci]
4. 2.6 · Hadot, *La Citadelle intérieure* (Paris: Fayard, 1992); sem edição portuguesa achada · o título, de *Meditações*, VIII, 48 · [paráfrase; página a confirmar]
5. 2.6 · Arendt, *Origens do totalitarismo*, cap. 13 (Harcourt, 1973), p. 476; *A condição humana* (Chicago, 1958), p. 325 · Catão; *erēmos* e *monos* · [V-en via secundária: Estudo XIII, 4.3; paráfrase]

6. 2.9 · Hadot, *Exercícios espirituais*, p. 24 · “nenhum tratado sistemático” · [V via secundária: Lima, 2021]
7. 2.10 · Dinucci, *As Diatribes de Epicteto, livro I* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020), nota 471, p. 111 · o universo como ser vivo · [V-pt: Dinucci]

O cânon e os escritos

1. 2.1 · Cânon v1.2, “Origem” · “Cada pessoa carrega uma luz interior atemporal […]”
2. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero […]”
3. 2.1 · Catecismo, 48 · “O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma”
4. 2.1 · Cânon v1.2, Parte III, “A trilha dos escritos” · “Agostinho, Tomás, Heráclito, estoicos, personalismo”
5. 2.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Prática) · “Exame diário ao fim do dia […] Cinco minutos bastam”
6. 2.2 · Catecismo, 43 · “a gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível”
7. 2.2 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos”
8. 2.2 · Catecismo, 47 · “quem deixou passar o exame de uma noite volta a fazê-lo na seguinte”
9. 2.3 · Meditações Práticas, “O Portar do dia” · “levar a luz acesa através do fluxo, sem deixar que a correnteza a apague […]”
10. 2.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “A mudança não é acidente a suportar […]”
11. 2.4 · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo […]”
12. 2.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · “mudança inesperada”
13. 2.4 · Meditações Práticas, “O Portar do dia” · “uma mudança que você não pediu”; “que mensagem carrego através disto?”
14. 2.4 · Catecismo, 16 · “de propósito”
15. 2.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado […]”
16. 2.5 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “o terceiro devido — o nós, ao lado do eu e do tu”
17. 2.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “A luz é pessoal, nunca individual […]”
18. 2.6 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Retirar-se não é represar […] o retiro é discreto […]”
19. 2.7 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “Um momento diário de celebração física plena […]”
20. 2.7 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança”
21. 2.7 · Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia” · “ninguém volta com alegria para algo que só lembra fracasso”
22. 2.8 · Catecismo, 36 · “Não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro”
23. 2.8 · Catecismo, 35 · “com intenção ou sem ela”
24. 2.8 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro”
25. 2.8, 2.10 · Catecismo, 31 · “o olhar do outro não a cria, mas pode ser o primeiro a vê-la”; “o Abrigo pode revelar uma luz que estava escondida”

26. 2.9 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · “Ao despertar, antes de qualquer tela […]”
27. 2.9 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “Acender não é criar algo novo em você; é parar de fingir que não existe”
28. 2.9 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo de estação” · “a regra serve à vida, não o contrário”
29. 2.9 · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · “para que, quando a mudança grande chegar […] você já saiba portar”
30. 2.9 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “a Vigília não lê a noite de cima nem do fim”
31. 2.10 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco […] A luz não se acende — ela se revela”
32. 2.10 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar […]”
33. 2.10 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “participação nesse princípio comum”; “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
34. 2.10 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém; exige apenas fidelidade à luz […]”
35. 2.2 · Decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio — o Flumen —, não o Abrigo”
36. 2.4 · Decisão n.º 7 de 17/10/2026 · “o nome do Pilar III é feminino — a Mutatio, como a Lux”
37. 2.3 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo […]”
38. 2.3 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”; “o sinal de Sócrates fica em Platão”
39. 2.10 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”
40. 2.9 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida”
41. 2.9 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “o cânon admite um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma”
42. 2.10 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · o intelecto agente “como a luz” é estrutura, nunca nome da Luz
43. 2.7, 2.8 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “a Ficha do Estudo II recebe a recusa agostiniana da *apatheia* […]”
44. 2.8 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”
45. 2.10 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a luz imutável é estrutura, e nunca nome da Luz
46. 2.2 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “O dois-em-um cabe na letra do Examinar: como leitura […]”
47. 2.6 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “A margem é ‘estar consigo’”
48. 2.6, 2.10 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II, ao lado de Sócrates”; o “quem” de Arendt do lado da identidade

49. 2.10 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “A pluralidade entra como estrutura, não como palavra da letra”
50. 2.1 · Ficha do Estudo II · “o tempo é um rio dos acontecimentos”; “ambos bebemos de Heráclito” · [Ficha, não cânon]
51. 2.2 · Ficha do Estudo II · “tribunal lá, misericórdia aqui” · [Ficha, não cânon]
52. 2.2 · Ficha do Estudo II · “ancestral do nosso Examinar” · [Ficha, não cânon]
53. 2.4 · Ficha do Estudo II · “portar o involuntário” · [Ficha, não cânon]
54. 2.6 · Ficha do Estudo II · “cidadela interior, não; casa de portas abertas” · [Ficha, não cânon]
55. 2.7 · Ficha do Estudo II · “desconfiamos de uma sabedoria que não dança” · [Ficha, não cânon]
56. 2.10 · Ficha do Estudo II · “a luz como participação num princípio que nos excede” · [Ficha, não cânon]
57. 2.1 · Estudo VII, 2.2 · “mesmo avô” · [leitura do estudo]
58. 2.3 · Estudo X, 2.3 · a letra do Examinar não nomeia interlocutor · [leitura do estudo]
59. 2.5 · Estudo X, 4.1 · “cidadão do mundo” lido em *Diatribes*, I, 9, 1 · [leitura do estudo]

Capítulo 3 — Onde nos separamos

A Stoa

1. 3.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 41, 5 · os raios do sol · [V-la; paráfrase]
2. 3.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 92, 17–18 · *lumen* e *igniculus* · [V-la; paráfrase]
3. 3.2 · Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6, The Latin Library · “não sirvo a deus, assinto” · «nec seruio deo sed assentior» · [V-la; tradução do estudo]
4. 3.2 · Epicteto, *Diatribes*, I, 6, 37, Schenkl, Perseus · “Traze agora, ó Zeus, a circunstância que quiseres” · «φέρε νῦν, ὦ Ζεῦ, ἣν θέλεις περίστασιν» · [V-gr; tradução do estudo]
5. 3.2 · Epicteto, *Encheirídion*, 8, trad. Dinucci e Julien (EDUFS, 2012), versão digital da *Prometeus*, p. 18 · “que aconteçam como acontecem” · «θέλε τὰ γινόμενα ὡς γίνεται» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
6. 3.2 · Epicteto, *Encheirídion*, 53, Dinucci–Julien, p. 37 · *hepsomai*, “seguirei”; *synkechōrēken*, “cedeu” · «ὡς ἕψομαί γ’ ἄοκνος» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
7. 3.3 · Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 111, Perseus; Hicks · “por quem sofre indignamente” · «λύπην ὡς ἐπ’ ἀναξίως κακοπαθοῦντι» · [V-gr; V-en: Hicks, conferência a fazer; tradução do estudo]
8. 3.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4, Gummere (Loeb) · “nasça em casa”; “coisa séria” · «domi nasci»; «res severa est» · [V-la; tradução do estudo]
9. 3.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 59, 14 · “cheio de alegria” · «plenus est gaudio» · [V-la; tradução do estudo]
10. 3.4 · Epicteto, *Diatribes*, I, 16, 20 · “Que outra coisa posso eu, velho e coxo, senão cantar a deus?” · «γέρων χωλὸς εἰ μὴ ὑμνεῖν τὸν θεόν» · [V-gr; tradução do estudo]
11. 3.5 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 52, 2 · “ninguém tem força bastante para emergir por si” · «Nemo per se satis valet ut emergat» · [V-la; tradução do estudo]

12. 3.6 · Cícero, *Dos fins*, III, 64, Perseus · “governado pela vontade dos deuses” · «regi numine deorum» · [V-la; tradução do estudo]
13. 3.7 · Marco Aurélio, *Meditações*, II, 1, Perseus · “por ignorância dos bens e males” · «παρὰ τὴν ἄγνοιαν τῶν ἀγαθῶν καὶ κακῶν» · [V-gr; tradução do estudo]
14. 3.7 · Marco Aurélio, *Meditações*, VIII, 55 · “não prejudica o outro” · «οὐδὲν βλάπτει τὸν ἕτερον» · [V-gr; tradução do estudo]
15. 3.8 · Epicteto, *Diatribes*, I, 4, 18 · “voltar-se para a própria *prohairesis*” · «ἐπὶ τὴν προαίρεσιν ἐπέστραπται» · [V-gr; tradução do estudo]
16. 3.9 · Epicteto, *Diatribes*, I, 24, 20, trad. Dinucci (*Dialektiké* 2(2), 2015, p. 137) · a “porta aberta” · [paráfrase; V-pt: Dinucci]
17. 3.9 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 70, 14–15 · a “porta aberta” · [paráfrase; V-la]

A tradição

1. 3.1 · Dinucci, nota 471 a *Diatribes*, I, 14, 6 (Coimbra, 2020), p. 111 · o universo como vivente · [V-pt: Dinucci; paráfrase]
2. 3.2 · Thom (2005), via Watanabe, *Exemplaria Classica* 10, 2006, pp. 345–346 · os vv. 18–21 como restauração da ordem · [V via secundária: Watanabe; paráfrase]
3. 3.3 · Foucault, “About the Beginning of the Hermeneutics of the Self” (1980); *A hermenêutica do sujeito*, aula de 24/03/1982 · o exame como balanço de administrador · [V-en via secundária: texto de 1980; aula de 1982, tese a confirmar]
4. 3.3 · Lohner, introdução a *Sobre a ira* (2014), pp. 15–16, via Franco (2022) · Sêneca entre os proficientes · [tese de Lohner, via Franco 2022]
5. 3.4 · Graver, *Stoicism and Emotion* (2007) · as *eupatheiai* como emoções do sábio · [paráfrase; tese a confirmar]
6. 3.4 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 8, The Latin Library · a quarta afeição negada pelos estoicos · «pro metu cautionem» · [V-la; paráfrase]
7. 3.7 · Dinucci, nota 34 ao *Encheirídion*, 27, p. 42 · “todo erro é fruto de uma falsa opinião” · [V-pt: Dinucci–Julien]

O cânon e os escritos

1. 3.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela.”
2. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “revelar supõe presença anterior a qualquer olhar”
3. 3.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “seja qual for o nome que cada um lhe dê”
4. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “há um princípio racional comum que atravessa todas as coisas em fluxo”
5. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “O ponto comum […] é a estrutura”
6. 3.1 · Catecismo, 17 · “o que vai além de nós”
7. 3.1 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “eu sem a minha luz sou uma mentira”
8. 3.2 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória”
9. 3.2 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”
10. 3.2 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “honra o gesto e não adota a providência”

11. 3.2 · Disputatio, “Respondeo” · “A tempestade é real, a correnteza é real”
12. 3.2 · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo”
13. 3.2 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “quem se recusa a apagar não consentiu em nada”
14. 3.3 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma.”
15. 3.3 · Disputatio, “Respondeo” · “falar a quem falhou consigo mesmo”
16. 3.3 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo”
17. 3.3 · Catecismo, 47 · “volta a fazê-lo na seguinte”
18. 3.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “celebração física plena — dançar, caminhar com atenção”
19. 3.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal” · “idealmente com outros”
20. 3.4 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança.”
21. 3.4 · Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia” · “ninguém volta com alegria”
22. 3.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “vira lamparina de museu”
23. 3.5 · Catecismo, 36 e 31 · “uma luz devida ao outro”; “pode ser o primeiro a vê-la”
24. 3.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
25. 3.6 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “O rio, de todos e de ninguém”
26. 3.6 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “palavras que dariam ao rio um dono”
27. 3.6 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “mais largo e mais humilde que o espaço público”
28. 3.6 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “escolhido por outra razão, a de não dar ao rio um dono”
29. 3.7 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “O lobo é o mal que alguém inflige”
30. 3.7 · Tratado da Vigília, “Definição” · “com ou sem intenção; a irreflexão não é noite”
31. 3.8 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
32. 3.8 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “revela onde ela ficou coberta”
33. 3.8 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la.”
34. 3.8 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · a gratidão, fecho do Examinar
35. 3.9 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “vela quem fica, passe a noite ou não”
36. 3.10 · Meditações Práticas, “O Portar do dia” · “uma mudança que você não pediu”
37. 3.1, 3.3 · Decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “A mão que retoma […] é o rio — o Flumen —, não o Abrigo. A retomada é pertencimento”
38. 3.2 · Decisão n.º 1 de 17/10/2026 · “aceita a dialética […] e a recusa como teodiceia”
39. 3.2 · Decisão n.º 2 de 17/10/2026 · “uma luz acesa dentro da noite”
40. 3.7 · Decisão n.º 5 de 17/10/2026 · “com ou sem intenção; a irreflexão não é noite”
41. 3.5 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026 · “O Abrigo não vai até a substituição.”
42. 3.5 · Decisão n.º 5 de 19/10/2026 · “a assimetria é de posição, não de valor”

43. 3.3 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça”
44. 3.7 · Decisão n.º 10 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “passa pelo ato, não pela pessoa”
45. 3.8 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “graus de visão, nunca de valor”
46. 3.1 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o Bem não é nome da Luz”
47. 3.1 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o sinal de Sócrates fica em Platão”
48. 3.10 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar”
49. 3.8 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida”
50. 3.8 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma”
51. 3.5 · Decisão n.º 5 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “o Abrigo não pede retorno em ponto algum”
52. 3.6 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “fronteira da série”
53. 3.1 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “estrutura, nunca nome da Luz”
54. 3.1 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “estrutura, e nunca nome da Luz”
55. 3.6 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”
56. 3.2 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
57. 3.3, 3.4 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “a graça, que é toque do cristianismo”; “como recebeu Sócrates”
58. 3.1 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “entra como estrutura, não como palavra da letra”
59. 3.6 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a distinção de Arendt
60. 3.7 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “figura do lobo ‘sem intenção’”
61. 3.1 · Ficha do Estudo II, [s2t] 2 · “a luz como participação num princípio que nos excede” · [Ficha, não cânon]
62. 3.3 · Ficha do Estudo II, [s2t] 3 · “ancestral do nosso Examinar — tribunal lá, misericórdia aqui” · [Ficha, não cânon]
63. 3.10 · Ficha do Estudo II, [s2t] 4 · “Portar o involuntário” · [Ficha, não cânon]
64. 3.10 · Ficha do Estudo II, [s2t] 1 · “herança comum”; “ambos bebemos de Heráclito” · [Ficha, não cânon]
65. 3.4, 3.10 · Ficha do Estudo II, [s2s] 1 · “desconfiamos de uma sabedoria que não dança” · [Ficha, não cânon]
66. 3.10 · Ficha do Estudo II, [s2s] 2 · “aceitar é o começo do gesto, não o fim” · [Ficha, não cânon]
67. 3.5 · Ficha do Estudo II, [s2s] 3 · “cidadela interior, não; casa de portas abertas” · [Ficha, não cânon]
68. 3.5 · Estudo VII, 4.2 (Hegel) · [leitura do estudo]
69. 3.10 · Estudo VII, 2.2 (Hegel) · [leitura do estudo]
70. 3.5 · Estudo XII, 4.2 (*A cidade de Deus*, XIX, 5) · [leitura do estudo]

Capítulo 4 — O estoicismo diante das casas da série

A Stoa

1. 4.3 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 6, 6, em inglês · “tiraram mais proveito do caráter que das palavras de Sócrates” · [V-en via secundária: Estudo X, 4.1]
2. 4.3 · Epicteto, *Diatribes*, I, 9, 1, em inglês · “cidadão do mundo” · [V-en via secundária: Estudo X, 4.1]
3. 4.3 · Epicteto, *Diatribes*, I, 9, 1 e II, 10, 3, grego do Perseus · “ordenado, do mundo”; “cidadão do mundo” · [V-gr]
4. 4.5 · Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 1 e 14 · a cena do estoico no navio e do quinto livro das *Diatribes* · [V-la; paráfrase]
5. 4.5 · Aulo Gélio, *Noites áticas*, XIX, 1, 17 · “o ânimo do sábio também se move, se contrai e empalidece por um instante […] por movimentos rápidos e irrefletidos” · [V-la; tradução do estudo]
6. 4.6 · Marco Aurélio, *Meditações*, V, 27, grego do Perseus · “protetor e guia” · [V-gr; tradução do estudo]
7. 4.7 · Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6 · “não sirvo a deus, assinto” · [V-la; tradução do estudo]
8. 4.7 · Epicteto, *Encheirídion*, 8, trad. Dinucci e Julien (EDUFS, 2012), versão digital da *Prometeus*, p. 18 · “quere que aconteçam como acontecem” · [V-pt: Dinucci–Julien]
9. 4.8 · Marco Aurélio, *Meditações*, V, 20, parafraseada por Ryan Holiday · “o obstáculo é o caminho” · [atribuição a confirmar]

A tradição

1. 4.1 · Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, “Freedom of Self-Consciousness: Stoicism”, trad. Baillie; §§197–201 pela numeração de Miller · “no trono e nas cadeias”; “do movimento da existência […] para a essencialidade simples do pensamento”; “carece do preenchimento concreto da vida”; “pensamento abstrato, sem conteúdo” · [V-en: Baillie; tradução do estudo; página a confirmar]
2. 4.1 · Aldo Dinucci, *Introdução ao Manual de Epicteto*, em Epicteto, *Encheirídion* (EDUFS, 2012), p. 11 · “tudo o que está sob nosso controle e que depende de nossa escolha” · [V-pt: Dinucci]
3. 4.2 · Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*, pp. 154, 221 e 226 · as ocorrências de “epicuristas” · [V-en via secundária: Estudo VIII, 4.5]
4. 4.2 · Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*, p. 154 · “nenhum rosto pode ser abordado de mãos vazias e com a casa fechada” · [V-pt via secundária: Estudo VIII, 4.5]
5. 4.2 · Paul Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, ed. espanhola, pp. 171 e 292–293 · “o orgulho estoico da inflexível constância a si” · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.4]
6. 4.2 · Paul Ricoeur, *Finitude e culpabilidade*, ed. espanhola, p. 461 · “qualquer explicação de tipo estoico […] vem a se chocar contra o sofrimento dos inocentes” · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.4]
7. 4.3 · Aldo Dinucci, *Introdução ao Manual de Epicteto*, p. 5 · “surge na confluência do pensamento de Heráclito, de Sócrates e dos cínicos” · [V-pt: Dinucci]

8. 4.4 · Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, II, 6, 1106b36–1107a2 · “relativa a nós” · [V-gr; V-pt via secundária: Estudo XI, 4.1]
9. 4.5 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 4, latim da The Latin Library (edição-base não declarada) · “não consentindo e antes resistindo, exerce o reino da virtude” · [V-la; tradução do estudo]
10. 4.5 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5; inglês de Dods · “pela misericórdia de livrar um homem”; “pelo medo do naufrágio” · [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]
11. 4.5 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 9; ver 1.3 · “pior que todos os vícios”; “nem essa é desta vida” · [V-la; V-en: Dods; tradução do estudo]
12. 4.5 · Tertuliano, *Sobre a alma*, XX, 1, latim; inglês de Holmes · “tantas vezes dos nossos” · [V-la; V-en: Holmes]
13. 4.5 · Jerônimo, *Sobre os homens ilustres*, 12, inglês da coleção *Nicene and Post-Nicene Fathers* · “lidas por muitos” · [V-en; tradução do estudo; tradutor a confirmar]
14. 4.6 · Hannah Arendt, *A condição humana*, Chicago, 1958, p. 325 · Catão, em Cícero: o paradoxo do ativo que nada faz · [V-en via secundária: Estudo XIII, 4.3; paráfrase]
15. 4.6 · Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*, cap. 13, Harcourt, 1973, p. 476; Epicteto, *Diatribes*, III, 13 (original não aberto) · “precisa dos outros” · [V-en via secundária: Estudo XIII, 4.3; paráfrase]
16. 4.6 · Hannah Arendt, *A vida do espírito* II, *O querer*, Harcourt, 1978 · Epicteto e a vontade como poder do eu · [paráfrase; tese a confirmar]
17. 4.7 · Blaise Pascal, *Conversa com o senhor de Saci*, trad. inglesa Wight, 1909; francês não aberto · “mereceria ser adorado”; “orgulho diabólico”; “que a alma é uma porção da substância divina” · [V-en: Wight; tradução do estudo]
18. 4.7 · Michel de Montaigne, *Ensaios*, I, 14; inglês de Florio · “sentença grega antiga” · [V-fr; V-en: Florio; tradução do estudo]
19. 4.7 · René Descartes, *Discurso do método*, 3.ª parte; inglês de Veitch · “mudar meus desejos antes que a ordem do mundo” · [V-fr; V-en: Veitch; tradução do estudo]
20. 4.7 · Baruch Spinoza, *Ética*, V, Prefácio, inglês de Elwes; latim não aberto · “os estoicos pensaram que os afetos dependiam absolutamente da nossa vontade” · [V-en: Elwes; tradução do estudo]
21. 4.7 · Paul Ricoeur, *Tempo e narrativa* III, ed. portuguesa, pp. 115 e 436 · “uma configuração ética, muito marcada por certo estoicismo” · [V-pt via secundária: Estudo IX, 4.2]
22. 4.7 · Friedrich Nietzsche, *A gaia ciência*, §276, inglês de Common · “*Amor fati*: que seja este, de agora em diante, o meu amor!” · [V-en: Common; tradução do estudo; página a confirmar]
23. 4.7 · Friedrich Nietzsche, *Ecce Homo*, “Why I am so clever” (título vertido pelo estudo), inglês de Cohn; seção a confirmar · “não só o necessário deve ser suportado, […] como também deve ser *amado*” · [V-en: Cohn; tradução do estudo]
24. 4.7 · Friedrich Nietzsche, *Além do bem e do mal*, §9, inglês de Zimmern · “Ó nobres estoicos, que fraude de palavras!” · [V-en: Zimmern; tradução do estudo]
25. 4.8 · Pierre Hadot, *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, conforme Ana Carolina Lima, *Prometeus* 36, 2021 · atenção, meditação, exame, visão do alto · [paráfrase; V via secundária: Lima, 2021]

O cânon e os escritos

1. 4.1 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
2. 4.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · as duas perguntas do Examinar e o fecho em gratidão
3. 4.2 · Tratado da Vigília, “Definição” · “consolo, quando consolar é explicar”
4. 4.3 · Cânon v1.2, “O Abrigo”; “As Águas Comuns” · “Sê casa para o outro”; “Ninguém navega um rio privado”
5. 4.5 · Catecismo, 36 · “Não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro”
6. 4.5 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança”
7. 4.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria”
8. 4.6 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Estar consigo é o dois-em-um do pensar […]. Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio”
9. 4.7 · Tratado da Vigília, “Fundamentação”, sobre Boécio · “o Lumen Fluens honra o gesto e não adota a providência”
10. 4.7 · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz”
11. 4.8 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la”
12. 4.2 · Decisão n.º 8 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · o princípio de Levinas sobre a dor do próximo
13. 4.2 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · o sentido do sofrimento “não se ensina, só se acha”
14. 4.3 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”
15. abertura · Decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar”
16. 4.4 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “aceita de Aristóteles o exercício e recusa a medida”; “gradua pessoas”
17. 4.4 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · hábitos “sem que o valor da pessoa dependa delas”
18. 4.4 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma”
19. abertura · Decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a Ficha “recebe a recusa agostiniana da *apatheia*”
20. 4.6 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · o dois-em-um cabe na letra do Examinar “como leitura”
21. 4.6 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · a margem é “estar consigo”
22. abertura · Decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II, ao lado de Sócrates”
23. 4.1 · Ficha do Estudo II · “cidadela interior, não” · [Ficha, não cânon]
24. 4.8 · Ficha do Estudo I · as três palavras da Ficha · [Ficha, não cânon]

25. 4.1 · Estudo VII, 4.2 · “conceito sem vida”; “o negativo se converte em afirmativo”; “a um rumo retórico e parenético” · [leitura do estudo]
26. 4.1 · Estudo VII, 3.4 e 2.2 · “a grandeza desse princípio”; “mesmo avô” · [leitura do estudo]
27. 4.3 · Estudo X, 4.1 · “não traz interlocutor, refutação nem Sócrates” · [leitura do estudo]
28. 4.4 · Estudo XI, 4.1 · “celebração” treze vezes · [leitura do estudo]
29. 4.7 · Estudo XI, 4.7 · o “animal social” de Sêneca e “a tradução-padrão”, segundo Arendt · [leitura do estudo]
30. 4.6 · Estudo XIII, 1.8 · “politicamente irrelevante” · [leitura do estudo]

Capítulo 5 — A Ficha e as prévias: o que a série já disse do estoicismo

As páginas de Dinucci e Julien são as da versão digital da *Prometeus* (EDUFS, 2012).

A Stoa

1. 5.1 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 43 · “rio dos acontecimentos… corrente violenta é o *aiōn*, a era, o tempo inteiro” · «Ποταμός τίς ἐστι τῶν γινομένων καὶ ῥεῦμα βίαιον ὁ αἰών» · [V-gr; tradução do estudo]
2. 5.1 · Marco Aurélio, *Meditações*, VI, 15 · “neste rio, que valor dar a algo que passa correndo?” · «ἐν δὴ τούτῳ τῷ ποταμῷ τί ἄν τις τῶν παραθεόντων ἐκτιμήσειεν» · [V-gr; tradução do estudo]
3. 5.1 · Epicteto, *Diatribes*, II, 8, 11 · “és um fragmento de deus” · «σὺ ἀπόσπασμα εἶ τοῦ θεοῦ» · [V-gr; tradução do estudo]
4. 5.1 · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 1 · “que mal teu curaste hoje?” · «quod hodie malum tuum sanasti?» · [V-la; tradução do estudo]
5. 5.1 · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 3–4 · “por agora te perdoo” · «nunc tibi ignosco» · [V-la; tradução do estudo]; Lohner, via Franco 2022, grafia a conferir
6. 5.1, 5.4 · Epicteto, *Diatribes*, III, 10, 2–3 · “das boas, alegra-te” · «χρηστὰ δὲ τέρπου» · [V-gr; tradução do estudo]
7. 5.1, 5.4 · Epicteto, *Encheirídion*, 1, 1; Dinucci e Julien, p. 15 · “encargos nossos”; “o corpo, as posses, a reputação, os cargos públicos” · «ἐφ’ ἡμῖν… τὸ σῶμα, ἡ κτῆσις, δόξαι, ἀρχαί» · [V-gr; V-pt: Dinucci e Julien]
8. 5.1, 5.4 · Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 116 · alegria, cautela, vontade (as três *eupatheiai*) · «χαράν, εὐλάβειαν, βούλησιν» · [V-gr]
9. 5.1, 5.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 23, 3–4 · “a verdadeira alegria é coisa séria” · «verum gaudium res severa est» · [V-la; V-en: Gummere; tradução do estudo]
10. 5.1 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 9, 3; Dinucci, *Prometeus* 4 (8), 2011, p. 117 · “mas as sente” · «sed sentit» · [V-la; V-pt: Dinucci]
11. 5.1, 5.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 9, 3; Dinucci, p. 118 · “ainda que baste a si mesmo… deseja ter amigo” · «quamvis sibi ipse sufficiat… amicum habere vult» · [V-la; V-pt: Dinucci]
12. 5.1, 5.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11 · “o destino conduz quem quer, arrasta quem não quer” · «ducunt volentem fata, nolentem trahunt» · [V-la; tradução do estudo]
13. 5.1, 5.4 · Epicteto, *Encheirídion*, 53, 1; Dinucci e Julien, p. 37 · “e se, mau me tornando, não o quiser, ainda assim vos seguirei” · «ἢν δέ γε μὴ θέλω, κακὸς γενόμενος, οὐδὲν ἧττον

ἕψομαι» · [V-gr; V-pt: Dinucci e Julien]; versos de Cleantes (Dinucci, n. 70)

14. 5.1 · Marco Aurélio, *Meditações*, VIII, 48 · “uma acrópole é a mente livre de paixões” · «ἀκρόπολίς ἐστιν ἡ ἐλευθέρα παθῶν διάνοια» · [V-gr; tradução do estudo]
15. 5.1, 5.4 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 3 · “renova-te… àquilo a que voltas” · «ἀνανέου σεαυτόν… ἐφ’ ἃ ἐπανέρχῃ» · [V-gr; tradução do estudo]
16. 5.2, 5.4 · Epicteto, *Diatribes*, II, 1, 32 · “refutava a si mesmo e se examinava” · «αὐτὸς ἑαυτὸν ἤλεγχεν καὶ ἐξήταζεν» · [V-gr; tradução do estudo]
17. 5.2, 5.4 · Epicteto, *Encheirídion*, 51, 3; Dinucci e Julien, p. 36 · “deves viver desejando ser como Sócrates” · «ὡς Σωκράτης γε εἶναι βουλόμενος ὀφείλεις βιοῦν» · [V-gr; V-pt: Dinucci e Julien]
18. 5.2, 5.4 · Epicteto, *Diatribes*, III, 13, como Arendt o usa · desolação (*eremos*) e estar só (*monos*) · [paráfrase; V-en via secundária: Estudo XIII, 4.3; original não aberto]
19. 5.3 · Epicteto, *Diatribes*, I, 6, 32–36 · “úteis para mostrar e exercitar” · «εὔχρηστα ἦν πρὸς τὸ δεῖξαι καὶ γυμνάσαι» · [V-gr; tradução do estudo]
20. 5.3 · Marco Aurélio, *Meditações*, XII, 24 · “acaso ou providência” · «ἤτοι κατ' ἐπιτυχίαν ἢ κατὰ πρόνοιαν» · [V-gr; tradução do estudo]
21. 5.3 · Epicteto, *Diatribes*, I, 9, 1 · “do mundo” · «κόσμιος» · [V-gr; tradução do estudo]
22. 5.3 · Epicteto, *Diatribes*, II, 10, 3 · “cidadão do mundo” · «πολίτης εἶ τοῦ κόσμου» · [V-gr; tradução do estudo]
23. 5.3 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 116, 1 · “os nossos as expulsam, os peripatéticos as moderam” · «Nostri illos expellunt, Peripatetici temperant» · [V-la; tradução do estudo]
24. 5.4 · Epicteto, *Diatribes*, I, 14, 12–14 · “deus está dentro e o vosso *daimon*” · «ὁ θεὸς ἔνδον ἐστὶ καὶ ὁ ὑμέτερος δαίμων ἐστίν» · [V-gr; tradução do estudo]

A tradição

1. 5.1 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 9 · “quem não julgaria este torpor pior que todos os vícios?” · «quis hunc stuporem non omnibus uitiis iudicet esse peiorem?» · [V-la; tradução do estudo]
2. 5.2 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 4, 3 · “disputa de palavras, não exame de coisas” · «uerborum certamini, non rerum examini deputandum est» · [V-la via secundária: Estudo XII; localização a confirmar]
3. 5.2 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 9 · “viveríamos antes não retamente” · «tunc potius non recte uiuimus» · [V-la via secundária: Estudo XII; localização a confirmar]
4. 5.2 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 9 · “desta vida, e não daquela” · «sed nec ipsa huius est uitae» · [V-la via secundária: Estudo XII; localização a confirmar]
5. 5.1, 5.3 · Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, “Stoicism”; Baillie · “no trono e nas cadeias”; pensamento “sem conteúdo” · «on the throne as well as in fetters»; «contentless thought» · [V-en: Baillie; tradução do estudo]
6. 5.1 · Nietzsche, *A gaia ciência*, IV, §276 · *amor fati* · «*Amor fati*: let that henceforth be my love!» · [V-en: Common]
7. 5.1 · Foucault, o exame de *Sobre a ira*, III, 36, como balanço de administrador, e não julgamento (texto de 1980) · [paráfrase; V-en via secundária: texto de 1980]; a aula de 24/03/1982 é tese a confirmar

8. 5.3 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, ed. esp., p. 171 · “orgulho estoico da inflexível constância a si” · [V-es via secundária: Estudo IX, 4.4]

O cânon e os escritos

1. 5.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá.”
2. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma”
3. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “A luz interior do Pilar I é participação nesse princípio comum”; “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
4. 5.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
5. 5.1 · Catecismo, 17 · “A transcendência — o que vai além de nós — passa pela matéria.”
6. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela.”; Prática: “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
7. 5.1 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo diário” · “com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível”
8. 5.1 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos”
9. 5.1 · Catecismo, 47 · “Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama”
10. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “O exame diário não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta”
11. 5.1, 5.4 · Meditações Práticas, “O Portar do dia” · “uma mudança que você não pediu”; “que mensagem carrego através disto?”
12. 5.1, 5.4 · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz.”
13. 5.1, 5.4 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança.”
14. 5.1 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal” · “Idealmente com outros”
15. 5.1 · Cânon v1.2, “Origem” · “portá-la como mensagem”
16. 5.1 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “quem se recusa a apagar não consentiu em nada”
17. 5.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro”; “lamparina de museu”
18. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
19. 5.1, 5.4 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
20. 5.1 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “‘Individual’ nomeia aqui o fechamento”
21. 5.1 · Decisão n.º 4 de 17/10/2026, sobre o Estudo VII · “A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio — o Flumen —, não o Abrigo.”
22. 5.1 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, sobre o Estudo X · “O sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”
23. 5.1 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026, sobre o Estudo XI · “O intelecto agente ‘como a luz’ é estrutura, nunca nome da Luz”

24. 5.1 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026, sobre o Estudo XII · “a luz imutável que ele viu ao entrar em si é estrutura, e nunca nome da Luz”
25. 5.1 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026, sobre o Estudo XIII · “A pluralidade entra como estrutura, não como palavra da letra”
26. 5.2 · Decisão n.º 8 de 23/10/2026, sobre o Estudo X · “Sócrates entra na Ficha do Estudo II, como o modelo que Sêneca e Epicteto tomam para o exame e o portar.”
27. 5.2 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, sobre o Estudo XII · “a Ficha do Estudo II recebe a recusa agostiniana da *apatheia*, como recebeu Sócrates.”
28. 5.2 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, sobre o Estudo XIII · “Catão e Epicteto entram na Ficha do Estudo II, ao lado de Sócrates.”
29. 5.2 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, sobre o Estudo XIII · “O dois-em-um cabe na letra do Examinar: como leitura, sem receber o nome de pensar nem de vida examinada”
30. 5.2, 5.4 · Decisão n.º 4 de 31/10/2026, sobre o Estudo XIII · “A margem é ‘estar consigo’”
31. 5.1, 5.3 · Ficha, Estudo II, toque 1 · “O rio é herança comum…” · [Ficha, não cânon]
32. 5.1 · Ficha, Estudo II, toque 2 · “O logos: a luz como participação num princípio que nos excede.” · [Ficha, não cânon]
33. 5.1 · Ficha, Estudo II, toque 3 · “O exame noturno… tribunal lá, misericórdia aqui.” · [Ficha, não cânon]
34. 5.1 · Ficha, Estudo II, toque 4 · “Portar o involuntário…” · [Ficha, não cânon]
35. 5.1 · Ficha, Estudo II, fronteira 1 · “desconfiamos de uma sabedoria que não dança.” · [Ficha, não cânon]
36. 5.1 · Ficha, Estudo II, fronteira 2 · “aceitar é o começo do gesto, não o fim.” · [Ficha, não cânon]
37. 5.1, 5.3 · Ficha, Estudo II, fronteira 3 · “cidadela interior, não; casa de portas abertas.” · [Ficha, não cânon]
38. 5.2 · Estudo X (Platão), 4.1 · “não traz interlocutor, refutação nem Sócrates” · [leitura do estudo]
39. 5.2 · Estudo XIII (Arendt), 4.3 · dirigir a Epicteto a recusa de estrutura da cidadela é inferência do estudo · [leitura do estudo]
40. 5.3 · Estudo VII (Hegel), 4.2 e 2.2 · “apenas a abstrata”; “o negativo se converte em afirmativo”; “o mesmo avô” · [leitura do estudo]
41. 5.3 · Estudo VIII (Levinas), 4.5 · “nenhum rosto pode ser abordado de mãos vazias e com a casa fechada” · [leitura do estudo]
42. 5.3 · Estudo XI (Aristóteles), 4.1 · *Sobre a ira*, I, 9, em tradução inglesa · [V-en via secundária: Estudo XI; localização a confirmar]

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

A Stoa

1. 6.2 · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 1 (Latin Library) · “Que mal teu curaste hoje? A que vício resististe? Em que parte és melhor?” · «quod hodie malum tuum sanasti? cui uitio obstitisti? qua parte melior es?» · [V-la; tradução do estudo]
2. 6.2 · Epicteto, *Diatribes*, III, 10, 2–3 (Perseus) · os versos pitagóricos · «μηδ’ ὕπνον μαλακοῖσιν ἐπ’ ὄμμασι» · [V-gr; paráfrase]

3. 6.2, 6.3 · Epicteto, *Encheirídion*, 53 (Dinucci–Julien) · os versos que Dinucci e Sêneca dão a Cleantes · «ἄγου δέ μ’, ὦ Ζεῦ» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
4. 6.2, 6.3 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 107, 11 (Dinucci, *Prometeus* 1 (1), 2008, pp. 26–27) · “o destino conduz quem lhe obedece e arrasta a quem lhe opõe resistência” · «ducunt volentem fata, nolentem trahunt» · [V-la; V-pt: Dinucci]
5. 6.2 · Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6 (Latin Library) · “não sirvo a deus, assinto” · «nec seruio deo sed assentior» · [V-la; tradução do estudo]
6. 6.1, 6.3, 6.5 · Sêneca, *Sobre a ira*, III, 36, 3–4 (Lohner, 2014, p. 183, por Franco 2022) · “por agora te perdoo” · «nunc tibi ignosco» · [V-la; V-pt via secundária: Lohner, por Franco 2022; grafia a conferir]
7. 6.3, 6.5 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 3 (Perseus) · o retiro em si · «ἐφ’ ἃ ἐπανέρχῃ» · [V-gr; paráfrase]
8. 6.3, 6.4 · Marco Aurélio, *Meditações*, II, 1 (Perseus) · “por ignorância dos bens e males” · [V-gr; tradução do estudo]
9. 6.3, 6.4 · Epicteto, *Encheirídion*, 42 (Dinucci–Julien) · “assim lhe parece” · «ἔδοξεν αὐτῷ» · [V-gr; V-pt: Dinucci–Julien]
10. 6.3, 6.4 · Sêneca, *Da clemência*, II, 3, 1 (Latin Library) · “moderação do ânimo no poder de vingar-se” · «temperantia animi in potestate ulciscendi» · [V-la; tradução do estudo]
11. 6.3, 6.4 · Marco Aurélio, *Meditações*, VII, 22 (Perseus) · “amar também os que tropeçam” · «φιλεῖν καὶ τοὺς πταίοντας» · [V-gr; tradução do estudo]
12. 6.3 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 47, 1 (Murachco, *Em curso* 8, 2021, pp. 1 e 3) · “‘São escravos.’ Antes, homens” · «Servi sunt. Immo homines» · [V-la; V-pt via secundária: Murachco]
13. 6.3 · Epicteto, *Diatribes*, II, 10, 3; I, 9, 1 (Perseus) · “cidadão do mundo”; *kosmios* · «πολίτης εἶ τοῦ κόσμου» · [V-gr; tradução do estudo]
14. 6.4 · Marco Aurélio, *Meditações*, V, 1 (Perseus) · a manhã · «ἐπὶ ἀνθρώπου ἔργον ἐγείρομαι» · [V-gr; paráfrase]
15. 6.4 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 101, 10 (Latin Library) · “cada dia como uma vida” · «singulos dies singulas vitas puta» · [V-la; tradução do estudo]
16. 6.4 · Epicteto, *Encheirídion*, 17 (Dinucci–Julien) · o ator · «ὑποκρίνασθαι πρόσωπον καλῶς» · [V-gr; paráfrase]
17. 6.4 · Epicteto, *Diatribes*, IV, 1, 1 (Perseus) · a liberdade · «ἐλεύθερός ἐστιν ὁ ζῶν ὡς βούλεται» · [V-gr; paráfrase]
18. 6.5 · Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 94, 29 (Latin Library) · a centelha que “um sopro leve” desdobra em fogo · «scintilla flatu levi adiuta ignem suum explicat» · [V-la; tradução do estudo]
19. 6.1, 6.5 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 43 (Perseus) · “uma corrente violenta” · «ῥεῦμα βίαιον» · [V-gr; tradução do estudo]
20. 6.5 · Marco Aurélio, *Meditações*, XI, 8 (Perseus) · o ramo que pode “reunir-se de novo ao vizinho” · «πάλιν συμφῦναι τῷ προσεχεῖ» · [V-gr; tradução do estudo]

A tradição

1. 6.4 · Pierre Hadot, *Exercícios espirituais e filosofia antiga*; Michel Foucault, *A hermenêutica do sujeito* · exercícios espirituais; cuidado de si · [V via secundária]

2. 6.4 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5; XIV, 9 · a *misericordia* defendida; a *apatheia* recusada · [V-la; paráfrase]
3. 6.4 · Agostinho, *A cidade de Deus*, V, 8–9 · o destino e a providência estoicos, apontados e não citados · [localização a confirmar]
4. 6.3 · Aldo Dinucci, *Encheirídion de Epicteto* (EDUFS, 2012) · “encargos nossos” por *ta eph' hēmin* · [V-pt: Dinucci–Julien]
5. 6.1 · John Sellars, a crítica ao estoicismo de hoje como técnica · [tese a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 6.1, 6.2, 6.4, 6.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”; “A luz não se acende — ela se revela”
2. 6.1, 6.2, 6.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · o retiro “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
3. 6.1, 6.2 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite”
4. 6.5 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “O rio não pune a folha que parou numa margem: ele a retoma”
5. 6.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · a lamparina de museu
6. 6.2 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “honra o gesto e não adota a providência, porque a Vigília não lê a noite de cima nem do fim”
7. 6.2 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “quem se recusa a apagar não consentiu em nada”
8. 6.2, 6.3 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “não é o exame de um juiz severo”; “em voz baixa ou numa frase escrita”
9. 6.2, 6.3 · Catecismo, 14 · “Suportar é aguentar o que vem; portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz”
10. 6.1, 6.3, 6.4, 6.5 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”; “resiste-se”
11. 6.5 · Catecismo, 31 · o Abrigo “pode revelar uma luz que estava escondida”
12. 6.2, 6.3 · decisão n.º 1 de 17/10/2026 · “aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia”
13. 6.3, 6.5 · decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “a mão que retoma é o rio”; a retomada é pertencimento
14. 6.3 · decisão n.º 5 de 17/10/2026 · o lobo “com ou sem intenção”
15. 6.3 · decisão n.º 9 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · a justiça devida ao lobo continua aberta até o tratado
16. 6.2, 6.3 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII; n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · estrutura, nunca nome da Luz
17. 6.2, 6.4 · decisão n.º 8 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · Sócrates como modelo
18. 6.3 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI; n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · as fronteiras fixadas para os clássicos
19. 6.2, 6.3 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”; a fórmula de 17 de outubro não se estende a Agostinho

20. 6.3, 6.4 · decisão n.º 10 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · a mão que retoma e a graça; a recusa agostiniana da *apatheia* na Ficha II
21. 6.1, 6.4 · decisão n.º 11 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · Catão e Epicteto na Ficha II
22. 6.1, 6.3 · Ficha do Estudo II (outubro de 2026) · as sete frases · [Ficha, não cânon]
23. 6.4 · Ficha do Estudo III (outubro de 2026) · “Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz” · [Ficha, não cânon]
24. 6.4 · Ficha do Estudo V (outubro de 2026) · “Contra a vida por papéis” · [Ficha, não cânon]
25. 6.3 · Estudo X, 4.1 · “cidadão do mundo” em *Diatribes*, I, 9 · [leitura do estudo]

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES

Conferências pendentes

Este estudo traz 51 passagens marcadas para conferir e 688 marcas de verificação ao todo. Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página e edição que a leitura cuidadosa de um exemplar em mãos pode fechar. Os itens estão numerados entre parênteses dentro de cada célula. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

Tipo	O que falta
Edições não abertas	(1) Sêneca em português: *Cartas a Lucílio*, Segurado e Campos (Gulbenkian; ano, volumes e introdução a confirmar); os quatro volumes de Lohner na Penguin-Companhia (2014, 2017, 2021, 2026), de que só se conhece o que Franco (2022) cita de *Sobre a ira*; *Da clemência*, Braren (Vozes de Bolso, 2013), cujo português chega por Bueno (2022). (2) Epicteto: a edição impressa de Dinucci–Julien (EdiUFS, 2012; o estudo abriu a versão digital da *Prometeus*), a de Coimbra (2014), os *Testemunhos e fragmentos* e o *Manual* de Silveira Mendonça. (3) Marco Aurélio em português: Dinucci (Penguin-Companhia, 2024; só a ficha da editora), Maia, Botelho, Lúcia Miguel Pereira, António Sérgio, Sousa, Fonseca, Li e Bini; todo o português de Marco Aurélio é do estudo. (4) Diógenes Laércio, Gama Kury (UnB); as traduções brasileiras e portuguesas de Cícero (*Dos deveres*, *Dos fins*), que a pesquisa de fontes não identificou. (5) Originais e aparatos: o OCT de Reynolds para Sêneca; Dalfen e Farquharson para Marco Aurélio; Musônio em Hense; Estobeu (Cleantes e Hiérocles) e as localizações de Wachsmuth–Hense; SVF; Long–Sedley; Loeb de Basore, Oldfather e Haines; Hard; a Budé, que não foi usada. (6) Intérpretes: *Exercícios espirituais* e *La Citadelle intérieure* (Hadot), a aula de Foucault de 24/03/1982, Nussbaum, Graver, Inwood, Long, Griffin, Veyne, Bobzien, Gill, Sellars, Annas, Brennan, Gourinat: nenhum foi aberto. (7) A tradição: Agostinho em Paes Leme e em Dias Pereira (a letra portuguesa é do estudo, sobre o latim e sobre Dods); o latim de Jerônimo; o francês de Pascal e os *Pensées*; o latim de Spinoza; o alemão de Hegel e de Nietzsche; Hegel na tradução de Meneses e a numeração §§197–201 de Miller; Nietzsche em Souza; as cartas de Descartes a Elisabeth; *A vida do espírito* II, de Arendt. (8) O que chega só por intermediário dos Estudos anteriores: o latim da *Carta* 104, 27–28 e o inglês da *Carta* 6, 6 (Estudo X); *Sobre a ira*, I, 9 (Estudo XI); *Diatribes*, III, 13, e Arendt, *Origens*, cap. 13, p. 476, e *A condição humana*, p. 325 (Estudo XIII).
Passagens com [página a confirmar], [localização a confirmar] ou [tese a confirmar], por capítulo e seção	**Prólogo**: (1) "Como ler este estudo" define as marcas e não traz passagem própria; nas Fontes do Prólogo, Foucault, aula de 24/03/1982 [tese a confirmar], e Nietzsche, *Ecce Homo* [seção a confirmar]. **Cap. 1**: (2) 1.1, a ética da Stoa antiga apoiada na natureza do todo [paráfrase; localização a confirmar]; Epicteto, escravo e depois liberto [localização a confirmar]. (3) 1.2, "não é o que te acontece, mas como reages" [atribuição a confirmar]. (4) 1.5, Bobzien, Crisipo compatibilista [tese a confirmar; página a confirmar]; Nietzsche, *Ecce Homo*, seção. (5) 1.7, Hadot, *La Citadelle intérieure*, página [paráfrase; página a confirmar]; Arendt, *Origens*, cap. 13, p. 476, e Epicteto, *Diatribes*, III, 13 [localização a confirmar]. (6) 1.8, Foucault, aula de 24/03/1982 [tese a confirmar]. (7) 1.9, Lohner, *Sobre a ira*, III, 36, 3–4, via Franco 2022 [grafia a conferir]. **Cap. 2**: (8) 2.2, Foucault, aula de 24/03/1982 [tese a confirmar; página a confirmar]. (9) 2.5, Sêneca, *Sobre o ócio*, 4, 1, "duas repúblicas" [localização a confirmar]. (10) 2.6, Hadot, *La Citadelle intérieure*, página [paráfrase; página a confirmar]. (11) 2.9, a *praemeditatio malorum* [paráfrase; localização a confirmar]; "de cima", cuja ocorrência única nas Meditações Práticas o texto marca como a conferir. **Cap. 3**: (12) 3.3, Diógenes Laércio, *Vidas*, VII, 111, "por quem sofre indignamente", em Hicks [conferência a fazer]; (13) 3.3, Foucault, aula de 24/03/1982 [tese a confirmar]; Lohner, via Franco 2022. (14) 3.4, Graver, as *eupatheiai* como emoções do sábio [paráfrase; tese a confirmar]. **Cap. 4**: (15) 4.1, Hegel, Baillie, e a numeração §§197–201 de Miller [página a confirmar]. (16) 4.5, Gélio: o lugar da doutrina no

Tipo	O que falta
	corpus conservado de Epicteto [localização a confirmar]; Jerônimo, *Sobre os homens ilustres*, 12 [tradutor a confirmar]. (17) 4.6, Arendt, *A vida do espírito* II, Epicteto e a vontade [paráfrase; tese a confirmar]. (18) 4.7, Agostinho, *A cidade de Deus*, V, 8–9 [localização a confirmar]; se *Encheirídion*, 8, já ama o destino [tese a confirmar]; Nietzsche, *A gaia ciência*, §276 [página a confirmar] e *Ecce Homo* [seção a confirmar]. (19) 4.8, McEvilley e Kuzminski; Pigliucci, Holiday, Irvine e Becker; Sellars [tese a confirmar]; "o obstáculo é o caminho" [atribuição a confirmar]. **Cap. 5**: (20) 5.2, Agostinho, IX, 4, 3 e XIV, 9 (duas passagens), via Estudo XII [localização a confirmar]. (21) 5.3, *Sobre a ira*, I, 9, em inglês, via Estudo XI [localização a confirmar]. **Cap. 6**: (22) nenhuma marca no corpo; as Fontes remetem às seções 1.2, 1.5, 1.9, 3.2 e 4.3, onde as marcas estão.
Passagens traduzidas pelo estudo	(1) Do latim, entre outras: de Sêneca, "por agora te perdoo", "vigia de si e censor secreto", "vivi, e cumpri o curso", "a verdadeira alegria é coisa séria", "o destino conduz quem lhe obedece", "não sirvo a deus, assinto", "uma doença do ânimo", "nada de mau pode acontecer", "só o tempo é nosso"; de Cícero, "acende uma luz a partir da própria luz"; de Gélio, Agostinho e Tácito. A cotejar com Segurado e Campos (*Cartas*), Lohner (*Ira*, *Providência*, *Ócio*, *Vida feliz*) e Braren (*Clemência*); as *Cartas* 9, 41, 47, 58 e 107 já têm português aberto (Dinucci, Miotti, Murachco, Furlan). (2) Do grego, entre outras: todo Marco Aurélio, a cotejar com Dinucci (2024) e com Maia, Botelho e Lúcia Miguel Pereira; as *Diatribes* de Epicteto fora do livro I (Dinucci só traduziu I, 24–25 e 29–30 além do livro I); Diógenes Laércio, a cotejar com Gama Kury; o *Hino a Zeus*, vv. 18–21, via Thom e Watanabe. (3) Do inglês, entre outras: Hegel (Baillie), Nietzsche (Common, Cohn, Zimmern), Pascal (Wight), Montaigne (Florio), Descartes (Veitch), Spinoza (Elwes), Jerônimo, Agostinho (Dods), Veyne (via *SEP*); a cotejar com Souza (Nietzsche), Meneses (Hegel), Paes Leme e Dias Pereira (Agostinho). (4) Do espanhol: as passagens de Ricoeur (*O si-mesmo como um outro*, pp. 171 e 292–293; *Finitude e culpabilidade*, p. 461) que vêm pelos Estudos VIII e IX. (5) Cada tradução deve ser cotejada com a edição brasileira ou portuguesa correspondente antes de qualquer publicação.
A convenção "coisa séria" / "alegria severa" e as traduções fixadas	(1) *Verum gaudium res severa est* (*Cartas a Lucílio*, 23, 3–4) vai "a verdadeira alegria é coisa séria"; Gummere traz *stern*; "alegria severa" é o nome que o estudo dá à fronteira de 3.4, a partir do latim, e não é letra de tradução alguma. Falta o cotejo com Segurado e Campos. (2) *Eupatheiai* vão "afetos bons"; *chara*, "elevação racional"; Graver, que dá a tese das *eupatheiai* como emoções do sábio, não foi aberto. (3) *Stuporem* (*A cidade de Deus*, XIV, 9) vai "torpor" no texto e "estupor" nas Fontes do cap. 5: uniformizar. (4) *On the throne as well as in fetters* (Baillie) vai "no trono e nas cadeias" (caps. 1 e 5) e "tanto no trono quanto nas cadeias" (cap. 4): uniformizar. (5) *Vixi et quem dederat cursum fortuna peregi* (*Carta* 12, 8–9) vai "vivi, e cumpri o curso que a fortuna me deu". (6) *Ta eph' hēmin* vai "encargos nossos" (Dinucci, contra "sob nosso controle", Hard e White), e *prohairesis*, "escolha" ou "capacidade de escolha" (Dinucci, contra *volition*, Long). (7) *Apospasmata* vai "partes e pedaços" no estudo e "partes e fragmentos" em Dinucci (nota 470). (8) *Ho aiōn* (*Meditações*, IV, 43) vai "a era, o tempo inteiro" no Prólogo e em 1.5 e "eternidade" nas Fontes do cap. 5: uniformizar. (9) *Kosmios* vai "do mundo, ordenado".
Divergências de localização resolvidas	(1) *Meditações*, IV, 43: o sujeito é *ho aiōn*, e o predicado, *potamos tis*; a fórmula "o tempo é um rio dos acontecimentos" é tradução, e não letra. VI, 15 tem *potamos*, mas não *tōn ginomenōn*; Heráclito vem por nome em IV, 46 e VI, 42; o "tudo flui" não consta com essa letra em nenhuma dessas seções. Falta abrir Dinucci (2024) para dizê-lo em português. (2) *Diatribes*, I, 9, 1 e 6 diz *kosmios*; "cidadão do mundo" (*politēs tou kosmou*) é II, 10, 3. O Estudo X, 4.1, deu o outro lugar, e o estudo o corrige em uma oração (4.3), sem reabri-lo. (3) O *daimon* está em I, 14, 12–14, e o *apospasma*, em I, 14, 6 e II, 8, 11 (o plano dava outro lugar). (4) *Carta* 41: não tem *lux*; a Stoa não chama a alma "luz" ali (41, 1: "deus está perto"; 41, 2: *spiritus*; 41, 5: os raios do sol; 41, 6: *nullo bono nisi suo nitet*). (5) *Carta* 92, 17–18: *lumen* e *igniculus*. (6) *Carta* 94, 29:

Tipo	O que falta
	scintilla. (7) Confirmadas pela letra: a *akropolis* é VIII, 48; "os que erram", II, 1; "viver com os deuses", V, 27.
Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados	(1) Por intermediário: Hadot (via Lima, 2021); Foucault (o texto de 1980, e Aggio para a p. 163); Lohner (via Franco 2022); Segurado e Campos (via Medino da Rocha 2016); Braren (via Bueno 2022); Inwood e Nussbaum (via Almeida e Pereira 2020); Long (via Stephens, BMCR 2002.11.03); Thom (via Watanabe); Hiérocles e Gourinat (via Pinto de Brito, BMCR 2016.11.05); Griffin e Veyne (via *SEP* e *IEP*); Joly e Peterlini (resumos dos artigos); Descartes e Elisabeth (via Watson, *Siris*); Levinas, Ricoeur, Aristóteles e Arendt (via os Estudos VIII, IX, XI e XIII). (2) Só nomeados: Graver (só títulos de capítulo), Annas, Brennan, Gill, Bobzien, Sellars, Gazolla, Hasegawa, Sinésio, Butti de Lima, Rocha Pereira, Costa Jr. e Frighetto (só o título), Pigliucci, Holiday, Irvine, Becker, McEvilley e Kuzminski. (3) Nomes da pesquisa de fontes que o estudo não usa e que ficam fora da bibliografia: Striker, Rist, Bréhier, Pohlenz, Frede, DeBrabander, James, Lipsius, Siderits, Whiting.
As frases virais e o que se achou	(1) "*Amor fati*": não aparece em nenhuma passagem estoica aberta; é de Nietzsche (*A gaia ciência*, §276, Common; *Ecce Homo*, "Warum ich so klug bin", Cohn, seção a confirmar). (2) "Não é o que te acontece, mas como reages": [atribuição a confirmar]; *Encheirídion*, 5, diz outra coisa ("as coisas não inquietam os homens, mas as opiniões"). (3) "Temos duas orelhas e uma boca": achada em Diógenes Laércio, VII, 23, dita de Zenão [V-gr]; o estudo não a usa. (4) "O obstáculo é o caminho": título de Holiday; *Meditações*, V, 20, diz a conversão do impedimento pela mente; é paráfrase, não frase da Stoa [atribuição a confirmar]. (5) "Sofremos mais na imaginação do que na realidade": *Carta* 13, 4, «saepius opinione quam re laboramus» [V-la]; "imaginação" é do inglês de Gummere, e o latim diz *opinio*; o estudo não a usa. (6) "A vida é longa, se soubermos usá-la": não foi achada nas fontes abertas; *Sobre a brevidade da vida* só foi visto na ficha da editora (Lohner, 2017); localização e letra [a confirmar]; o estudo não a usa.
Datas duvidosas	(1) Sêneca: nasce c. 4 a.C. (IEP, Wikipédia) ou c. 1 (SEP), uma diferença de até três anos; morre em 65 d.C. (2) Cleantes: c. 330–c. 230 a.C. (Wikipédia) ou c. 331–232 (plano). (3) Crisipo: c. 279–c. 206 a.C. (Wikipédia) ou c. 280–206 (plano). (4) Posidônio: "séculos II–I a.C.", sem datas conferidas em fonte aberta. (5) Musônio Rufo: "século I d.C.", sem datas conferidas. (6) Hiérocles: "século II d.C.", sem datas conferidas. (7) Epicteto: c. 50–c. 135; escravo de Epafrodito [a confirmar em fonte primária]; a expulsão dos filósofos por Domiciano, que a pesquisa de fontes registra e o capítulo 1 não usa, fica sem data e sem circunstância [a confirmar]. (8) Zenão, Panécio, Cícero e Marco Aurélio: datas das mesmas fontes, sem divergência marcada.
Divergências de edição e dados	(1) Dinucci–Julien, *Encheirídion*: EdiUFS, 2012, e Coimbra, 2014 (bibliografia de Dinucci, 2020), e não "Coimbra/EDUFS, 2012" como no plano; os *Testemunhos e fragmentos* trazem 2008 e 2009 na mesma bibliografia. (2) Lohner, *Sobre a ira*, III, 36, 3–4, em duas grafias: "Trata de não fazer mais isso; por agora te perdoo" (p. 183, via Franco 2022) e "cuida de não fazer mais isso" (cap. 1.9 e Fontes) [grafia a conferir]; o mesmo vale para III, 26, 4 (p. 175). (3) Hicks, *Vidas*, VII, 111: [conferência a fazer]. (4) *Ecce Homo*: a edição de Cohn não numera as seções; o §10 vem do plano. (5) Foucault: o texto de 1980 chega por intermediário não nomeado; a aula de 24/03/1982 não foi aberta, e "tribunal" e "contabilidade" não foram conferidas em aspas. (6) *ExClass = Exemplaria Classica*, n. 10, 2006, a confirmar. (7) Braren: Vozes de Bolso, 2013 (ficha de livraria), ou Vozes, 1990 (bibliografia de Bueno). (8) Segurado e Campos: 1991, com reedições que a fonte dá como 2004 e 2009. (9) O Prólogo diz que o latim de Cícero foi conferido na The Latin Library e que Hard foi visto em trechos; a pesquisa de fontes usou o Perseus para *Dos fins*, *Sobre o destino* e *Dos deveres*, e registra Hard como não aberto: corrigir o Prólogo ou a bibliografia. (10) *Prometeus* e *Prometheus* (n. 36, 2021) nas fontes. (11) Dinucci, *Meditações*: Penguin-Companhia, 2024, e não "Companhia das Letras", como numa das fichas da pesquisa de fontes. (12) A edição-base das *Diatribes* no Perseus, e as de Marco Aurélio e de Diógenes Laércio, não foram

Tipo	O que falta
	conferidas; a The Latin Library não numera as subseções de Agostinho (o Estudo XII usou IX, 4, 2–3, do CCSL).
A questão (i)	A questão (i) do Estudo VII consta como aberta em 19/10 e em 23/10 (sobre o Estudo IX) e já não consta da lista de 23/10 sobre o Estudo X; a pesquisa de fontes não identificou a decisão que a fechou [a confirmar]. O estudo não a menciona nem a reabre. Nada a conferir no texto; falta saber, nos registros do fundador, qual decisão a retirou.
O que a decisão do fundador pode resolver	Nada nas conferências é doutrina. À decisão do fundador cabem: (1) as perguntas abertas (bo) a (bx), mais as herdadas (g), (j) e (k); (2) a fórmula (6.2): "aceita da Stoa o exame e recusa a providência", ou "aceita da Stoa o portar e recusa a centelha nomeada", ou emenda; (3) a Ficha reescrita (5.4, pergunta (bx)): cinco toques e quatro fronteiras, sem "tribunal", sem "*amor fati*", sem "participação num princípio que nos excede" e sem "cidadela, não"; (4) os registros de procedimento: "cidadão do mundo" em *Diatribes*, I, 9 × II, 10, 3 (corrige o Estudo X sem reabri-lo); a Origem, "não resistir à mudança nem ser arrastado por ela", ouvida como eco de "conduz quem lhe obedece" sem ser afirmada como toque; e "encargos nossos" (Dinucci) por *ta eph' hēmin*. O que as conferências fecham é só o dado de fonte.

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens da Stoa foram conferidas, quando possível, no latim e no grego dos originais (The Latin Library; Perseus), com as traduções brasileiras e portuguesas à vista por intermediário (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-la], [V-gr], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

Marca	Total	Corpo	Aparato
[V-gr; tradução do estudo]	146	70	76
[V-la; tradução do estudo]	129	62	67
[leitura do estudo]	96	75	21
[V-gr]	73	34	39
[V-la]	58	28	30
[V-pt]	34	17	17
[V-en]	33	17	16
[V-en; tradução do estudo]	19	9	10
[V via secundária]	18	9	9
[paráfrase]	16	7	9
[hipótese do estudo]	14	14	0
[tese a confirmar]	12	8	4
[paráfrase; … a confirmar]	11	6	5
[… a confirmar]	10	7	3
[inferência do estudo]	7	7	0
[V-es]	6	3	3
[V-fr; tradução do estudo]	4	2	2
[V-fr]	1	1	0
[tradução do estudo]	1	1	0

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

Capítulo	Citações	Palavras
Prólogo — O estado da questão e o método	71	4414
1. O estoicismo em sua melhor forma	134	5465
2. Onde nos tocamos	128	3860
3. Onde nos separamos	151	5421
4. O estoicismo diante das casas da série	101	3955
5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do estoicismo	101	2881
6. Síntese, fórmula e questões abertas	82	4148

Capítulo	Citações	Palavras
Total	768	30144

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.